



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

CRÉVIO ADELINO DA ROCHA

O SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS:

Expressão de Religiosidade no Nordeste Brasileiro

RECIFE/2013

CRÉVIO ADELINO DA ROCHA

**O SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS:
Expressão de Religiosidade no Nordeste Brasileiro**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Área de conhecimento: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior

RECIFE/2013

R672s

Rocha, Crévio Adelino da

O santuário de São Severino do Ramos : expressão de religiosidade no nordeste brasileiro / Crévio Adelino da Rocha ; orientador João Luiz Correia Júnior, 2013.

105 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2012.

1. Religião. 2. Devoção. 3. Religiosidade popular - Pernambuco. Santuários - Paudalho (PE). I. Título.

CDU 282(81)

CRÉVIO ADELINO DA ROCHA

O SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS:

Expressão de Religiosidade no Nordeste Brasileiro

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior (UNICAP-PE)

Prof. Dr. Valmor da Silva (PUC-GO)

Prof. Dr. Drance Elias da Silva (UNICAP-PE)

RECIFE/2013

Aos estudiosos do fenômeno religioso

Dedico

AGRADECIMENTOS

- A Deus, pela vida;
- À Coordenação e ao Corpo Docente do curso, em especial ao Prof. Dr. Newton Cabral, pelo apoio em momentos cruciais do prosseguir,
- Ao meu orientador Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior; pelo incentivo ao longo desta caminhada,
- Aos amigos Luciano Trajano, Severina Lima, Raquel Araújo, Tomires Silva, Marta Cruz e Emanuelle Santana, pela palavra amiga e oportuna,
- Enfim, a todos que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho acadêmico.

Valei-me meu São Severino, proteja os seus Romeiros que vêm de longe buscar os milagres verdadeiros, afastai do nosso lar olhos grandes e macumbeiros. Quem tem fé neste Santo que possui esta Oração, não sofrerá acidente nem também contradição. Tem as bênçãos Jesus e da Virgem da Conceição. São Severino do Ramos livrai dos 3 dias de escuro e de vinda da Besta Fera me botai num lugar seguro, defendei-me do inimigo e protegei o meu futuro. (ORAÇÃO DOS ROMEIROS)

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar a relação entre o devoto e o santo no Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho-PE, buscando identificar as trocas simbólicas nas manifestações de devoções populares. A fundamentação foi construída a partir das obras de Pierre Bourdieu, Alberto Beckhauser, João de Deus Gois, Eduardo Hoornaert, Faustino Teixeira e Renata Menezes, Sylvana Brandão, entre outros. Do ponto de vista metodológico, considera-se que o caminho seguido foi a abordagem fenomenológica utilizando bibliografia especializada nos estudos da religiosidade popular para compreender os conceitos relativos ao tema, entre a devoção aos santos, os santuários, religião e religiosidade popular, catolicismo santoral e turismo religioso. A pesquisa exploratória descritiva foi utilizada para investigar a relação das trocas simbólicas relativas à promessas, milagres e ex-votos entre os devotos de São Severino do Ramos, no Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho-PE, à luz da noção de que toda busca do sagrado tem como ponto de partida necessidades humanas inadiáveis, bem como a gratidão por tais necessidades terem sido atendidas. O trabalho é composto por três capítulos sendo que o primeiro deles contextualiza sobre a devoção aos santos no decorrer da história, abordando questões sobre a origem; a devoção aos santos no Brasil; a devoção a São Severino do Ramos e o santuário que leva seu nome em Paudalho-PE. O segundo capítulo traz os conceitos relativos ao tema entre religião e interfaces com a religiosidade popular; religiosidade popular e catolicismo santoral; religiosidade popular e turismo religioso. O terceiro aborda acerca das manifestações religiosas e trocas simbólicas no Santuário de São Severino do Ramos trazendo os resultados da pesquisa. A partir da análise, buscou-se compreender o fenômeno religioso que se dá naquela localidade para, posteriormente, apresentar as considerações finais e proposições sobre o tema para, desta forma, contribuir com o estudo sobre a religiosidade do povo nordestino e, por conseguinte, colaborar para a produção de um saber de caráter interdisciplinar, tão próprio do campo epistemológico das Ciências da Religião.

Palavras-chave: Religião; Devoção; Santo.

ABSTRACT

The research aimed to analyze the relationship between the devotee and the holy Shrine of St. Severino Ramos in Paudalho-PE, seeking to identify the symbolic exchanges in manifestations of popular devotions. The foundation was built from the works of Pierre Bourdieu, Alberto Beckhauser, João de Deus Gois, Eduardo Hoornaert, Faustino Menezes and Renata Teixeira, Sylvana Brandão, among others. From the methodological point of view, it is considered that the path followed was a phenomenological approach using specialized bibliography of popular religiosity in studies to understand the concepts related to the topic, between devotion to the saints, shrines, religion and popular religion, Catholicism and sanctoral religious tourism. A descriptive exploratory survey was used to investigate the relationship of symbolic exchanges on promises, miracles and votive among devotees of San Severino Ramos, at the Shrine of St. Severino Ramos in Paudalho-PE, in the light of the notion that all search for the sacred has as starting point urgent human needs, as well as gratitude for such needs have been met. The work consists of three chapters with the first contextualizes them on devotion to the saints throughout history, addressing questions about the origin; devotion to the saints in Brazil; devotion to St. Severino Ramos and sanctuary that bears his name in Paudalho-PE. The second chapter covers the concepts related to the theme of religion and interfaces with the popular religion, popular religion and Catholicism sanctoral; popular religiosity and religious tourism. The third focuses on the religious manifestations and symbolic exchanges at the Shrine of St. Severino Ramos bringing the search results. From the analysis, we sought to understand the religious phenomenon that occurs in that area to subsequently submit final comments and proposals on the issue to thereby contribute to the study of the religiosity of the northeastern people and therefore collaborate to produce a knowledge of interdisciplinary nature of the field itself as epistemological Sciences of Religion.

Key-words: Religion; Devotion; Saint.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 SÃO SEVERINO DO RAMOS: DA DEVOÇÃO AO SANTUÁRIO	13
1.1 <i>A devoção aos santos no decorrer da história</i>	13
1.1.1 <u>Origens de devoção aos santos</u>	14
1.1.2 <u>A devoção aos santos no Brasil</u>	15
1.2. <i>A devoção a São Severino do Ramos</i>	26
1.2.1 <u>A biografia de São Severino</u>	26
1.2.2 <u>A chegada da imagem de São Severino ao Brasil</u>	27
1.3 <i>O Santuário de São Severino do Ramos em Paudalho-PE</i>	31
1.3.1 <u>A origem do Santuário de São Severino do Ramos</u>	31
1.3.2 <u>De santuário comunitário a centro de romarias</u>	37
2 RELIGIOSIDADE POPULAR E INTERFACES	40
2.1 <i>Religião e interfaces com a religiosidade popular</i>	40
2.2 <i>Religiosidade popular e catolicismo santoral</i>	45
2.3 <i>Catolicismo santoral no Brasil</i>	48
2.4 <i>Religiosidade popular e turismo religioso</i>	50
3 TROCAS SIMBÓLICAS NO SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS	63
3.1 <i>As trocas simbólicas de Pierre Bourdieu</i>	63
3.2 <i>Metodologia de investigação</i>	64
3.3 <i>Trocas simbólicas entre os devotos e São Severino do Ramos</i>	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE A - Questionário	93
APÊNDICE B – Questionário utilizado na pesquisa	96
APÊNDICE C – Quadro demonstrativo dos resultados	99
ANEXO A - Roteiros turísticos na Zona da Mata	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Manifestações de piedade popular na procissão do Bom Jesus dos Navegantes-Salvador-BA	21
Figura 2 - Manifestações de cultura popular e devoção a São João em Jaboatão dos Grararapes - PE.....	21
Figura 3 - Propaganda do poder público: Fé e Turismo Religioso	24
Figura 4 - Comércio ambulante: Fé e Negócio	24
Figura 5 - Estacionamento de ônibus dos romeiros em Paudalho-PE.....	24
Figura 6 - Romaria ciclística em Paudalho-PE	24
Figura 7 - Comércio que mistura artigos sagrados e profanos em Paudalho-PE	25
Figura 8 - Ruínas do Monastério Beneditino de São Severino	27
Figura 9 - Imagem de São Severino do Ramos que teria sido trazida da Europa para o Engenho Ramos, em Paudalho- PE	28
Figura 10 - Localização de Paudalho-PE	28
Figura 11 - Imagem de São Severino Mártir venerado em Timbaúba dos Batistas-RN.....	30
Figura 12 - Capela de São Severino em Timbaúba dos Batistas-RN.....	31
Figura 13 - Capela de Nossa Senhora da Luz, onde se encontra o Santuário de São Severino do Ramos	32
Figura 14 - Croqui do Santuário e seu entorno	33
Figura 15 - Fachada da Capela Nossa Senhora da Luz.....	33
Figura 16 - Área interna da Capela Nossa Senhora da Luz.....	33
Figura 17 - Integração da área principal da Capela com os corredores laterais.....	34
Figura 18 - Altar principal da Capela Nossa Senhora da Luz.....	34
Figura 19 - Comércio no entorno da Capela	35
Figura 20 - Ambulantes que se organizam no entorno da Capela.....	35
Figura 21 - Comércio próximo à Capela	35
Figura 22 - Estacionamento de ônibus	35
Figura 23 - Local de oração e de acender velas	36
Figura 24 - Romeiro pagando promessa no Santuário	37
Figura 25 - Visitantes durante a festa de São Severino do Ramos em março de 2012	37
Figura 26 - Idade	67

Figura 27 - Gênero	67
Figura 28 - Local de origem	67
Figura 29 - Como visita o Santuário	67
Figura 30 - Escolaridade.....	68
Figura 31 - Renda Familiar	68
Figura 32 - Fora o Domingo de Ramos, quantas vezes visita o Santuário.....	70
Figura 33 - Costuma voltar ao Santuário no Domingo de Ramos	70
Figura 34 - Quanto tempo permanece em Paudalho para a visita.....	71
Figura 35 - O que conhece sobre a história de São Severino do Ramos.....	72
Figura 36 - O que busca quando visita o Santuário.....	74
Figura 37 - Intenção no momento da visita.....	75
Figura 38 - Sente a necessidade da aproximação com a imagem do santo	75
Figura 39 - Possui uma imagem de São Severino do Ramos em sua casa.....	76
Figura 40 - Mantém o hábito de fazer orações diariamente para o santo.....	76
Figura 41 - Acredita ter recebido alguma graça de São Severino do Ramos	76
Figura 42 - Em caso afirmativo, qual seria a graça	76
Figura 43 - O que costuma trazer quando vem ao Santuário	77
Figura 44 - Costuma levar alguma recordação do Santuário	78
Figura 45 - Em caso afirmativo, o que costuma levar	78
Figura 46 - Costuma fazer doações para o Santuário	79
Figura 47 - Quais espaços visita quando vem ao Santuário	80
Figura 48 - Considera a estrutura existente no Santuário satisfatória	81

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da raça humana, os seres humanos tem expressado das mais variadas maneiras um senso religioso e uma busca pelo espiritual que sofreram muitas variações ao longo dos séculos. Se em algumas culturas as pessoas se enlevaram com um deus invisível ou com representações enigmáticas da divindade, seja de cunho mono ou politeísta, outros povos acabaram criando sua própria identidade divina, assim como a veneração à figura dos santos que se tornou uma prática do catolicismo popular.

No Brasil, a multiculturalidade, configurada pela aglomeração de diversas maneiras de tratar o sagrado, originou um sentimento religioso pluralizado e tornou o país um reduto de um povo vulnerável a inovar e a responder de diferentes maneiras à espiritualidade. Até aquelas manifestações ditas cristãs, comumente vistas em todo o país, possuem sua individualidade, por vezes mais associadas à cultura e às tradições locais que mesmo aos paradigmas institucionais propostos pela Igreja Católica. A devoção aos santos é uma dessas muitas manifestações e se ajusta à chamada piedade popular, que se refere aos muitos exercícios de fé do catolicismo liberal (não ortodoxo), cuja essência procede da alma das manifestações culturais dos povos latino-americanos (BECKHÄUSER, 2007, p. 56). É neste contexto que surgem os santuários, locais onde os santos são venerados, por vezes fora dos princípios elementares do catolicismo oficial.

Alguns destes santuários, a exemplo do Santuário Nacional de Aparecida, em Aparecida-SP, merecem destaque pelo número de visitantes que recebem e pelas manifestações religiosas que lá ocorrem, entre elas: romarias, peregrinações, depósito de ex-votos, pagamento de promessas, entre outros, que são fortes representações de devoção. Essa demanda de visitantes, que ocorre neste e em tantos outros santuários, gera um fluxo de turismo religioso que implica na necessidade de uma infra-estrutura de apoio físico, logístico e institucional com vistas a manter a identidade do Santuário para que não se perca o objetivo principal da visitação.

No caso do Santuário de São Severino do Ramos, localizado no município de Paudalho-PE, não há data precisa sobre o início das romarias. O que se percebe atualmente é que o santo tornou-se um dos mais populares do Nordeste sendo o seu santuário o maior

centro de romarias do estado de Pernambuco, apesar da imprecisão dos dados acerca de sua vida e origem, o que motivou o presente estudo cujo objetivo foi analisar a relação das trocas simbólicas entre os devotos e o referido santo em seu santuário. Para alcançar o objetivo traçado foi necessária a identificação do perfil dos visitantes, o reconhecimento da estrutura existente, o conhecimento da forma como se realizam as visitas e da forma como ocorrem as trocas simbólicas, sendo basilar Bourdieu (2007).

A metodologia utilizada envolveu pesquisa bibliográfica, para fundamentar e compreender os assuntos relativos ao tema, e a exploratória, tendo em vista identificar as relações relativas às trocas simbólicas entre os devotos e São Severino do Ramos.

Assim, o trabalho foi desenvolvido em três capítulos, da seguinte forma: o primeiro contextualiza sobre a devoção a São Severino do Ramos e seu Santuário em Paudalho-PE; o segundo trata dos conceitos que envolvem a religiosidade popular, o catolicismo santoral e o turismo religioso; o terceiro é composto pela relação das trocas simbólicas no Santuário de São Severino do Ramos em Paudalho-PE, constando dos resultados da pesquisa propriamente dita, seguidos das considerações finais e proposições sobre o assunto.

1 SÃO SEVERINO DO RAMOS: DA DEVOÇÃO AO SANTUÁRIO

As diferentes práticas e manifestações populares do catolicismo têm sido alvo de estudos, notadamente nos santuários que são espaços públicos de devoção e, por isso, propiciam condições ambientais favoráveis à compreensão das diversas formas dessas manifestações. É desse contexto que surgem as figuras dos santos entendidos como intermediadores entre Deus e o homem na busca de milagres.

As práticas devocionais são manifestadas em ações concretas que refletem a realidade social e são impregnadas de uma enorme carga cultural. Para melhor compreensão deste fenômeno, neste capítulo são abordados os conceitos e a devoção aos santos no decorrer da história e a devoção a São Severino do Ramos, desde a origem até a descrição do Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho-PE.

1.1 A devoção aos santos no decorrer da história

Etimologicamente, segundo Eicher (1993, p. 811-812):

A palavra santo deriva da raiz germânica *halagaz* (gótico: *hailags*), que pelos missionários anglo-saxões foi preferido ao *wihaz* (gótico: *weihs*); para traduzir o latim *sanctus*, e assim se tornou emprego linguístico geral. O termo latino forma-se do verbo *sancire* (delimitar, fixar, santificar) e significa aquilo que por razões religiosas foi separado e delimitado; como contraste se lhe opõe *profano*, falando do ponto de vista teológico-cultural: o que está situado fora (pro = diante de) do Âmbito santo (*fanum* = tempo). O correspondente grego *témnein* (cortar, delimitar) certamente não serviu para a Setenta traduzir o hebraico *kados*, para o que ela usou o termo *hágios*, que no grego antigo aparece eventualmente no campo de significado para “puro”.

Para o autor, a reflexão sobre o significado do termo “santo” acompanhou, sob diferentes óticas, todo desdobramento exegético deste termo na história do cristianismo e só foi conceituado teologicamente no decorrer dos tempos modernos.

O autor ainda ressalta que Novo Testamento, “o termo subsiste entre *sacer* (consagrado) e *sanctus*” revelando certa distinção uma vez que *sacer* se caracteriza a partir da

ideia de consagração, ao passo que *sanctus* significa santidade a partir da origem” (EICHER, 1993, p. 812).

Quanto ao culto aos santos, esta é uma prática que tem despertado interesse de estudiosos que ora caminham por um terreno institucional, ora por terrenos desconcentrados que permeiam a religiosidade e, por vezes, apresentam elementos congruentes e antagônicos. Entretanto, esses elementos fazem parte da história e estão enraizados na cultura popular.

As perseguições aos cristãos por líderes romanos fizeram nascer, no Cristianismo, a tradição do culto aos mártires que passaram a ser respeitados como figuras sagradas, desenvolvendo, a partir de então, a noção de santidade e o interesse pelas relíquias e pelos lugares sagrados onde essas figuras eram depositadas. É um assunto contemporâneo e ao mesmo tempo remoto que será tratado a seguir.

1.1.1 Origens da devoção aos santos

Andrade (2010, p. 133) afirma que “o culto aos santos está presente desde a constituição da hierarquia cristã e sua conseqüente necessidade em firmar valores morais usando modelos exemplares que traduziriam sua visão de mundo”. Pode-se considerar que a veneração aos santos, oficialmente, remonta ao ano de 375 d.C, quando a Igreja Católica criou o dogma do culto aos santos ou canonização de algumas pessoas piedosas do meio religioso. Em regra, era apenas a Igreja que designava quem deveria ser venerado e somente depois da canonização, feita pela própria Igreja, um santo deveria receber os méritos devidos dentro dos ditames do pensamento de fé oficial. Mas, na prática, as coisas não seguiam nos trilhos da Instituição, pois o povo era admirador de homens piedosos e devotos que acabavam sendo aclamados como santos pelo gosto popular. “Muitas vezes, o povo antecipou-se à santidade da Igreja reconhecendo uma pessoa como santa” (GOIS, 2004, p. 79). Assim, muitos santos do povo não eram os santos do catolicismo oficial e mesmo aqueles ditos oficiais eram venerados com distintas particularidades.

Segundo a Enciclopédia Católica (2012), existem três atos de veneração na Igreja, a saber: a *adoração*, dada unicamente a Deus trino; a *hiperdulia*, veneração especial a Maria, e a *dulia*, (termo que em grego quer dizer honrar), que é a veneração simples, prestada a todos os santos. Nota-se que nem sempre este princípio é válido quando emerge a fé de um povo cuja sensibilidade religiosa se volta para suas crenças extraoficiais, regadas por uma cultura

quase que desprovida de regras e normas estruturais. Em vista deste pensar religioso do povo, Oliveira (1975, p. 4) certifica:

A concepção popular de santo é muito mais abrangente, pois inclui, além dos santos canonizados pela Igreja, todas as denominações locais e titulares de Maria Santíssima, de Jesus, bem como os santos locais e familiares. Uma criança assassinada com requintes de crueldade, uma pessoa morta tragicamente, ou um leproso que morre sem se queixar da vida, todos esses passam à categoria de santos.

Em suma, é correto dizer que a Europa foi o berço oficial da devoção aos santos, Roma sendo a sede do catolicismo. Portanto, a canonização dos santos e sua veneração, muito embora sejam negadas, parecem estar relacionadas às práticas de culto politeístas dos povos pagãos, como os sumérios, egípcios, romanos e gregos, entre outros. A *dulia*, do ponto de vista investigativo, é uma cristianização dos atos religiosos dos povos pagãos, uma adaptação cultural e religiosa que extrapolou os limites da Instituição e proliferou-se entre o povo, por isso o termo “santos locais e familiares”, como no texto supracitado (ibid.).

Outra consideração a se fazer é o fato de que a devoção popular, em várias comunidades, se caracterizou pela fundação de santuários familiares e comunitários, pela realização de peregrinações ou romarias e por várias outras expressões de comportamento religioso diferente – muito embora não antagônicos – do ideal da Instituição. Esses santuários se tornaram uma base física para o encontro dos fiéis, o que fortaleceu a devoção aos santos, constituindo identidade própria e possibilitando maior aproximação para a prática da religiosidade.

1.1.2 A devoção aos santos no Brasil

A devoção aos santos no Brasil tem sua origem na tipologia do catolicismo trazido pelos portugueses que, predominantes às ações devotas em suas regiões de origem, eram trazidas pelos colonos de Portugal (WEHLING; WEHLING, 1999, p. 65). Em terras brasileiras, as devoções foram paulatinamente assumindo função muito relevante nas expressões de religiosidade católica.

Pode-se citar vários elementos que contribuíram para a estruturação religiosa deste período da história colonial. Com o catolicismo vivenciado em Portugal, não totalmente romanizado e oficial, os portugueses trouxeram para o solo brasileiro um dos desdobramentos

desse catolicismo que sofreu várias influências de outros povos, devido a sua localização geográfica aproximada territorialmente da África. Assim sendo, teve contato com culturas religiosas diversificadas, tais como o islamismo do oriente, quando da expansão sarracena do século VIII, e as práticas fetichistas africanas, com muitos rituais, feitiçarias e superstições e o predomínio do caráter rural, colaborando para uma religiosidade *sui generis*, cheia de crenças e cada vez mais distanciada da ortodoxia católica (CÂMARA NETO, 2002, p. 01).

Esta expressão de fé do povo, a sua maneira simples e vinculada à cultura, distante do modelo dominante pode ser chamada de catolicismo popular e, para alguns, esta é a identidade original do povo brasileiro, pois, “o povo tem uma cultura própria e podemos mesmo afirmar que o catolicismo popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu durante os quatrocentos e tantos anos de sua história” (HOORNAERT, 1974, p. 99). Com a proliferação do pensamento religioso mais liberal, impetrado pelos portugueses, a prática religiosa popular tornou-se cada vez mais destacada, ainda que a própria Igreja Católica analisasse tal posicionamento com redobrada atenção, para que a Sagrada Liturgia¹, reafirmada e atualizada no Concílio Vaticano II², não fosse comprometida.

Em vista disso Beckhäuser (2007, p. 49) afirma:

Assim sendo, tanto os “piedosos exercícios do povo cristão” como as “práticas religiosas das igrejas particulares” devem ser organizadas de tal maneira que condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma derivem para que encaminhem o povo. [...] O Concílio, a partir do conceito de Liturgia apresentado, teve intenção de valorizar os exercícios piedosos em vigor da igreja. Nem hoje existe uma definição clara sobre os piedosos exercícios e as práticas religiosas das igrejas particulares. Esta ambiguidade entre a Sagrada Liturgia repercutiu profundamente no culto cristão nos anos que se seguiram ao Concílio.

Havia, portanto, uma preocupação, por parte da Igreja, com os chamados exercícios piedosos nas devoções populares, por isso ela resolveu estabelecer parâmetros entre estes atos devocionais e a Sagrada Liturgia, ou seja, a Igreja receava não parecer oponente à piedade

¹ Liturgia é o culto público da Igreja Católica. O termo liturgia provém do grego "*leiton-ergon*" serviço em favor do povo (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA, 2012).

² Concílio Vaticano II foi uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965, consideradas o grande evento da Igreja Católica no século 20. Com o objetivo de modernizar a Igreja e atrair os cristãos afastados da religião, o papa João XXIII convidou bispos de todo mundo para diversos encontros, debates e votações no Vaticano (SOUZA, 2012).

popular, uma vez que sua identidade cultural situava-se distante do povo e, ao mesmo tempo, temia que os exercícios piedosos ferissem a dogmática religiosa, desembocando os devotos em atos de uma religiosidade longínquos do ideal de culto estabelecido pela Instituição. Apesar de objetivar modernizar a Igreja, as conferências do Vaticano II, para não perderem os fiéis, elaboraram vários documentos que se constituíam em parâmetros para a fé, mas, dada a ambiguidade das decisões, os caminhos percorridos pela piedade popular parecem ter encontrado dificuldade para conciliar fé, devoção e ortodoxia.

No segundo capítulo deste trabalho será tratado o catolicismo santoral e as manifestações populares; no entanto, é interessante antever que a devoção aos santos “do povo”, no Brasil, proliferou-se em meio a muitas oposições do pensar institucionalizado. Para uma compreensão histórico-científica dessa devoção, faz-se necessário um olhar didático das expressões de devoção popular, santuários comunitários e romarias, partindo de pressupostos conceituais para construir uma culminância interpretativa e dialogal do catolicismo popular, especialmente da devoção aos santos.

Por devoção entende-se o ato de se dedicar ou se consagrar a alguém ou a alguma entidade. São os aspectos da fé em práticas religiosas que promovem o encontro com a divindade, justapondo reverência, adoração e ações de graças. Logo, devoção popular diz respeito às diversas manifestações de fé de um povo, cujas ações devotas estão mais ligadas às crenças individuais e tradições do que à liturgia do catolicismo oficial. A devoção aos santos, no Brasil, se dá, em muitas cidades, através de celebrações públicas, festejos patronais e nem sempre se limita ao dia do calendário oficial, podendo o mesmo santo ser reverenciado em dias diferentes e situações distintas. Cabe aqui valorar a afirmativa:

Há casos como o de São Benedito, por exemplo, em que o santo é celebrado em datas diferentes. No Brasil, sua festa acontece no dia 5 de outubro, por decisão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A CNBB agiu dessa maneira, para aproximar duas festas: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, celebrada no dia 7 de outubro. Isso porque no Brasil os escravos negros sempre foram devotos a São Benedito e seus descendentes e da Virgem de Rosário (GOIS, 2004, p. 95).

Observa-se que a influência popular acabava, de alguma forma, intervindo nas decisões institucionais. Além disso, não obstante a questão de se adequar a data de celebração de determinado santo às conveniências populares, um santo como o próprio São Benedito era adorado, em vários lugares, no mês de abril, por causa de sua morte nesta data; em 13 de

maio, por ser a data da libertação dos escravos; e, por ele ser considerado o santo cozinheiro, recebe honrarias todos os dias, em várias cozinhas brasileiras. Grupos sociais, como os descendentes dos escravos, por exemplo, acabavam estendendo, em solo brasileiro, a devoção a seus santos. Hoornaert (1974, p. 82) diz que “os pretos levaram a devoção a Nossa Senhora do Rosário pelo Brasil afora”.

Com a pluralidade de expressões de fé do povo católico, a devoção aos santos tomava a cada dia caminhos mais independentes: atividades como participar das festas populares, fazer promessas e visitar lugares sagrados assumiram maior destaque que participar da missa e dos sacramentos (TEIXEIRA; MENEZES, 2009). Mesmo que a Igreja católica, no cenário internacional, tenha demonstrado, inicialmente, insatisfação com o posicionamento da piedade popular, desde a ascensão do Papa João Paulo II³, algumas mudanças do comportamento e do pensamento formal foram manifestas. O pontífice “incentivou largamente o culto aos santos como um dos pilares de uma estratégia de retomada da Igreja Católica no mundo moderno, uma tentativa de trazer as multidões de volta à Igreja [...]” (ibid. p. 110).

Nota-se que, no Brasil, a predominância do catolicismo popular, principalmente no que diz respeito à maneira singular de venerar os santos, fez com que a Igreja revisse seus paradigmas e, por conta disso, ao invés de oposição à expressão informal de fé do povo católico, houve um maior incentivo, tal que muitos santos foram canonizados durante o papado de João Paulo II. Foi um momento em que a ideia de que “o povo é que sabe do povo” (BRANDÃO, 2007, p. 16), finalmente passou a ser compreendida ou, no mínimo, tolerada pela formalidade católica.

Não obstante o culto aos santos tenha sido oficializado desde os primeiros séculos do cristianismo, a grande alavancada só veio ocorrer em meados do século passado. E é fato que dos anos 70 para cá, principalmente depois da virada do século, deu-se maior atenção ao estilo de veneração popular culminando com a canonização de alguns santos que atuaram em nosso país. Em consonância com este pensamento, complementa-se:

³ Nascido Karol Józef Wojtyła, em 18 de maio de 1920, foi o papa e líder mundial da Igreja Católica Apostólica Romana e Soberano da Cidade do Vaticano de 16 de outubro de 1978 até a sua morte, em 2 de abril de 2005. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história. João Paulo II, já beato, foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX (VATICAN, 2011).

[...] podemos considerar que o culto aos santos é um dos canais de manifestação da vitalidade do catolicismo no país, o que tem sido visto nos últimos anos, na corrida pela canonização de santos “brasileiros” (ou seja, que nasceram no país e/ou que nele atuaram), como o caso de Santa Paulina e São Frei Galvão (TEIXEIRA; MENEZES, 2009, p.110).

Santos como São Roque Gonzáles, Afonso Rodrigues e João de Castilho (santos martirizados), canonizados por João Paulo II, em 1988, bem como Santa Paulina e São Frei Galvão, mencionados acima, e alguns outros que tiveram ligação direta com o povo, passaram pelo crivo da canonização, em resposta à insistência ao estilo de devoção crescente no final do século passado, que já ultrapassava os limites do catolicismo. Outro fator preponderante do cotidiano religioso são os santuários independentes criados pela influência das tradições comunitárias.

Conceitualmente, entende-se santuário como uma igreja que guarda uma relíquia do santo que lhe dá o nome. Em cada diocese⁴ pode existir santuário, matriz⁵, catedral e basílica⁶. Um santuário é um local sagrado, para onde, por devoção, acorrem peregrinos de diversas regiões (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA, 2012). O Direito Canônico compreende santuário como “[...] a igreja ou qualquer outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por motivo especial de piedade, fazem peregrinações com a aprovação do Ordinário local” (Can. 1.230).

Um santuário, neste contexto, diz respeito a um local sagrado, onde ocorre a devoção a determinado santo. É um lugar onde as pessoas de diversas regiões fazem as suas peregrinações ou romarias como um ato de veneração a um santo local. Podem ser elencados entre os santuários mais populares no Brasil: a Basílica de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida - SP; a Basílica de Nossa Senhora de Nazareth, em Belém do Pará - PA; a Basílica de São Francisco das Chagas do Canindé, em Canindé - CE; o Santuário de Bom Jesus de Pirapora, em Pirapora - SP; a Igreja Nossa Senhora da Penha, no Rio de Janeiro - RJ; a Igreja

⁴ Diocese é uma unidade territorial administrada por um bispo. É também referida como um bispado, área episcopal ou sede episcopal. A diocese é a unidade geográfica mais importante da organização territorial da Igreja Católica (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA, 2012).

⁵ Igreja Matriz é um templo católico que tem jurisdição sobre outras igrejas ou capelas de uma dada circunscrição (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA, 2012).

⁶ Basílica é o título concedido pela Santa Sé a certas igrejas pela sua antiguidade ou por serem centros de peregrinações (ENCICLOPÉDIA CATÓLICA, 2012).

de São Judas Tadeu, em São Paulo - SP; a Gruta do Senhor Bom Jesus da Lapa, em Bom Jesus da Lapa - BA; a Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador - BA; o Túmulo do Padre Cícero de Juazeiro, em Juazeiro do Norte - CE; Divino Pai Eterno, em Trindade-GO e o Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho - PE.

Numa linha histórica, pode-se dizer que período muito recente ao descobrimento do Brasil, mais especificamente em 1558, frei Pedro Palácio fundou, no estado do Espírito Santo, o famoso santuário de Nossa Senhora da Penha. Mais tarde, em 1663, foi fundado o santuário do Senhor Santo Cristo, em Ipojuca-PE, por frei Antônio de Santa Maria, seguido da construção do Santuário de São Francisco das Chagas, iniciado em 1775 (BECKHÄUSER, 2007, p. 47). A partir de então houve uma proliferação de santuários em todo o Brasil.

Depois da proclamação de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do nosso país, em 1930, a fundação de santuários tomou proporções ainda maiores. Não obstante, desde 1917, quando a imagem foi encontrada, a veneração à santa estimulou o estilo de devoção popular. Mesmo sabendo que muitos santuários foram erguidos pela Instituição "Igreja Católica", não há dúvida que a tradição e a religiosidade popular influenciaram consideravelmente. Isso se deve ao fato de que o catolicismo tradicional parecia insuficiente para satisfazer os anseios espirituais do povo. As tradições, os costumes e as práticas cristãs, ao modo do povo, foram determinantes para que muitos santuários surgissem, fossem os institucionais ou os particulares.

Estudiosos da antropologia religiosa, como Steil (1996); e de outras ciências afins concordam que a espiritualidade independente está muito ligada ao simbolismo e que os santuários são símbolos clássicos da devoção e da religiosidade cristã popular. Gois (2004, p. 13) afirma que "o catolicismo popular é muito simbólico. Dão-se muita importância às bênçãos, aos lugares, às velas, à água benta e aos demais símbolos religiosos". Em vista disso, Bekhäuser (2007, p. 48-49) assegura: "As diversas manifestações da Piedade Popular estão sendo construídas a partir da concepção do simbólico e ritual". O bispo ainda acrescenta que:

O santuário constitui a memória viva e profética de Deus. É o espaço sagrado onde o peregrino faz a experiência do encontro com Deus que o acolhe e o escuta. É o lugar mais apropriado para o desenvolvimento da mística e da contemplação popular. Ele guarda a experiência da fé de um povo que não perde a identidade pessoal nem comunitária, construindo em cada momento festivo e cotidiano uma arca que guarda a memória de um povo que se reconhece na expressão de sua fé e que volta ao santuário e ao templo do padroeiro de sua região, consciente de sua memória histórica.

Assim o templo é ícone de uma identidade de um povo crente como memória viva de sua fé [...].

Percebe-se que o santuário independente é um simbolismo clássico da devoção aos santos, principalmente no Brasil, pois os católicos de prática ocasional são, sem dúvida, itinerantes, por valorizarem a visita aos santuários e lugares sagrados (GOIS, 2004, p. 39). Isto porque na concepção do devoto comum “cada santuário tem, pois, uma mensagem que o caracteriza. Cada santuário tem uma situação geográfica determinada por acontecimentos históricos, situação topográfica e outros elementos” (BECKHÄUSER, 2007, p. 7). Nota-se, então, que os lugares sagrados estão associados mais à cultura do povo, como simbolismo de suas tradições, costumes peculiares e valores comunitários que à ortodoxia religiosa, como comenta Geertz (1989, p. 103):

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* do povo – o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposição morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. [...] Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre o estilo de vida particular e uma metafísica específica (implícita, no mais das vezes) e, ao fazê-lo, sustentam cada uma delas com autoridade emprestada do outro.

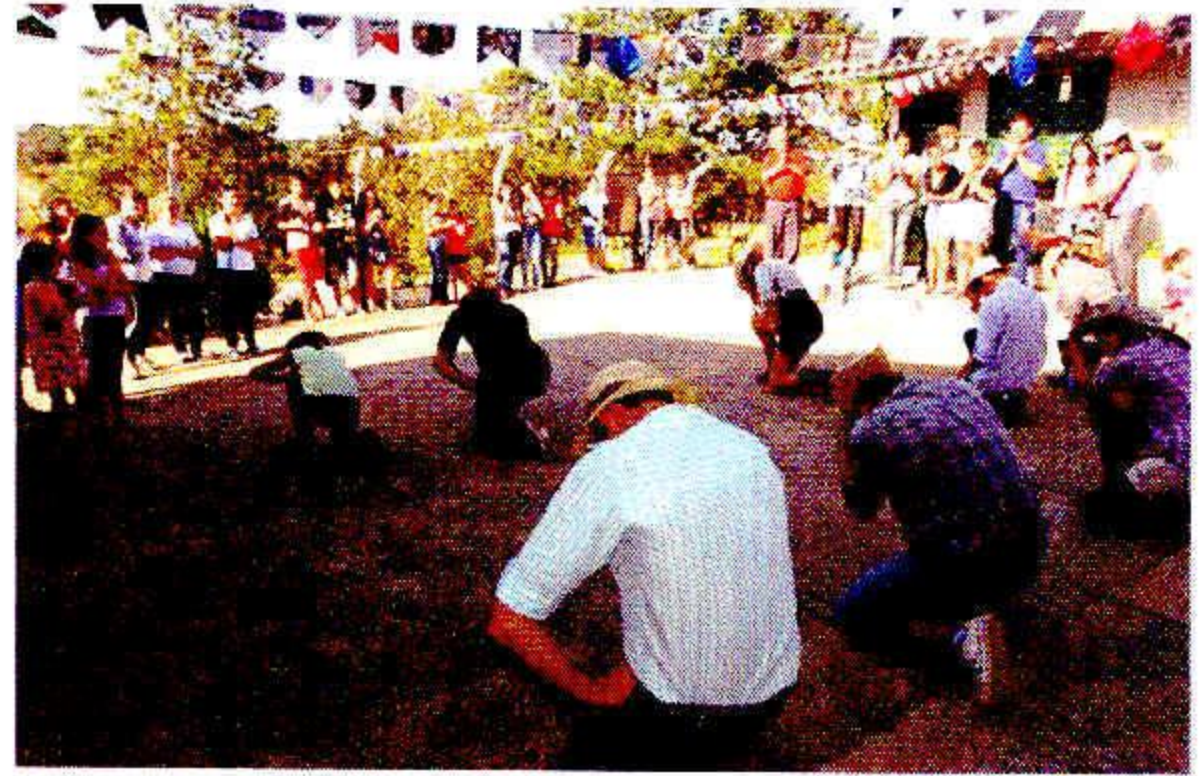
O que se define nas afirmações supramencionadas é que as simbologias das manifestações populares, inerentes à devoção aos santos, principalmente os santuários, são expressões culturais que se desdobram na vida social e nas relações como no comportamento humano, em relação à história, à etnografia e à fé dos indivíduos em grupo. É fato que um estudo antropológico nas comunidades onde a piedade popular é o estilo de espiritualidade predominante, revelará que a fé do povo está intrinsecamente ligada às suas tradições, conforme se pode verificar na procissão do Bom Jesus dos Navegantes, em Salvador-BA, ou nas manifestações de devoção a São João, no bairro de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes-PE (Figuras 1 e 2), e que os santuários escondem traços, nitidamente visíveis, de uma fé aculturada.

Figura 1: Manifestação de piedade popular na procissão do Bom Jesus dos Navegantes-Salvador-BA.



Fonte: DIOCESE DE ALAGOINHAS, 2012

Figura 2: Manifestação de cultura popular e devoção a São João no bairro de Piedade em Jaboatão dos Guararapes-PE



Fonte: DIOCESE DE ALAGOINHAS, 2012

Numa visão histórico-religiosa é interessante expor a relação existente entre os santuários e as romarias, que é o último elemento preponderante, e com certeza um ícone dominante na devoção aos santos da piedade popular. Por romaria – palavra que tem referência á Roma, sede do catolicismo – entende-se visitas ou peregrinações religiosas às igrejas, a santuários e a lugares sagrados, com o intuito de pagar promessas, agradecer graças ou simplesmente como demonstração de fé e devoção.

Para alguns estudiosos, entre os quais (STEIL, 1996) há tendência a se empregar a palavra peregrinação para longas e difíceis jornadas a serem feitas, enquanto se reserva o vocábulo romaria para deslocamentos mais fáceis e mais festivos. No entanto, eles concordam que ambos os termos implicam no deslocamento (ou caminhada), na devoção e no encontro simbólico com o santo.

As romarias no Brasil foram uma das tradições que sofreram com as reformas e inovações do catolicismo formal. Mesmo assim resistiram e avançaram fenomenalmente, ganhando adeptos em todo o país (STEIL, 1996, p. 87). A prática da visita foi introduzida na cultura brasileira pelos portugueses, ainda no tempo do Brasil colonial, sendo que, do início da colonização até a metade do Século XVII, as devoções aconteciam em oratórios. O processo passou por várias fases e inovações, mas sempre esteve associado à missa, às procissões e às atividades litúrgicas comandadas pela Igreja local (CASCUDO, 1992, p. 41),

dentro do modo individualista e tradicional de veneração dos fiéis comunitários. Foi a partir da metade do século XVIII que os santuários se tornaram grandes centros de devoção.

Apesar de remotas, as peregrinações só se intensificaram depois dos anos setenta, no século passado, quando as discussões teológicas em torno delas e dos santuários ganharam destaque, devido à fenomenalização da religiosidade ou piedade popular (BECKHÄUSER, 2007, p. 57). Em se tratando do estudo da veneração aos santos, é bom reforçar que tanto as romarias, quanto os santuários são expressões religiosas puramente populares e não constituem práticas do catolicismo institucional. Sob esta ótica, Beckhäuser (2007, p. 51) afirma:

Peregrinações e santuários, na compreensão comum, são considerados expressões da piedade popular. Isso porque, no fundo, o povo, a partir das origens das peregrinações, sempre compreendeu a sua linguagem. Pode ser uma compreensão deficiente, mas é algo do povo.

Compreende-se, portanto, que as jornadas, como um ato de fé, vinculam-se à espiritualidade não convencional, ou seja, é algo que a manifestação da crença comunitária esculpiu na realidade de seu povo, de forma que não se pode negar. Ainda que, *a priori*, não tenham sido aceitas, tendo sido tratadas com desdém, pelo oficialismo cristão, *a posteriori*, essas manifestações foram toleradas, discutidas e até, de certa forma, oficializadas. Como as atividades religiosas do povo não puderam ser combatidas, não somente o aspecto teórico (as discussões teológicas) se acentuou, mas também o aspecto prático da Instituição.

A partir da década de 80 se desencadearam várias manifestações, como o Movimento da Pastoral dos Santuários, puxada pelos padres Redentoristas, ligados ao Santuário Nacional de Aparecida; a aprovação das Diretrizes da Pastoral dos Santuários do Brasil e muitos outros (BECKHÄUSER, 2007). Não obstante, muitos destes movimentos e discussões tenham se iniciado fora do Brasil, não demorou muito a ganharem o incentivo da própria Igreja Católica no país.

Conforme comentado, as romarias constituem um ato de devoção, acompanhado de pedido de graças e gratidão, portanto, há outro elemento importantíssimo que está relacionado às peregrinações religiosas – o valor cultural que elas representam. Além do fator cultural, sobressai o fator econômico, pois se afirma que a maioria dos romeiros são pessoas pobres, humildes, doentes e desempregadas (OLIVEIRA, 1985) que, no desfavorecimento social que

foi imposto pelo sistema, lançam mão dos recursos da fé, à procura de milagres em suas jornadas.

Se por um lado as jornadas religiosas despontam como ações da piedade popular, por outro, também se projetam como excursões turísticas, que extrapolam os fins da devoção. Essa temática é contraditória no pensamento de vários estudiosos, os quais tentam traçar um diferencial definatório entre romarias, peregrinações e turismo religioso, parecendo, portanto, mais prudente afirmar que a diferença é feita apenas pelo comportamento dos fiéis ou visitantes. Um grupo de pessoas pode estar envolvido no mesmo contexto e cada uma estar comprometida com uma coisa diferente. O objetivo aqui é apontar o valor cultural das romarias, mesmo assim, cabe, neste estudo, apontar alguns pensamentos relevantes na construção do axioma.

Da concepção de Oliveira (2004, p. 26), traduz-se o turismo religioso como a forma de peregrinação que se ajustou à evolução da sociedade, portanto, a diferença se constrói sutilmente: “a peregrinação é mais didática, ou seja, se definem os objetivos com vislumbres puramente devocionais, enquanto que o turismo religioso é mais estratégico, as motivações vinculam fé, lazer e até negócios”. Steil (2003, p. 35), por sua vez, argumenta que “enquanto as peregrinações e as romarias tendem a ser vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar”.

Está claro, para o último autor, que o turismo é mais técnico e externo, mesmo quando possui implicações religiosas. Portanto, ousamos afirmar que as romarias, mesmo imbuídas de um sentimento de devoção e de compromisso com o sagrado, não se desarticulam do aspecto turístico e até misturam o sagrado com o profano, pois existem diversas interfaces nesta dinâmica: o devoto que se desloca; os representantes da Igreja ou dirigentes dos santuários; os moradores locais; as empresas contratadas ou aqueles que oferecem seus serviços individualmente; os comerciantes populares e os mercadores oficiais; o Poder Público, através da Secretaria de Turismo, entre outros.

É sob esse enfoque complexo da urbanização, que se configura a importância das romarias e dos santuários para a cultura do país, conforme revelam as Figuras de 3 a 6, que evidenciam o sincronismo das interfaces no processo de interação social, relacionadas às romarias em devoção a São Severino do Ramos, em Pernambuco. Essas figuras revelam, não só o interesse do poder público na divulgação do santuário, como o impacto social causado

pela visitação na comunidade local, tanto no que se refere aos benefícios econômicos oportunizando a geração de renda, como na promoção de atividades de lazer, que motiva a integração e a troca de experiências.

Figura 3: Propaganda do poder público: Fé e Turismo Religioso



Fonte: MELEVAVOVO, 2012

Figura 4: Comércio ambulante: Fé e Negócio



Fonte: MELEVAVOVO, 2012

Figura 5: Estacionamento de ônibus dos romeiros em Paudalho-PE



Fonte: MELEVAVOVO, 2012

Figura 6 : Romaria ciclística em Paudalho-PE

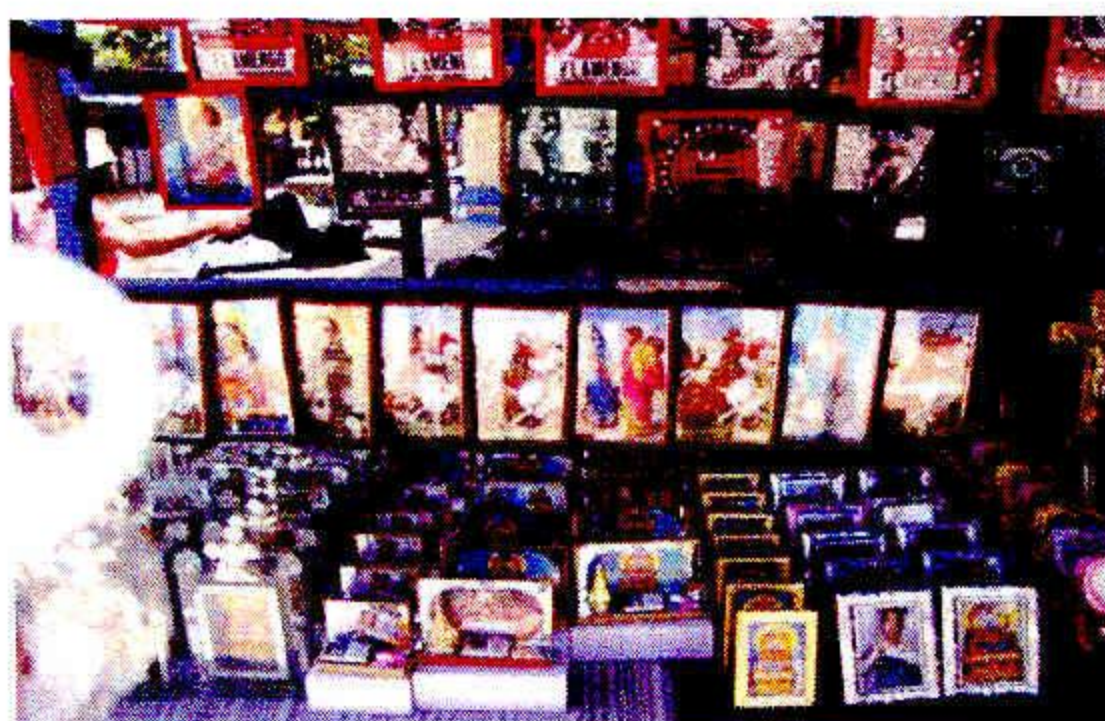


Fonte: MELEVAVOVO, 2012

Esta troca multilateral voluntária entre os moradores locais e o visitante e/ou romeiros nas proximidades dos santuários, o contrato de diversos serviços e o crescente índice de atividades autônomas nas comunidades onde existem os lugares sagrados e as romarias têm fortalecido a economia dos municípios e, em se tratando de administração pública municipal, tem havido um engajamento sistêmico e político objetivando a intensificação do turismo

religioso que se mistura com a apreciação de artes sacras e arquitetônicas e participação do comércio sincrético – aquele onde artigos religiosos e profanos convivem na mesma dinâmica comercial.

Figura 7: Comércio que mistura artigos sagrados e profanos em Paudalho-PE.



Fonte: MELEVAVOVO, 2012

Conclui-se, portanto, que as manifestações da piedade popular, em sua devoção aos santos, expressa nas visitas aos santuários, por meio das romarias, além de terem olhar religioso, têm também importância para a cultura do Brasil e, além disso, trata-se de um motor econômico no âmbito do turismo religioso do país. Sobretudo, torna-se importante fazer uma ligação da temática, aduzindo que a devoção aos santos, no catolicismo informal, não se limita às jornadas religiosas. Há três modalidades básicas da piedade popular: a familiar, onde o santo é reverenciado no oratório; a comunitária, onde as pequenas comunidades expressam suas devoções nas capelas, e, finalmente, a universal, onde as grandes massas fazem suas peregrinações até os santuários, a fim de expressarem sua veneração a determinado santo. Desta forma, pode-se afirmar que a devoção aos santos, no Brasil, é um hábito que faz parte da rotina da vida das pessoas, tanto no âmbito doméstico, quanto no âmbito social. Existe, não só a preocupação em ter um santo protetor a quem possa recorrer nos momentos de dificuldade, como também a de demonstrar a fé e a fidelidade a ele e é esse sentimento que retroalimenta as trocas simbólicas entre os devotos e o santo. O item a seguir trata da devoção a São Severino do Ramos a partir de sua biografia contextualizando sobre a chegada de sua imagem ao Brasil.

1.2 *A devoção a São Severino do Ramos*

Quando se trata da devoção aos santos no Brasil, no contexto da piedade popular, não se pode excluir São Severino do Ramos, ou São Severino Mártir, como alguns costumam chamar. Primeiro, é importante trazer, em forma de sinopse, a biografia de São Severino para que se possa, num segundo momento, mensurar a sua devoção no país, mesmo sabendo que as fontes sejam sucintas e, sobretudo, com alguns elementos imprecisos.

1.2.1 A biografia de São Severino

Apesar das controvérsias e da carência de fontes fidedignas em torno da vida de São Severino, o que se conhece, conforme Araújo (1990, p. 108)

Severino era soldado do Imperador Maximiliano Hércules, que governou Roma de 286 a 305 e celebrizou-se pela perseguição aos adeptos da doutrina de Cristo. Prosélito fervoroso do cristianismo – cujos ensinamentos praticava com verdadeiro amor e inquebrantável fé, apesar de viver num meio pagão e idólatra. Deixou, por isso, o serviço daquele que perseguia a sua religião e trucidava os de seu credo, no que foi imitado pelo seu companheiro de armas e irmãos em crenças, Carponhore, com quem se retirou para como, na Itália. O imperador Maximiliano fe-los perseguir e prender. Interrogados, ambos recusaram renegar o cristianismo. Valeu-lhes essa atitude serem mortos por sua ordem, no ano de 304 da era atual terem- mártires da fé sepultura entre os cristãos e desde logo, venerado pela Igreja Católica. É a imagem desse glorioso santo martirizado pelo imperador romano que os crentes veneram na capela do Engenho Ramos e dele recebem constante graças.

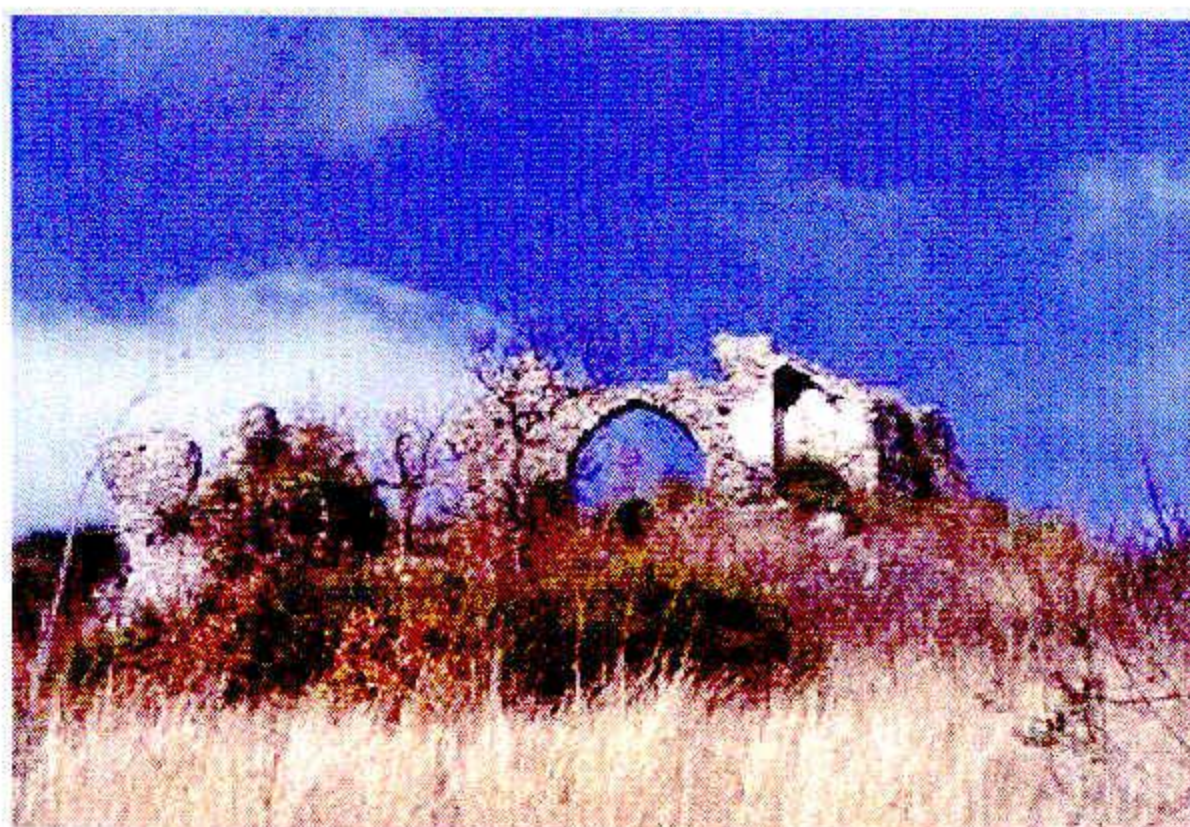
São importantes estes precedentes históricos da vida de São Severino do Ramos para compreendermos a devoção a este santo no Brasil, pois foi por meio de brasileiros, devotos, que vieram da Europa e que visitaram a imagem deste santo no Monastério Beneditino de São Severino em Nápoles, na Itália (Figura 8), que foram possíveis condicionantes para a devoção deste santo europeu no Brasil.

1.2.2 A chegada da imagem de São Severino no Brasil

Não existe fonte segura que relate sobre a vinda desta imagem para o Brasil. Segundo ARAÚJO (1990), a informação mais aceita que se tem é que, da Europa, a imagem de São

Severino veio direto pra Pernambuco e daí sua devoção se espalhou para outros lugares no Brasil. As informações mais seguras possibilitam analisar a veneração a este santo popular, partindo de Paudalho, em Pernambuco, e depois elencar seus caminhos em nosso país.

Figura 8: Ruínas do Monastério Beneditino de São Severino.



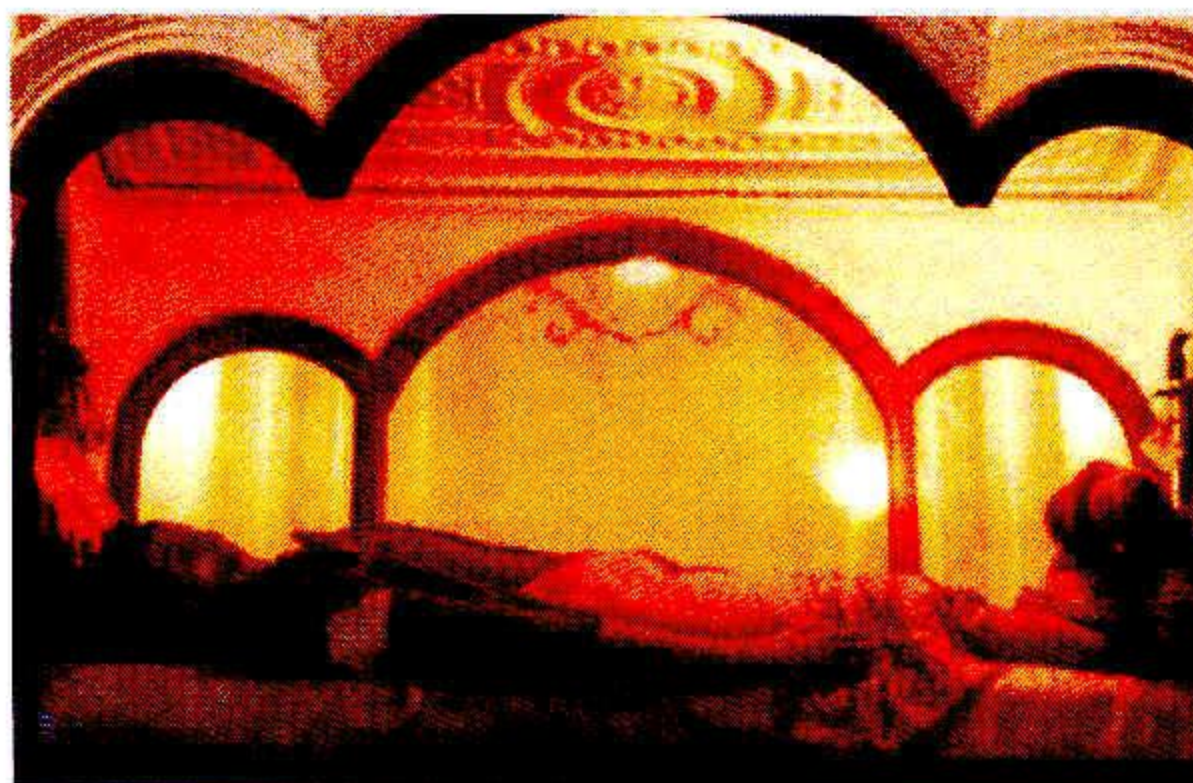
Fonte: ESCOLA BASILIO BATISTA, 2012

A chegada da imagem de São Severino em Paudalho-PE, apresentada na Figura 9, que, conseqüentemente conduziu à devoção ao Santo naquele município, de acordo com Araújo (1990), à base da tradição oral, a imagem de São Severino veio da Europa, enviada por um sacerdote como presente para sua mãe, então proprietária do Engenho Ramos.

Tem-se como base no relato supracitado, não apenas o embasamento da devoção a São Severino, em Paudalho, como o seu epíteto, “do Ramos”, ou seja, São Severino do Ramos seria abreviação de São Severino, do Engenho Ramos, como será tratado neste trabalho por ser o nome mais usado popularmente. No entanto há contestações deste pressuposto, alegando ser o correto chamar de São Severino dos Ramos, fazendo menção ao Domingo de Ramos que é o dia que aglomera o maior número de devotos.

Com a chegada da imagem de São Severino, notícias foram espalhadas de que o cadáver de um santo milagroso encontrava-se sepultado no local. Isso deu início a veneração com atos devocionais e visitas em princípio, de pessoas da própria comunidade na busca de milagres. Assim se inicia a devoção a São Severino do Ramos, em Paudalho.

Figura 9: Imagem de São Severino do Ramos, trazida da Europa para o Engenho Ramos em Paudalho-PE.

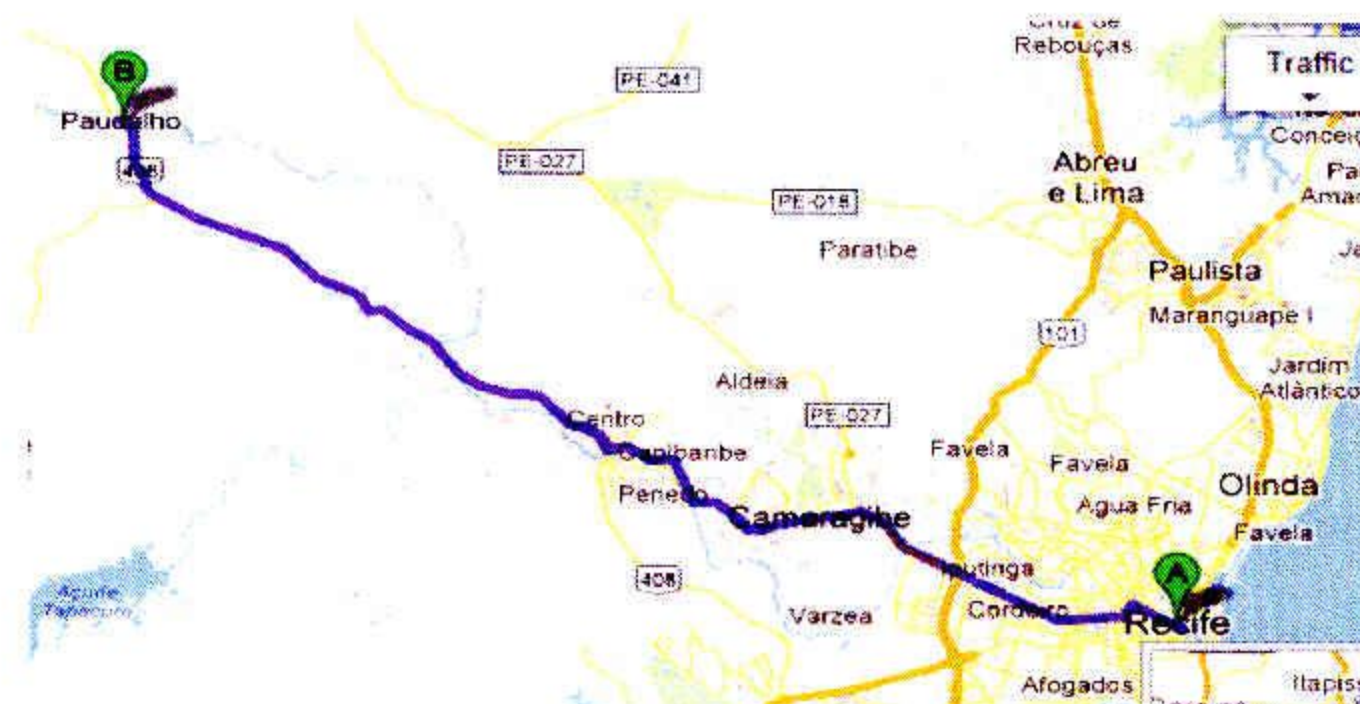


Fonte: OARCANJO, 2012

Também não existe uma data precisa para marcar o início das romarias em devoção ao referido santo, ainda que haja relatos, na tradição oral, afirmando que os milagres atribuídos ao santo remontam a meados do século XIX (MARINHO, 2008).

Geograficamente, uma das razões que torna a romaria de São Severino do Ramos destacada é o acesso a Paudalho, que é facilitado devido ao fato de que a cidade está situada à margem da Rodovia BR-408 (Figura 10), que liga o município à capital do estado, Recife, distante quarenta e dois quilômetros (CIDADES, 2012).

Figura 10: Localização de Paudalho-PE



Fonte: GOOGLE MAPS. 2012

Muito embora as romarias à capela de São Severino do Ramos se deem em grande escala entre setembro e janeiro, os paudalhenses têm como data principal para devoção ao

santo o Domingo de Ramos, por associarem ao seu nome, e o 08 de janeiro, que é considerado o seu dia. Entretanto, todos os domingos do ano recebem uma demanda de devotos locais e regionais. Como qualquer centro de romaria, a devoção a São Severino do Ramos dá-se nos moldes expostos por Andrade (2001, p. 1):

A romaria também é constituída por outras atividades destacando-se as feiras, o comércio, os folguedos populares, os *shows*, as festas. Depois de pagar as promessas através de doações, entrega de ex-votos e assistência ao cerimonial litúrgico, os romeiros se reúnem na parte externa das romarias, que se transforma em centros de interesse folclórico, pela variedade dos elementos convergentes, danças, cantos, alimentos, indumentárias, sincretismo religioso, que encontram nesses movimentos as condições ideais à exteriorização dos vários tipos de manifestações populares.

O aspecto mercantilista decorrente das devoções cultuados no santuário não pode ser negado, pois a fabricação de artigos *souvenirs* e o comércio, por exemplo, movimentam economicamente o município. Assim como as peregrinações em todo o Brasil, as romarias a São Severino do Ramos estabelecem um diálogo entre devoção e cultura, fé e negócios, viagens e excursões turísticas. Sem dúvida, este é um marco da religiosidade popular; se não foi planejado, foi claramente ajustado para atender às conveniências dos indivíduos neste fenomenalismo socioeconômico e cultural que a devoção popular construiu.

A expressa devoção a São Severino do Ramos, em Paudalho, no início do século XX, fez com que o conhecimento do santo milagroso extrapolasse as fronteiras de Pernambuco. Um dos casos que comprovam a dimensão da popularidade do santo foi relatado por Ramos (2009). Conta a autora que, na década de vinte, uma senhora de nome Isabel Isaura de Brito, que morava próximo a Paudalho, teria recebido uma graça do santo. A mesma, que teria sido estéril, fez uma promessa comprometendo-se a voltar para sua terra natal e mobilizar aquela comunidade para construir uma capela em homenagem ao santo caso seu pedido fosse atendido. Ao receber o milagre, ela retornou a sua cidade, Timbaúba dos Batistas-RN, e cumpriu a promessa. É sabido que, em 30 de outubro de 1929, lançou-se a pedra fundamental para a construção da capela, em um terreno cedido pelo Sr. Ananias Batista Pereira, cunhado de Dona Isabel.

Após uma campanha acirrada para conseguir os materiais de construção, a capela, de estilo rústico, foi inaugurada, em 28 de janeiro de 1930, mas a primeira festa em homenagem a São Severino, em Timbaúba dos Batistas, só teria acontecido em 1944, organizada pelo vigário da Matriz de Nossa Senhora do Ó, da cidade de Serra Negra do Norte-RN. No início,

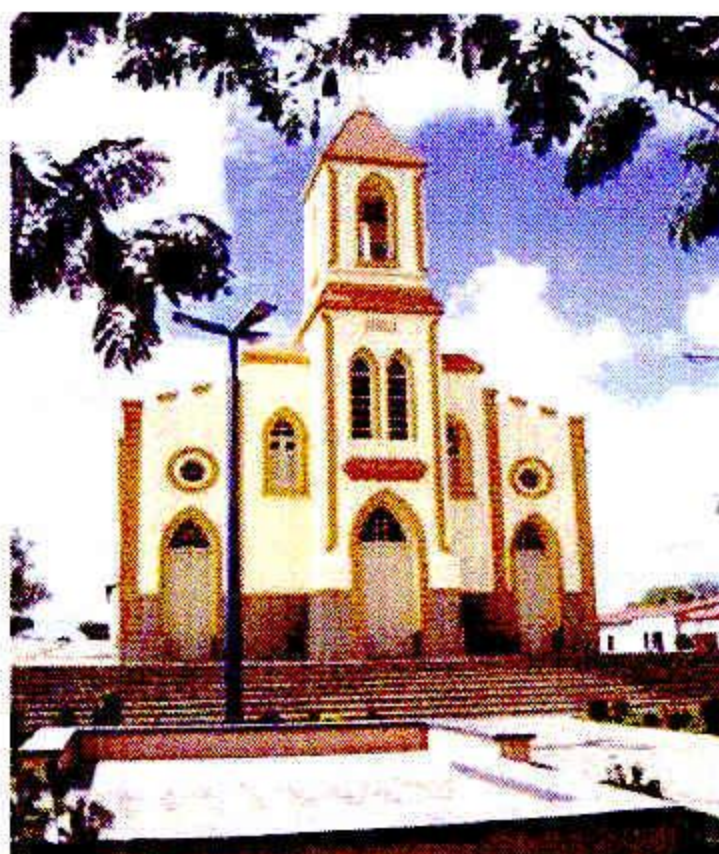
a festa era realizada no mês de novembro, mas, na década de oitenta, o evento passou a se realizar em dezembro, com a duração de dez dias. Até a década de 1950, por não haver imagem de São Severino, era usado um quadro com a imagem do santo, até que o assistente religioso da comunidade, Monsenhor Walfredo Gurguel, comprou, em Recife, uma imagem de São Severino (Figura 11) que é venerada até os dias hodiernos.

A paróquia de São Severino Mártir, passou por reformas. A atual estrutura foi reinaugurada em 1953 como mostra a Figura 12 e a festa em homenagem ao santo tornou-se umas das tradições daquela cidade que adotou São Severino como padroeiro. Apesar da notoriedade da devoção a São Severino, a capela esteve por muito tempo sob a tutela da Paróquia de Sant'Ana, sendo promovida a paróquia independente em 2008, pelo bispo Dom Delson Pedreira da Cruz, sendo o Pe. Gerlúcio de Medeiros seu primeiro pároco.

Figura 11: Imagem de São Severino Mártir venerado em Timbaúba dos Batistas-RN



Figura 12: Capela de São Severino em Timbaúba dos Batistas-RN



Fonte: ESCOLA BASILICO BATISTA, 2012

Apesar da falta de fontes seguras sobre a chegada da imagem de São Severino do Ramos ao Brasil, o que se pode afirmar é que o Santuário de São Severino do Ramos nasceu, da chegada de sua imagem, desencadeando, a partir daí, as manifestações de devoção e religiosidade popular crescentes na medida em que se divulgavam as virtudes do santo e as graças alcançadas pelos devotos, o que será tratado no item a seguir.

1.3 O Santuário de São Severino do Ramos em Paudalho-PE

Abordando a dimensão temporal e espacial sobre o Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho-PE, observa-se que, na época da chegada da imagem de São Severino ao Engenho Ramos, no século XIX, não se imaginava que a repercussão deste episódio traria tamanho impacto para o fortalecimento da piedade popular em Pernambuco. O culto de devoção ao santo era realizado na Capela de Nossa Senhora da Luz, por pessoas da comunidade, mas a curiosidade e as notícias foram suficientes para que a veneração ao santo crescesse nas cidades adjacentes e, daí, para outros estados.

1.3.1 A origem do Santuário de São Severino do Ramos

O santuário em homenagem a São Severino do Ramos está situado a três quilômetros da sede do município de Paudalho, nas terras do antigo Engenho Ramos, na Zona da Mata do Estado de Pernambuco e não está sob a

jurisdição da Igreja, encontra-se em terras de propriedade privada, muito embora, atualmente, devido a seu valor turístico, desperte o interesse do poder público (MARINHO, 2008, p. 89).

No século XIX, quando a imagem de São Severino chegou ao engenho Ramos, foi conduzida à Capela de Nossa Senhora da Luz, hoje conhecida como Igreja de São Severino do Ramos, e passou a ser mais venerado que a própria santa, por ser considerado um santo milagroso. A Capela de Nossa Senhora da Luz⁷ foi construída ainda no século XVIII, quando iniciou-se a devoção à santa pelos moradores do engenho. No entanto, dada influência dos devotos a São Severino do Ramos, a capela foi ampliada, em 1906, e melhorada, em 1918 (Figura 13).

Figura 13: Capela de Nossa Senhora da Luz onde se encontra o Santuário de São Severino do Ramos.



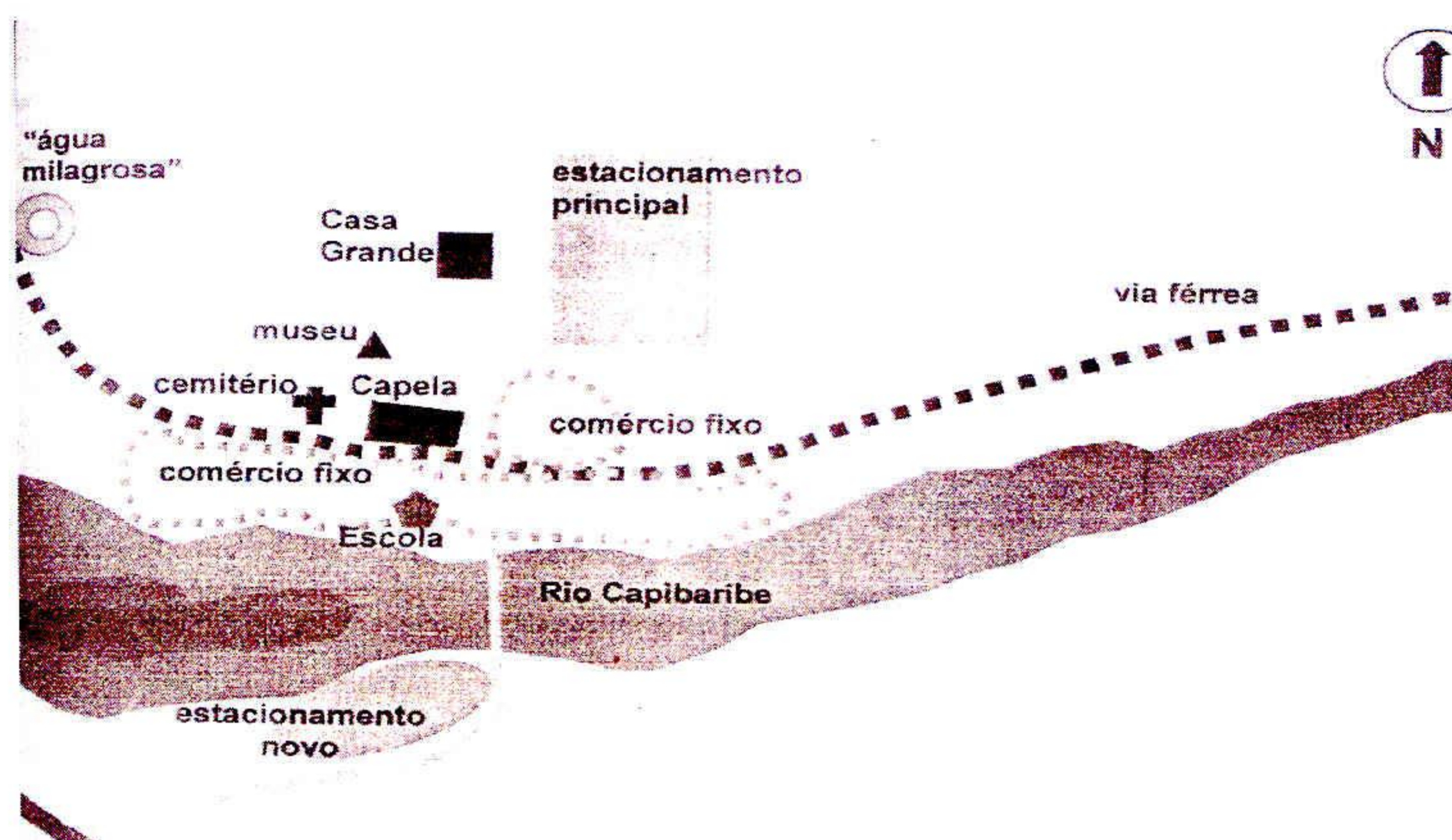
Fonte: BLOGDOSBASTIDORES, 2012

Com a crescente manifestação popular, o Santuário de São Severino do Ramos, potencializou-se, tornando-se, hoje, um importante centro de romaria do Nordeste, construindo sua história com aumentos gradativos de demanda de visitação, a exemplo, do Santuário do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte - CE.

⁷ Popularmente a Capela de Nossa Senhora da Luz é conhecida com Igreja de São Severino, pelo qual designou-se também Santuário de São Severino do Ramos. Outra designação seria considerar como Santuário o altar lateral à direita, onde encontra-se a imagem de São Severino. Por conseguinte, neste trabalho adota-se como noção de Santuário de São Severino não apenas o altar e sim toda ambiência da Capela de Nossa Senhora da Luz.

Baseado em visitas *in loco* e na obra de Marinho (2012, p. 57-67), pode-se descrever o santuário considerando que o conjunto que o compõe consiste em: capela, cemitério, museu dos ex-votos, local da água milagrosa, estacionamentos e área destinada ao comércio fixo, sendo este conjunto cortado pela linha férrea desativada, conforme mostra a Figura 14.

Figura 14 - Croqui do Santuário e seu entorno



Fonte: MARINHO, 2008, p.63

A capela possui duas torres laterais e contém cinco portas frontais das quais duas dão acesso aos corredores laterais. A fachada é adornada com colunas e elementos em massa, destacando-se quatro imagens de figuras sacras as quais não é possível a identificação, devido ao desgaste sofrido pela ação do tempo (Figura 15).

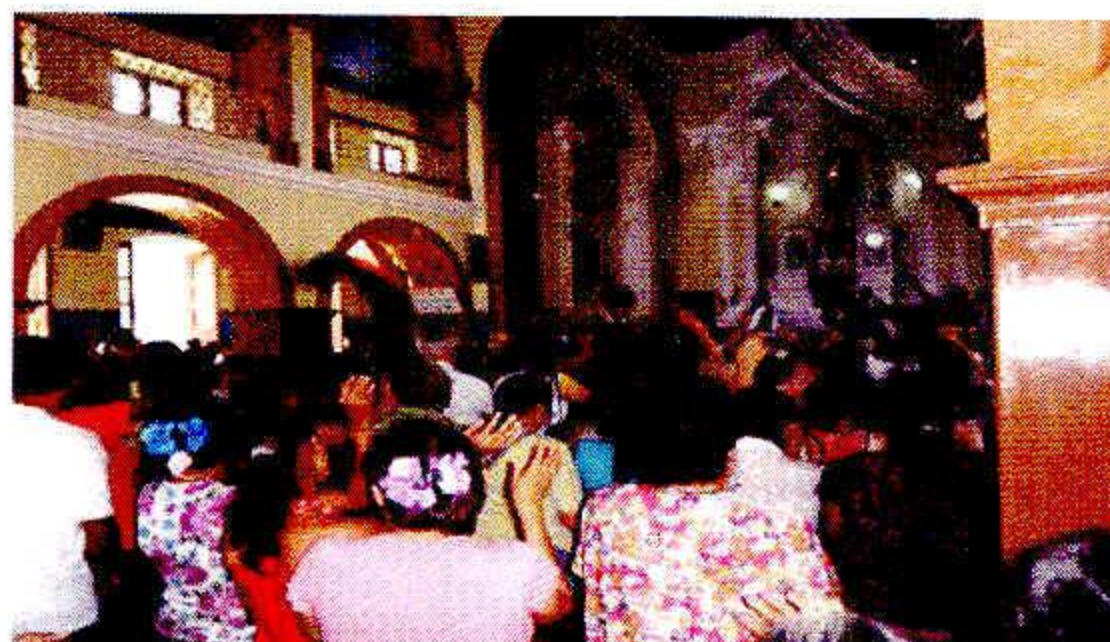
A área central da igreja possui poucos bancos e comporta cerca de 200 pessoas conforme ilustra a Figura 16. Os cultos são realizados com os visitantes, em sua maioria, em pé, que lotam a capacidade interna da Capela e também se concentram nos corredores e no lado externo. Essa área interna principal se integra aos corredores laterais por meio de aberturas em forma de arco, o que ocorre também no andar superior (Figura 17).

Figura 15 - Fachada da Capela Nossa Senhora da Luz



Fonte: Do autor, 2012

Figura 16 - Área interna da Capela Nossa Senhora da Luz



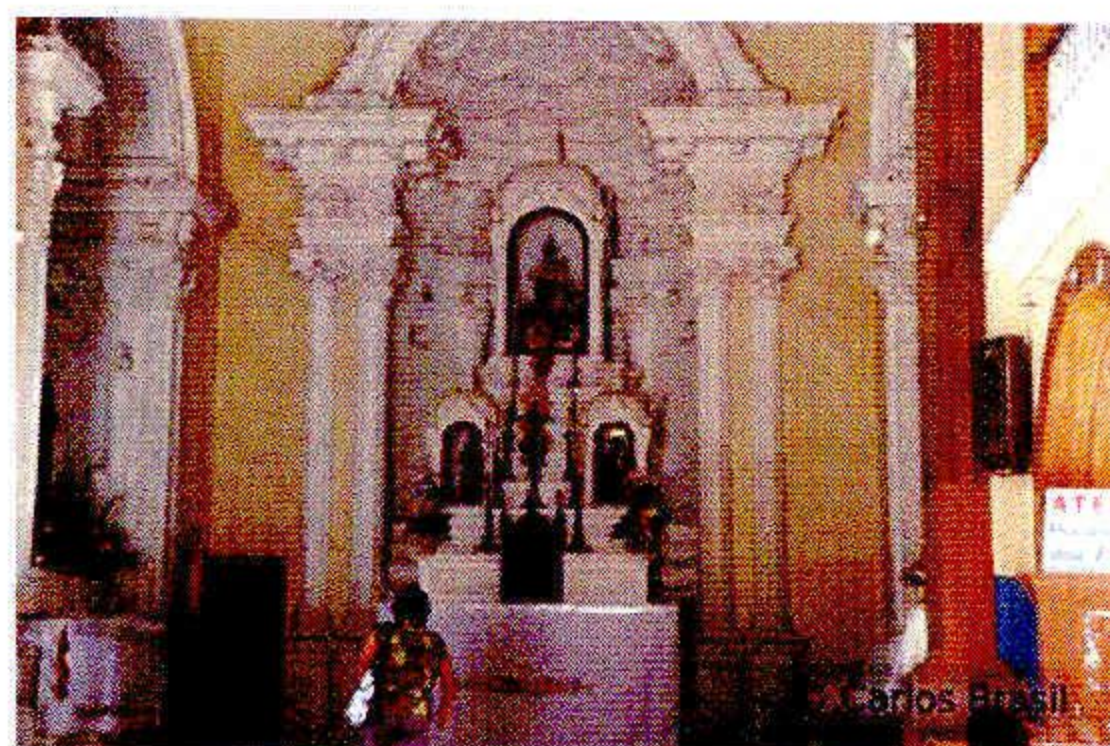
Fonte: Do autor, 2012

Figura 17 - Integração da área principal da Capela com os corredores laterais



Fonte: OARCANJO, 2012

Figura 18 - Altar principal da Capela Nossa Senhora da Luz



Fonte: OARCANJO, 2012

No altar principal encontra-se a imagem da padroeira e, abaixo dela, existem dois nichos menores contendo, um deles, a imagem de São Francisco Xavier e uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida e, o outro, uma imagem de Santo Antônio e outras imagens menores de São Sebastião, São Benedito e Santa Terezinha (Figura 18). Ainda na área do altar principal, no teto, existe uma pintura retratando Nossa Senhora da Luz. No altar lateral à esquerda existem três nichos contendo a Sagrada Família e o Espírito Santo (ao centro), Santana e São Joaquim, enquanto no altar lateral à direita encontra-se a imagem de São Severino.

O cemitério, situado nos fundos da capela, pertenceu às famílias Souza Melo e Toscano de Melo, proprietárias das terras.

Além dos túmulos dos membros das famílias e do ossuário, existem mais três túmulos, sendo um deles de uma inglesa, o outro de um servidor da família (conforme inscrição) e o terceiro de um jovem cujo nome é uma homenagem a São Severino (Severino Ramos A. de Andrade) e que, segundo se conta, a família teria levado seu corpo até o local e pedido que seu sepultamento se desse ali, o que já demonstra a devoção ao santo.

O museu dos ex-votos é um dos locais mais visitados e é também espaço de oração. Encontra-se, ainda, no conjunto, a cerca de 500 metros da capela, uma fonte cuja água acredita-se ser milagrosa.

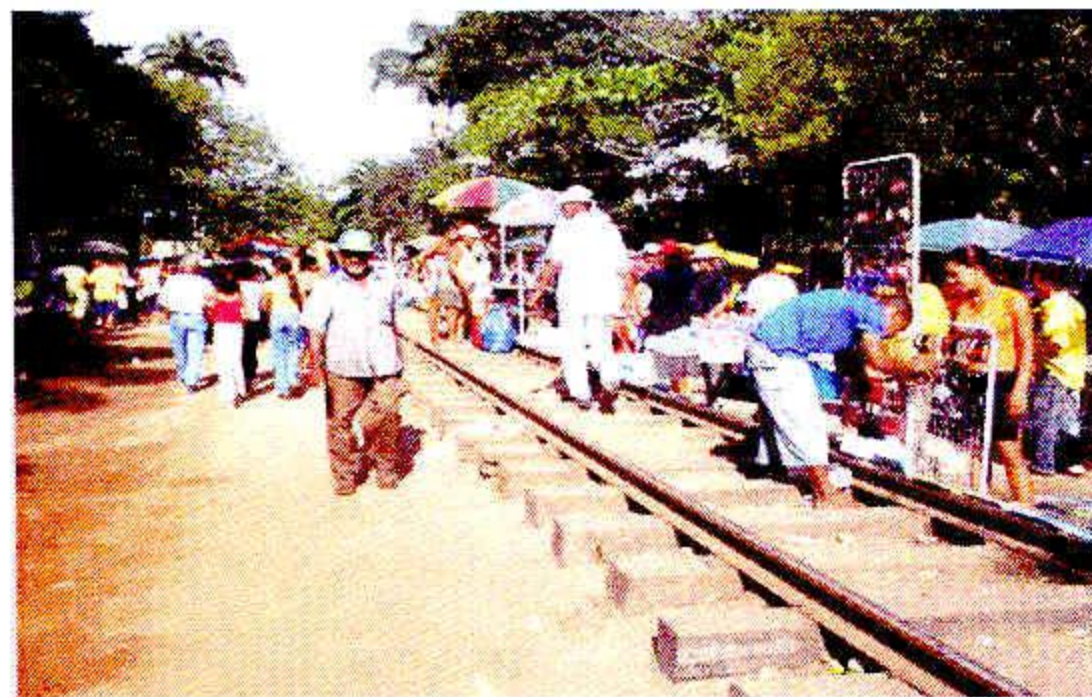
Não se sabe ao certo quantos ônibus o estacionamento acomoda, tampouco quantos ambulantes se organizam no comércio, mas estima-se em quinhentas barracas em dias de maior fluxo de visitantes, conforme mostram as Figuras 19, 20, 21 e 22 a seguir (MARINHO, 2008, p. 39).

Figura 19 – Comércio no entorno da Capela



Fonte: Do autor, 2012

Figura 20 – Ambulantes que se organizam no entorno da Capela

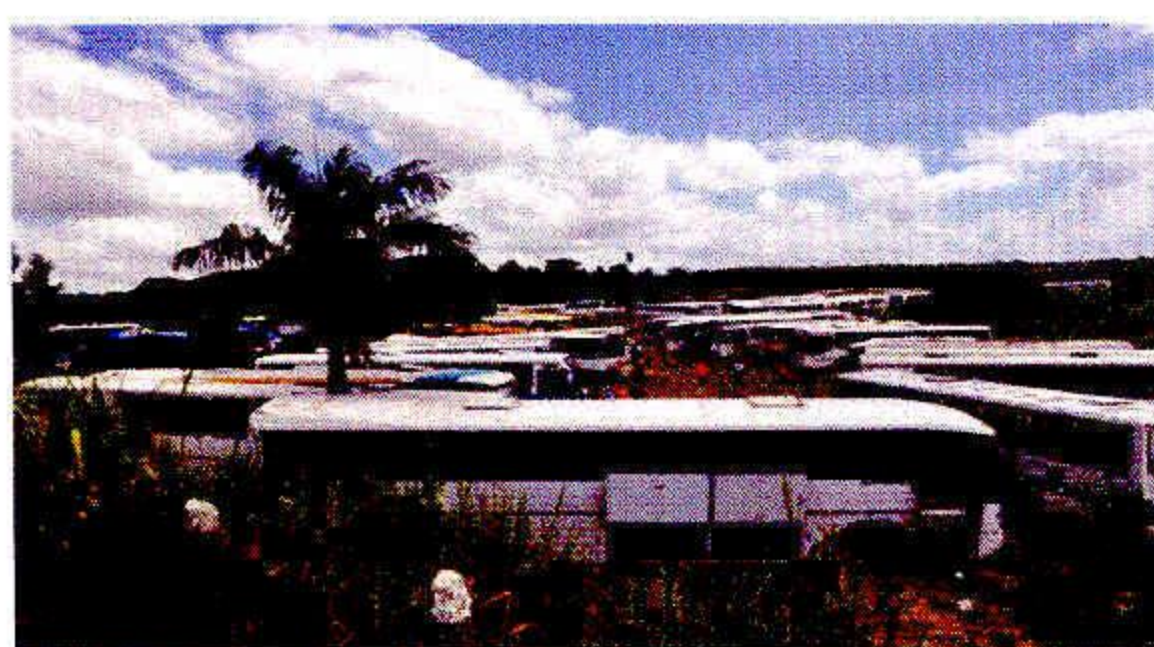


Fonte: Do autor, 2012

Figura 21 – Comércio próximo à Capela



Figura 22 – Estacionamento de ônibus



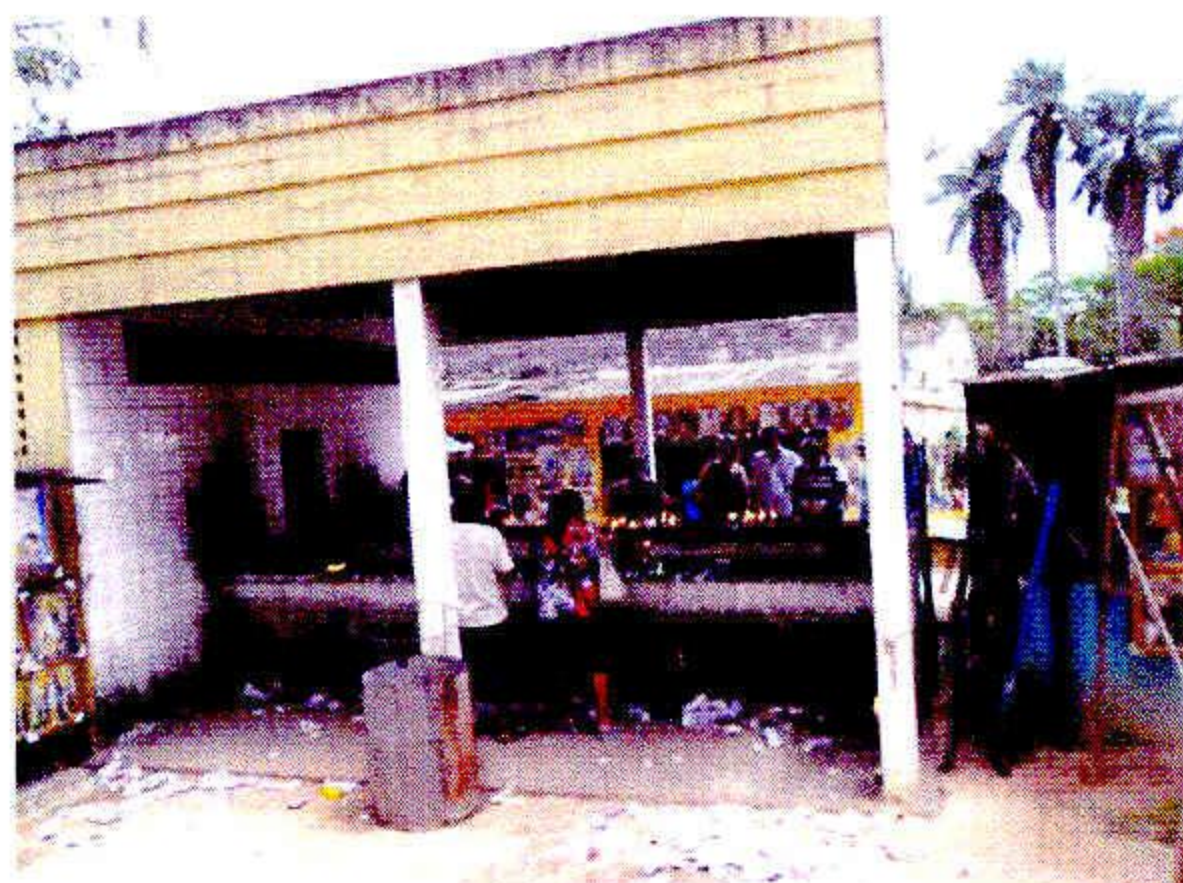
Embora haja muitos elementos que compõem o Santuário e que fazem parte do contexto da devoção e do sagrado, não existe uma organização espacial que defina todos os setores envolvidos, a exemplo do que ocorre no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida-SP, onde se vê claramente toda a infraestrutura que compreende o conjunto entre basílica, estacionamento, loja, área coberta contendo vários pontos que oferecem alimentação, entre outros. Nesse caso, todo o conjunto oferece condições adequadas de controle, segurança e conforto. Fonte: Do autor, 2012

Fonte, Do autor. 2012

No caso, o fato de o Santuário de São Severino do Ramos, estar localizado em propriedade particular causa uma limitação nos investimentos que poderiam ser feitos por parte do poder público. Assim, a necessidade dos visitantes fez surgir, de forma espontânea e sem planejamento, os serviços de apoio, ao mesmo tempo em que foi oportunizado o incremento do comércio local.

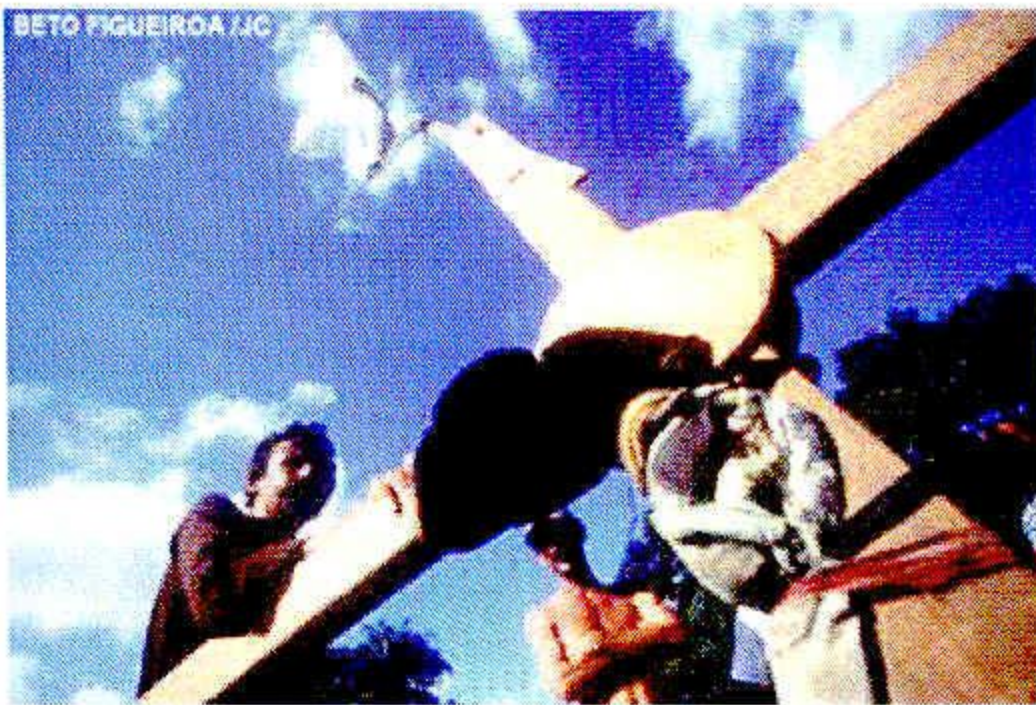
O que se percebe é que, ao longo dos anos, o comércio tem se expandido para além da capela oferecendo cada vez mais opções de entretenimento aos visitantes. No mesmo espaço em que se encontra um local de oração, de devoção e meditação, encontram-se também barracas que tocam músicas de todos os tipos e vendem, inclusive, bebidas alcoólicas, da mesma forma em que são vendidos *souvenirs* de São Severino do Ramos entre outros objetos profanos. Além disso, é possível observar que, embora haja um esforço para oferecer o mínimo de infraestrutura para os visitantes, as condições de higiene e conforto ainda são precárias, mesmo nos locais destinados às orações, conforme pode-se observar na Figura 23.

Figura 23 – Local de oração e de acender velas



A descrição de Ramos (2009) denuncia a importância do Santuário como localidade sagrada nas manifestações populares em Paudalho e região. O Santuário, como descrito acima, reúneromeiros de Pernambuco e de todos os estados brasileiros, sobretudo, daqueles que concentram grande número de imigrantes nordestinos (Figuras 24 e 25). A demanda de visitantes no dia 1º de março de 2012, data da realização da festa de São Severino dos Ramos, foi de aproximadamente 60.000 pessoas (COMUNICA PAUDALHO, 2012) que prestaram sua veneração em torno da imagem do santo, deitada, em tamanho real, conforme se percebe na exposição da Figura 09.

Figura 24 – Romeiro pagando promessa no Santuário em março de 2012



Fonte: JC ON LINE, 2012

Figura 25 – Visitantes durante a festa de São Severino do Ramos



Fonte: COMUNICA PAUDALHO, 2012

Conforme já comentado, o Santuário surgiu a partir da chegada da imagem de São Severino do Ramos ao Brasil e da difusão de suas virtudes. Atualmente, o Santuário exerce uma abrangência regional, o que faz dele uma referência para aqueles que acreditam nas graças intermediadas pelo santo. Essa forte crença em São Severino do Ramos cria um processo crescente e incessante de visitação em busca de seus milagres. O item a seguir faz alusão a esse crescimento que levou o Santuário a tornar-se um dos maiores centros de romarias do Nordeste.

1.3.2 De santuário comunitário a centro de romarias

No século XIX, quando a imagem de São Severino chegou ao Engenho Ramos e as

notícias de sua ação miraculosa se espalharam, a religiosidade daquela localidade, até então entregue a Nossa Senhora da Luz e a outros santos de menor interesse na escala da devoção popular, sofreram uma grande mudança. O que parecia ser o impacto de uma novidade religiosa, tornou-se uma explosão da expressão de fé popular, que merece a atenção dos cientistas da religião e sociedade em geral.

Em princípio, o novo santo passou a ser reverenciado pela família do senhor de engenho, que agarrava-se às crenças para alcançar favores materiais; logo em seguida, por meio da curiosidade daqueles que queriam conhecer o santo milagroso, a devoção saiu do seio da família para o interesse comunitário. Os proprietários do engenho, portanto, viram-se no dever de fazer proliferar a devoção ao santo, agora já chamado de São Severino do Ramos, ou seja, do Engenho Ramos, para atender aos interesses religiosos da comunidade.

E deste olhar – não se sabe se apenas religioso, ou também, político e socioeconômico – que construiu-se o Santuário de São Severino na Igreja de Nossa Senhora da Luz. Durante algumas décadas, parece que a devoção a São Severino limitou-se apenas aos municípios próximos a Paudalho, incluindo a capital do estado de Pernambuco, dado o fácil acesso; mas, com o passar do tempo, o nome do santo milagroso espalhou-se pelo nordeste. A construção da Igreja de São Severino Mártir, em Timbaúba dos Batistas-RN, e a emigração dos pernambucanos para outras regiões do Brasil foram eventos importantes para a dimensão que acabou recebendo o Santuário de São Severino do Ramos.

Atualmente, ele recebe milhares de pessoas, pois, com a devoção, o local deixou de ser apenas um ícone comunitário, transformando-se em grande centro de romarias, para onde, todos os anos, uma multidão de devotos faz sua jornada religiosa a fim de receber milagres ou agradecer as supostas graças recebidas. A importância de São Severino no cenário da piedade popular de Pernambuco, e por que não dizer do Brasil, mensura-se nas palavras do antropólogo, sociólogo e historiador Gilberto Freyre (1942, p. 112) ao chamar o santo de “Rei dos Santos do Brasil”, dado a popularidade e preferência que os devotos vêm demonstrando, especialmente depois da segunda década do século passado.

Numa análise conclusiva pode-se afirmar que, historicamente, a devoção aos santos tem um forte vínculo com a figura dos mártires, que eram grandes testemunhas da fé, uma vez que o martírio era visto como um caminho de perfeição. Desde o século II as figuras dos mártires foram preservadas e já se acreditava na intercessão dos santos. Esta devoção se estendeu aos monges que viviam em martírio pelo deserto (AQUINO, 2007, p.77).

No que se refere à legitimidade dos santos, naquela época cabia aos bispos confirmar a santidade de alguém e somente a partir da Idade Média é que teve início o processo formal de canonização como ocorre atualmente. A primeira canonização data de 993, no papado de João XV (985-996), desde então, é dado somente à Santa Sé o direito de confirmar os santos que poderiam ser venerados. Desta retrospectiva histórica percebe-se que o culto aos santos não é um hábito do mundo contemporâneo, tampouco está à margem da doutrina católica. Há muito tempo tem sido alvo de estudos, preocupações e ditames da Igreja (ibid.).

O Concílio de Trento (1545-1563) confirmou a validade e importância deste culto, ao mesmo tempo que ensinou a evitar abusos e mal-entendidos muitas vezes enraizados na religiosidade popular. Também o Concílio do Vaticano II (1963-65) reiterou esta doutrina, mostrando o aspecto cristocêntrico e teocêntrico do culto aos santos (AQUINO, 2007, p. 78).

No Brasil, dada a pluralidade do povo e as características socioculturais e a predominância católica, o culto aos santos se difundiu pelo país, notadamente pelo Nordeste por meio das festas populares, santuários e peregrinações, entre outros.

Não há região ou estado no Brasil que não tenha incorporado em sua paisagem, locais de peregrinação com diferentes gradações de importância. Existem também santuários e eventos religiosos que possuem abrangência nacional, rompendo as fronteiras dos estados e regiões (STEIL, 1996, p. 11).

Apesar de sua origem pouco conhecida e de sua história contada com fatos imprecisos, São Severino do Ramos é um dos santos mais populares do Nordeste. O Santuário de São Severino do Ramos nasceu a partir da chegada de sua imagem a Paudalho, o que desencadeou espontaneamente manifestações carregadas de trocas simbólicas por meio das romarias em busca de milagres. A crescente visitação ao Santuário contribuiu e ainda contribui para difundir ainda mais as virtudes do santo e cria um processo de retroalimentação através do qual os devotos fazem suas promessas, recebem graças e as divulgam fazendo crescer, ainda mais, o número de pessoas que procuram pelos milagres intermediados por São Severino do Ramos, gerando, desta forma, uma demanda significativa que incide no turismo religioso.

Todo este processo ocorre utilizando-se a estrutura física do santuário, incluindo todo o seu conjunto, o que dá suporte não só às atividades religiosas propriamente ditas para a realização dos ritos, mas também, às necessidades básicas dos visitantes. Por isso, as trocas simbólicas que ali se realizam dependem, em grande parte, da existência de local apropriado

para a realização das orações, para a queima de velas, para o depósito de ex-votos, entre outros, e, por este motivo, esta abordagem se faz necessária, da mesma forma que a estrutura local, no que se refere à alimentação, higiene, segurança, entre outros, deve ser suficiente para atender a demanda de visitantes, de devotos que, por suas características e dimensão, revelam a existência e turismo religioso na localidade.

Em suma, a religiosidade popular no Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho-PE, se manifesta de forma constante e incessante e revela interfaces com a religião, o catolicismo santoral e o turismo religioso que serão tratadas no próximo capítulo.

2 RELIGIOSIDADE POPULAR E INTERFACES

A religiosidade popular conservou-se sempre viva na história do Brasil e nos costumes do povo de tal maneira que nem mesmo os percalços desse trajeto puderam apagar ou ofuscar o seu valor cultural. Carregada de uma enorme carga de tradições, as manifestações religiosas se revelam nas mais variadas formas por meio das procissões, promessas, milagres, ex-votos, entre outros, e estão intensamente presentes nos santuários espalhados pelo país.

Este capítulo é composto pelos conceitos de religião e religiosidade popular, bem como pelas considerações sobre o catolicismo santoral no Brasil e o turismo religioso, para melhor compreender o fenômeno de devoção a São Severino do Ramos.

2.1 *Religião e interfaces com a religiosidade popular*

A palavra religião tem sua origem do latim *religare*, sendo *re* – intensificativo e *ligare* – unir, atar, no sentido de ligar ou atar um laço entre o humano e o divino (FILORAMO, 1999, p. 112). Trata-se de um tema epistemológico, uma palavra de uso inter e transdisciplinar que envolve a filosofia, a história, a sociologia e a antropologia, entre outras, e, por isso, é abordada de diferentes formas por vários autores.

Trata-se de uma atividade universal, conhecida e praticada pela humanidade desde o início dos tempos. Este sempre foi um assunto polêmico e, ao mesmo tempo em que uniu grandes grupos com as mesmas crenças divinas, motivou, e ainda motiva, grandes conflitos. Por isso, faz-se necessário abordar os conceitos que envolvem este tema a partir de elementos da história, propiciando compreender também o contexto que envolve cada um deles.

Historicamente, segundo Esteio (2012, p. 28)

As religiões podem ser divididas em dois grupos: as primitivas e as universais. O primeiro grupo inclui as religiões tradicionais da África e as primitivas da Australásia, Oceania, algumas regiões da Ásia e os povos primitivos das Américas, além das religiões pré-cristãs da Europa e religiões de outros povos antigos. Embora elas sejam diferentes em detalhes, esse grupo possui características em comum, pois tendem a ser locais e específicas para os povos que as praticam e a depender da tradição oral e não de escrituras, sendo, geralmente, não missionárias, ao contrário do segundo

grupo, que é formado por aquelas que acreditam ter importância universal, com maior ou menor intensidade e que têm as escrituras como papel central, no qual se situa o catolicismo.

Outra forma de classificação pode ser feita pela distinção dos grupos de religiões que acreditam em vários deuses – politeístas, a exemplo do Egito antigo, daqueles com um único deus – monoteísta, a exemplo da Católica (ESTEIO, 2012), ambas seguidas por grandes grupos no decorrer da história.

Durante muito tempo as religiões e/ou instituições religiosas que formaram esses grupos foram dominantes; entretanto, atualmente, num momento histórico diferenciado, frente às transformações pelas quais o mundo vem passando, as sociedades têm sido cada vez mais influenciadas pela religião, embora pareça um processo de autonomia no que se refere à esfera religiosa. Lemos (2007, p. 49) afirma que as Instituições religiosas, de forma geral, têm perdido sua força de influência, ao mesmo tempo em que cresce uma manifestação de movimentos religiosos os quais encontram adeptos que as escolhem conforme suas necessidades pessoais ou de acordo com as suas identidades espirituais.

Esta questão, apontada nos estudos contemporâneos, tem provocado mudanças no conceito de espiritualidade, que é o mais amplo entre aqueles que envolvem o tema central deste trabalho. Para Melhy (1978, p. 09), “religiosidade é a prática da religião em seus aspectos formais, a espiritualidade é a manifestação do sentido religioso”, entretanto, sem oposição ao autor, no cenário atual, a abordagem deste conceito tende a estar mais relacionada à individualidade e à subjetividade, enquanto o de religiosidade se mostra mais relacionado à religião institucional (XAVIER, 2006, p. 85).

Alguns autores acreditam que o conceito de religiosidade está mais próximo das mudanças contemporâneas, uma vez que este processo de autonomia deixa de lado o caráter homogêneo e, muitas vezes, leva a uma fragmentação e uma articulação de correntes, conteúdos e práticas religiosas, de forma que satisfaça as necessidades dos praticantes.

Existem vários conceitos aceitos para religião, no entanto, o que é de consenso entre estudiosos do assunto é que a religião é feita tanto de crenças e rituais quanto de práticas. Durkheim trata a religião como um espaço de manifestações e representações simbólicas que possibilita a reflexão, o estudo e a análise profunda da representação coletiva:

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo: para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas ideias e sentimentos (DURKHEIM, 1984, p. 216).

Resumidamente, uma classificação amplamente aceita identifica na religião cinco aspectos: “a fé”, que consiste no que as pessoas acreditam, no fundamento, e inclui aí as preces individuais; “o culto/os rituais”, envolvendo tudo que se refere ao ato de devoção, incluindo as reuniões, imagens, canções e os locais onde ocorrem; “a comunidade”, que considera o “aspecto social da religião – os devotos em seu templo/igreja específicos, a denominação ou seita mais ampla, monge, padres/freiras”; “o credo”, que consiste nas ideias que permeiam a religião como um todo, “incluindo escrituras e ideias sobre Deus, os anjos, o céu, o inferno e a salvação”; e “o código”, que, segundo o autor, “envolve as suas crenças religiosas e incluem-se éticas, tabus e ideias sobre o pecado, o que é certo e o que é errado ritualisticamente, porque entre o fundamento e os rituais tem que haver a lógica e a santidade” (ESTEIO, 2012).

Já para Lemos (2007, p. 52):

A religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos seres humanos. Ela pode tanto fornecer a explicação e a justificação das relações sociais como construir o sistema das práticas destinadas a reproduzi-las. Ela desempenha essas funções por ser um sistema de símbolos e os símbolos são incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças.

São abordagens que possibilitam esclarecer o termo “religião” como um aspecto intangível que faz parte da vida cotidiana do ser humano, como complemento que traz o equilíbrio entre o espiritual e o material, como uma necessidade que o fortalece diante das dificuldades rotineiras da vida e traz explicações capazes de mostrar o essencial dentro da dimensão humanidade e transcendência (ASSIS; PEREIRA, 2010, p. 35).

A religião representa o ponto máximo da auto-exteriorização do homem pela infusão dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser [...], é a ousada tentativa de conhecer o universo inteiro como humanamente significativo (BERGER, 1985, p. 41).

O termo está, ainda, relacionado a um comportamento espiritual norteador, cuja principal função é produzir força, estímulo sagrado à vida das pessoas e que auxilie na diferenciação entre o sagrado e o profano.

Não precisa repetir que a religião deve ser fundamentada num espaço, onde princípios estruturados, solidamente coerentes, formando um sistema que dê segurança emocional e motivação e estímulo para sua crença, com perfil de lealdade ao relacionamento amoroso entre as pessoas, nas duas formas de atuações: a individual e a social. Nesse relacionamento estabelecido nas duas áreas citadas, é essencialmente necessário um diálogo interpessoal como cidadão livre, consciencioso e consciente no trânsito nas coisas sagradas e profanas (FUCESP, 2012).

Do conceito de religião deriva o de religiosidade, que é algo inerente à natureza humana, que vem do sentido de compreender a vida e se situa no âmbito dos sentimentos. Neste sentido, Assis e Pereira (2010, p. 145) comentam:

A religião é, antes de tudo, adesão do espírito e submissão da consciência. Contém a religiosidade e várias maneiras de expressar a dimensão religiosa: a ritualística, abrangendo as práticas religiosas específicas de um credo; a ideológica, que implica o conhecimento da fé como pressuposto para a sua aceitação; a intelectual, que busca o conhecimento dos dogmas e a familiaridade com eles, além das conseqüências das convicções religiosas, isto é, os efeitos seculares da fé religiosa, da experiência religiosa e do saber religioso.

Para Simmel (2006, p. 05), “a religiosidade é um ser particular, uma qualidade funcional da humanidade, por assim dizer, que determina inteiramente alguns indivíduos, mas existe apenas rudimentarmente em outros”. O autor ainda comenta:

O significado subjetivo da religião para a alma é reflexo do que Deus, como objeto da religião, realiza por nossa visão de mundo [...] humildade ou elevação, esperança ou remorso, desespero ou amor, paixão ou repouso [...] a essência da religiosidade é criar espaço igual para pares de opostos [...] Essas forças conflitantes sugerem uma unidade mais profunda e escondida como se fossem as funções de diferentes membros que sustentam a vida de um organismo comum (SIMMEL, 2006, p. 36).

Sob outro prisma, de forma sistematizada, Bakker (1974, p. 546-547) divide esse significado em “duas vertentes: a vertical, que é a de cunho popular, e a horizontal, de cunho oficial”. Para o autor, na primeira delas existe um “relacionamento direto do homem com Deus” e se caracteriza por uma forma “passiva”, por acreditar que a responsabilidade sobre o destino é de Deus; “individualista”, porque o foco da preocupação do homem está nos seus

interesses imediatos, como a família; “negativista”, porque considera apenas o que é de Deus, colocando-se à espera de milagres em troca de sacrifícios pessoais; “pietista”, porque segue fielmente as tradições; “cristã e penitente”, por assim exigir a vida religiosa.

No segundo caso, “a vertente horizontal, caracteriza-se por um relacionamento indireto”, prevalecendo uma consciência “histórica”, pois além do compromisso com Deus, existe também o compromisso com o seu destino que é: “comunitário”, por existir a visão consciente de grupo; “positivo”, por acreditar que Deus apóia tudo que é benéfico ao homem; “político”, por exigir engajamento e comprometimento; “evangélico”, para que se valorize o Evangelho de Cristo, e “racional”, por se tratar de um processo de conscientização. Apesar das diferenças apresentadas por este autor, o que parece claro é que a religiosidade está relacionada a um posicionamento do homem frente à experiência religiosa, seja num âmbito mais egocêntrico ou mais altruísta (ibid. p. 547).

Com base nos autores mencionados, numa relação direta com o tema do trabalho, três interfaces merecem destaque. A primeira dessas interfaces se refere ao aspecto divino, pois envolve diretamente a crença na existência de uma força maior, algo transcendente, imaterial que rege as leis do universo e por meio da qual se explica a própria vida, ela deve ser venerada e seus preceitos seguidos. Portanto, faz-se necessário aprender a venerar, e é daí que surgem os rituais e ensinamentos organizados em grupos que formam as Instituições religiosas, seitas, entre outras. A segunda se refere à relação com a sociedade, pois, fundamentalmente, a religião não está ausente da sociedade, ao contrário, é parte dela e sempre esteve presente, ou seja, é parte integrante de um universo fundamentado e estruturado, do qual emerge como um norteador para a vida do homem, direcionando entre o permitido e o proibido. Paden (2001, p. 66), ao comentar sobre o comportamento religioso, afirma que “uma sociedade é um sistema de ordem, cujo oposto é o caos. Manter esta ordem se torna uma de suas principais funções”. Na mesma linha de pensamento Durkheim (2009 *apud* PADEN, 2001, p. 61) trata a sociedade como “o abrigo da moral e categorias conceituais, ideais e sentimentos que existem antes da experiência individual.” É, portanto, um aspecto relacionado à vida em conjunto e, para que o mundo funcione de forma salutar, dentro dos preceitos da religião, faz-se necessário adotar um comportamento comum.

A terceira interface refere-se ao simbolismo que está implícito na religiosidade. São os símbolos, crenças, rituais sagrados que aproximam e dão identidade aos grupos e, neste sentido, os rituais se mostram como um dos principais veículos de comunicação por

obedecerem a uma rotina constante e envolverem, em muitos casos, grandes grupos de seguidores, os quais aprendem e/ou seguem as práticas estabelecidas. Para Melhy (1978, p. 10), “é a religiosidade externada em seus rituais, práticas e adesões ao culto que permite sondar os subterrâneos abstratos da espiritualidade. A espiritualidade manifestada pelo ritual aproxima os homens e reforça a solidariedade”. No entanto, esta prática não está a parte dos preceitos da Igreja: embora carregada de manifestações não oficiais, ela é reconhecida e tratada de forma a integrar as práticas oficiais.

Além da liturgia sacramental e dos sacramentais, a catequese tem de levar em conta as formas da piedade dos fiéis e da religiosidade popular. O senso religioso do povo cristão encontrou, em todas as épocas, sua expressão em formas diversas de piedade que circundam a vida sacramental da Igreja como a veneração de relíquias, visitas a santuários, peregrinações, procissões, via-sacra, danças religiosas, o rosário, as medalhas, etc. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1998, p. 394).

Diante dos aspectos citados, percebe-se que a religiosidade popular tem um forte caráter simbólico que se torna ainda mais evidente uma vez que nasce do povo promovendo várias formas de manifestações e práticas e, no que se refere ao presente estudo, uma interação entre o catolicismo popular e o catolicismo santoral (oficial), o que será tratado no próximo item.

2.2 Religiosidade popular e catolicismo santoral

Estudar o tema religiosidade e fé no Brasil é um desafio, pois implica conhecer um repertório abundante de histórias, vivências, súplicas, reivindicações, apelos, tradições, devoções, reinvenções que atravessaram o tempo, passando por várias gerações. A religiosidade popular difere do conceito de religiosidade no sentido que essa está mais relacionada às práticas religiosas emanadas do povo e, neste trabalho, o termo será tratado à luz do catolicismo no Brasil, por ser este o foco do trabalho.

Embora este tema seja alvo de vários estudos, as definições de diferentes autores mostram semelhanças no que se refere à manifestação espontânea, ao simbolismo que a caracteriza e a estreita relação com a cultura. Conceitualmente, o termo religiosidade popular está relacionado ao conjunto de práticas simbólicas de raiz popular, estando, desta forma, intimamente relacionado aos aspectos culturais, aqui enriquecidos pela pluralidade do povo

brasileiro, conforme já comentado no Capítulo 1. Semeraro (2008, p. 02) entende a religiosidade popular como “[...] a efetividade da fé e da religião nos comportamentos humanos. Trata-se de uma experiência universal, porque cada povo exprime de forma diversa sua visão de transcendência, natureza, sociedade e história através das mediações culturais”.

Oliveira (1994 *apud* TEIXEIRA, 2006, p. 09), por sua vez, enumera três pontos básicos que, segundo o autor, fundamentariam a religião popular:

- 1) nela há uma socialização dos bens sagrados, ou seja, estes seriam mais acessíveis às camadas populares, uma vez que não dependem exclusivamente de especialistas; 2) as crenças, práticas e rituais são articulados implicitamente, não havendo teologia ou doutrina sistemática; e 3) a legitimidade da religião popular advém da tradição e não de uma instituição controlada por especialistas.

Para Gois (2004, p. 28), a religiosidade popular trata de valores, critérios, condutas e atitudes que formam a “matriz cultural do povo brasileiro”.

Num sentido mais amplo, o autor acrescenta:

Entre os diversos valores a religiosidade popular nos apresenta:

1. Uma religiosidade que existe em todo ser humano;
2. Uma motivação e até necessidade para celebrar esta religiosidade em alguns momentos da vida;
3. Uma transmissão de valores religiosos, como herança, de geração a geração;
4. Uma constante busca de pistas, direcionando àquilo que mais agrada ao povo (GOIS, 2004, p. 28).

Trata-se de uma religiosidade rica em representações, crenças, simbolismos, conduzida, testemunhada e vivenciada pelo povo sem deixar de lado a observância ao ritual. Apesar de, em muitos casos, distanciar-se do catolicismo oficial e ortodoxo, tal religiosidade segue os princípios elementares e principais. Assim, não se trata simplesmente de oposição aos valores impostos pelo catolicismo oficial, mas, sim, da utilização desse catolicismo para o culto aos santos e peregrinação a locais sagrados, sem se preocupar se eles são reconhecidos oficialmente pela Igreja.

Brandão (1986, p. 204) comenta que uma característica marcante da religião popular é “sua capacidade de recriar as doutrinas impostas pela teologia da religião oficial”. Ao mesmo tempo em que mantém especificidades, particularidades geograficamente distintas, distribuídas de acordo com as diferentes comunidades que surgiram no processo de

colonização, são somados valores comuns trazidos por aqueles que formaram este país cosmopolita. Esse conjunto de símbolos revela costumes e crenças, como vestes, danças, cânticos e os rituais que representam momentos de consagração e fortalecimento das crenças e ideais que transpõem gerações. Para Durkheim (1984, p. 30), “a verdadeira função do rito era recriar a identidade do grupo por meio de sua objetivação em símbolos e atos religiosos”.

O conceito de Rolim [s.d.] elucida de maneira clara o termo religiosidade popular e recomenda que deve ser analisado “como um dado objetivo, que possui uma dimensão e um dinamismo próprio.” Ao tratar do catolicismo popular e suas diversas manifestações como uma das grandes correntes da religiosidade popular, o autor destaca que, neste conceito, a religiosidade é definida como práticas e crenças, “gestos e ritos que se praticam e que podem ser observados”. O termo popular é utilizado referindo-se ao desconhecimento, ou pouco conhecimento da doutrina da Igreja, “desprovido de valores religiosos próprios”. Torna-se então, necessário compreender que a religiosidade possui um dinamismo próprio que envolve valores e, na sociedade, tais valores não atingem a todos os indivíduos com a mesma intensidade.

Para melhor compreender a religiosidade popular, Rolim [s.d.], por meio de uma analogia com o sistema social, elucida de forma bastante interessante como se dá o movimento desta dinâmica que é por ele ilustrado na forma de uma estrutura difusa na qual o núcleo central mantém, com maior intensidade, os valores sociais e, desta forma, os indivíduos ligados a ele estão mais vinculados a estes valores. Entretanto, esta estrutura também é composta por uma região periférica e mais difusa, na qual os valores socioculturais têm menor intensidade e menor poder de integração. Num sistema religioso, o autor afirma que os indivíduos não vivenciam com a mesma intensidade as crenças e valores religiosos. Aqueles que se encontram na região mais periférica e difusa são mais autônomos e formam “polos geradores de religiosidade”, sendo que, na medida em que se distanciam, os valores perdem a intensidade e podem se romper. Esse distanciamento do núcleo provoca um enfraquecimento do controle ortodoxo e resulta em maior liberdade para entrar em contato com outros sistemas religiosos dando origem a práticas e crenças de caráter individual.

O autor exemplifica esse sistema periférico utilizando a devoção aos santos no catolicismo. Neste caso, para a Igreja, o santo é um modelo a ser seguido para que os fiéis se mantenham mais próximos de Cristo, e as suas imagens são utilizadas como símbolo das próprias virtudes do santo. No entanto, na maioria dos casos, o santo deixa de ser o modelo

para ser simplesmente o protetor, o dispensador de milagres que se corporifica na imagem. Esse ponto gerador de religiosidade induz que se manifestam nos mais variados tipos de promessas.

Vê-se com frequência os fiéis tocarem demoradamente nas imagens, agarrando-se a elas em situações difíceis, medindo com uma fita, ora o tamanho da imagem, ora o comprimento do braço ou do pé. Por um lado, persiste algum laço de ligação com a igreja católica. O santo é da Igreja. Mas se particulariza, muitas vezes. Fica sendo o santo deste lugar. E se não for deste lugar, ou se não for esta imagem, não serve. Mas por outro lado a crença se desvinculou do núcleo doutrinário e tornou-se um polo autônomo de religiosidade. A vida do santo e suas virtudes são muitas vezes ignoradas. Lembradas apenas as lendas que falam do prodigioso poder do santo (ROLIM, [s.d.]).

Nesses pontos periféricos geradores de práticas religiosas, surgem, segundo o referido autor, duas características básicas que compreendem a religiosidade popular: a primeira consiste em “uma individualização religiosa”, manifestando-se tanto em práticas individuais como coletivas, a exemplo das novenas; a segunda consiste no “contato direto com o sagrado”, não dispensando, necessariamente, a mediação. Essas características fazem surgir um modo de religiosidade com peculiaridades e dinamismo próprio. Para ele:

A lógica parece consistir em que os fiéis não estão interessados na explicação racional de suas crenças, mas na vinculação destas crenças com a vida cotidiana. E esta lógica repercute na conduta – não desagradar ao santo ou à entidade em que se acredita. A emoção decorre do contato direto com o sagrado, da alegria e espontaneidade de serem os próprios fiéis os produtores do seu mundo religioso (ibid.).

A religiosidade popular, portanto, não nega, tampouco contesta a ortodoxia, apenas reflete manifestações espontâneas que nascem dos aspectos culturais devido à carência de conhecimentos acerca da doutrina da Igreja e assim se definem em práticas religiosas características de cada região a exemplo da devoção aos santos que será tratada a seguir.

2.3 Catolicismo santoral no Brasil

Conforme já comentado no capítulo 1, o santo é um elemento fundamental que esteve presente em toda a história do cristianismo tanto do núcleo familiar quanto das grandes massas, a exemplo do que ocorre nos santuários.

As vidas dos santos constituem um importante meio de transmitir o sentido da fé cristã. Desde que o cristianismo existe, as pessoas contam e recontam as histórias dos santos. Eles têm sido homenageados em ícones, pinturas e estátuas. É impossível imaginar o cristianismo sem pecadores e é impossível vivê-lo sem os santos (WOODWARD, 1992, p. 324).

Consideram-se parte deste universo simbólico as promessas, milagres, ex-votos, entre outros, como práticas de aproximação dos santos, e servem como propulsores de outras formas de manifestação popular, dentre as quais as romarias e peregrinações. Ou seja, no ato de devoção ao santo, o ritual muitas vezes representa uma troca simbólica que consiste num pedido a ser atendido, para o qual se faz uma promessa e se espera por um milagre.

Deste modo, o ato de cumprimento da promessa ou a realização do pedido impulsiona a realização das romarias e peregrinações rumo aos santuários, seguidos ou não de depósito de ex-votos, por acreditar que assim o devoto estará mais próximo do santo e será ouvido com mais facilidade. Essas práticas são também realizadas somente como ato de devoção, no entanto, empiricamente, tem-se que grande parte dos seguidores as realizam envolvendo pedidos ou agradecimentos, aspecto que será tema investigativo neste trabalho.

Historicamente, Teixeira e Menezes (2009, p. 20) relatam:

O catolicismo santoral é uma das formas mais tradicionais de catolicismo presentes no Brasil desde o período da colonização. Tem como característica central o culto aos santos. Foi este culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo, seja nas confrarias e irmandades, seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários. O catolicismo brasileiro foi, durante muito tempo, um catolicismo de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida.

Esse tipo de catolicismo se fortalece ainda mais com a presença da imagem do santo. Seguindo a história, Semeraro (2008) comenta que as imagens acrescentaram fervor à devoção aos santos. Numa visão cronológica, este autor acrescenta que, no século IV, houve uma redução do culto aos mártires (presente desde os primeiros tempos), limitando-os aos “lugares do próprio martírio ou da sepultura”. Ainda segundo o autor, “depois das perseguições, as honras foram dadas àqueles que se destacaram pela virtude e piedade, especialmente os eremitas e os monges, que passaram a ser venerados pelos fiéis”. Seguindo a cronologia, após o século VII e VIII, momento em que os corpos dos mártires foram

transferidos das catacumbas para as basílicas, “surgiu uma verdadeira paixão pelos corpos dos santos e pelos objetos que pertenceram a eles”, sendo que o culto das relíquias se desenvolveu junto ao culto dos mártires.

No século IV houve um grande incremento na veneração das imagens, que consistia nas genuflexões, nos beijos, no acender velas e lâmpadas, na oferta de incenso e outros objetos diante das imagens. Também as peregrinações começaram a ser populares naquele tempo. O culto aos santos tomou grandes proporções durante este período medieval, sob a pressão dos fervorosos religiosos do século XIII. Especialmente sob a influência das ordens mendicantes, a piedade popular adquiriu um caráter mais individual (SEMERARO, 2008, p. 04).

Não há como negar que o culto aos santos sempre ocupou uma importante posição no cristianismo. [...] “Em muitos contextos sócio-históricos ser católico significava cultuar os santos, promover ou participar de suas festas, pagar-lhes promessas, venerá-los – muito mais que o comparecimento à missa e a participação nos sacramentos” (TEIXEIRA; MENEZES, 2009, p. 109). Ainda segundo os autores, o culto aos santos possibilita analisar questões que relacionam religião, cultura e sociedade e, por meio dele, estudar os sentidos de determinadas práticas devocionais, o que vem ao encontro do presente estudo.

Os santos penetram na vida dos que os veneram, misturando-se com seus problemas, suas necessidades mais urgentes, nos negócios, na vida familiar, nos casamentos, etc. E tudo isso, sem cerimônia, sem se precisar de apresentação, sem intermediário. Tudo se passa entre o santo e seu devoto. Uma certa intimidade até, sem implicar desrespeito, mas intimidade que chega até mesmo à imposição de certas punições, como santo de cabeça para baixo, santo fora de sua capela, santo voltado para as paredes (ROLIM apud TEIXEIRA; MENEZES, 2009, p. 20).

No Brasil, as formas populares de veneração aos santos e a convicção na possibilidade deles intermediarem milagres continuaram vivas mesmo com o processo de romanização⁸ e

⁸ Romanização, conceito criado pelo pesquisador Theodor Mommsen no século XIX, indica a propagação da cultura romana através da aculturação e assimilação cultural de seus atributos, por parte das populações anexadas durante o período de expansão da República Romana, do Império Romano ou Principado, dentro da perspectiva civilizatória de Roma (MENDES, 2002). Por conseguinte e de forma análoga, o processo de romanização, que como princípio básico viabilizava a evangelização da sociedade nos moldes dos ideais medievais. Este processo de romanização também aconteceu no Brasil, principalmente com a instalação da República em 1889, a partir da separação entre a Igreja e o Estado que foi efetivada em 7 de janeiro de 1.890, pelo Decreto nº 119-A, e constitucionalmente consagrada desde a Constituição de 1.891.

sua influência sobre a vida religiosa tradicional. O Censo de 2010 revelou o Nordeste como a região que tem maior número de católicos, fato que pode estar relacionado à tradição do catolicismo santoral cuja repercussão é reconhecida em todo o território nacional e gera grandes demandas de visitantes aos santuários. Acrescentam-se aí os devotos de São Severino do Ramos que, segundo Marinho (2008, p. 101), no Domingo de Ramos, chegam a trinta mil pessoas, movimentando a economia local e o turismo religioso.

Conclui-se, portanto, que a devoção aos santos é uma prática rotineira na vida dos brasileiros e, notadamente, dos nordestinos que vêem neles uma possibilidade de intercessão junto a Deus para o atendimento às suas solicitações. Na mesma medida em que os santos oferecem proteção recebem agradecimento e respeito às suas virtudes e são esses aspectos que geram grandes demandas de visitantes, o que se caracteriza como turismo religioso que será contextualizado a seguir.

2.4 Religiosidade popular e turismo religioso

Não se pode negar a existência de uma estreita interface entre a religiosidade popular e o turismo religioso, notadamente quando se trata das romarias. As similaridades partem do conceito de ambas as atividades, pois, conforme já comentado no item 1.1, a romaria, assim como o turismo, envolve uma motivação e um deslocamento para o local desejado.

Assim como a religiosidade popular, o turismo é uma atividade que despertou o interesse de estudiosos no mundo contemporâneo, por ser uma atividade que facilita múltiplas trocas e análises multi e transdisciplinares, sendo suas relações estudadas e trabalhadas nas mais diversas disciplinas.

Historicamente, as migrações sempre fizeram parte da vida do homem, sejam motivadas pelas condições climáticas, por necessidade de sobrevivência, para exploração, guerras, invasões, entre outros. Fato concreto é que os homens pré-históricos já se deslocavam em busca de alimento. Na Bíblia houve muitos personagens que realizaram migrações, a exemplo de Abraão: Ur dos Caldeus (Gn 11.31), Egito (Gn 12.10), Gerar (Gn 20.1), Quiriate-Arba-Hebrom (Gn 23.1). As grandes civilizações da Antiguidade, como a egípcia, a suméria, a grega e a romana também viajavam para conquistar territórios. A organização dessas sociedades exigia a realização de viagens para a participação em eventos religiosos e diplomáticos, além de atividades culturais (OLIVEIRA, 2002, p. 7). O Império Romano soma

a este leque de motivações as viagens com objetivos militares, políticos e de saúde, que envolvia o tratamento em águas termais e, mais adiante, para a peregrinação religiosa. Oliveira (2002, p. 7) comenta que “após o advento de Jesus Cristo e o de Maomé, os cristãos começaram a viajar a Jerusalém para visitar a Terra Santa, enquanto os muçulmanos, no século VII, iniciaram as peregrinações a Meca.”

O Renascimento trouxe a busca pelo conhecimento e, assim, os governos passaram a financiar expedições a regiões desconhecidas, o que impulsionou as grandes navegações. Desde o século XVII, com os efeitos da Reforma Industrial, houve um maior interesse em conhecer outros países e lugares diferentes daquele de sua residência. Essa evolução do turismo ocorreu com o início do capitalismo, quando se manifestaram os primeiros sinais de crescimento industrial e das evoluções tecnológicas, o que acarretou a transição da produção artesanal para a manufaturada.

As mudanças que ocorreram nas formas de transporte levaram a um segundo estágio de desenvolvimento turístico, quando os trens e navios a vapor ofereciam oportunidades de viagem. Ainda nessa época, com o rápido crescimento populacional, apareceram os primeiros indícios do turismo de massa e, com ele, vieram as indústrias de viagens, formadas por agências de viagens e operadoras de turismo (LICKORISH; JENKINS, 2000, p. 94).

Lickorish e Jenkins (2000, p. 94) descrevem outros estágios da história, destacando o período entre guerras. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a era das ferrovias e do vapor foi interrompida, mas, por outro lado, a guerra impulsionou a expansão das rodovias e um considerável investimento na aviação. Esse período foi marcado como a era dos automóveis que, somada a outros fatores – como o incremento do turismo social devido à conquista do período de férias remuneradas, o aparecimento de uma variedade de atividades de recreação e lazer a custos mais acessíveis e, conseqüentemente, de equipamentos especializados como *campings*, *traiillers*, albergues, entre outros – levaram à oferta de transporte mais barato e turismo com ônibus fretado.

A expansão do turismo foi interrompida novamente na Segunda Guerra Mundial (1938-1945) e retomada logo após, com a era da revolução na tecnologia, um período de mudanças e desenvolvimento industrial em massa. Os avanços tecnológicos no transporte e outras formas de comunicação reforçaram os fatores econômicos que favoreceram a expansão do turismo. O próximo estágio foi marcado pela década de 1970, período em que o turismo passou a ser respeitado como atividade econômica e despertou o interesse de estudiosos na

área. A partir deste momento, surgiram conceitos de turismo definidos por vários autores que puderam contribuir e facilitar o entendimento e o desenvolvimento da atividade (ibidem).

A Organização Mundial do Turismo (OMT) tem uma definição ampla e flexível para a atividade:

O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outros (OMT, 2001, p. 38).

Ainda segundo a OMT, o turismo divide-se em quatro elementos interrelacionados, que são: “a demanda”, caracterizada por conjuntos de potenciais consumidores dos bens de serviços turísticos; “a oferta”, caracterizada pelo conjunto de produtos, serviços e organizações envolvidas na experiência turística; “o espaço geográfico”, que consiste na base física onde ocorre o encontro da oferta e demanda; e “os operadores de mercado”, empresas e organismos que têm como função facilitar a inter-relação entre a oferta e a demanda. Mathieson et al. (*apud* THEOBALD, 2001), por sua vez, conceituam o turismo da seguinte forma:

Turismo é deslocamento temporário de pessoas de seus locais normais de trabalho e residência para determinados destinos, as atividades empreendidas durante suas estadas em tais destinos e as instalações criadas para atender às suas necessidades (MATHIESON et al. *apud* THEOBALD, 2001, p. 32).

Turismo é um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e que espaço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimentos existenciais histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios (BENI, 2002, p. 37).

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE *apud* BARRETO, 1997, p. 13).

Embora esses autores tratem de diferentes conceitos sobre a atividade, existem pontos convergentes nos estudos realizados que demonstram que o turismo envolve, sobretudo,

movimento de pessoas, deslocamento e permanência por tempo determinado, além de motivação.

O que se percebe ao longo da história é que o turismo, durante muito tempo, foi praticado somente pelas camadas sociais mais altas devido aos custos que envolviam a atividade e a disponibilidade de tempo. Atualmente esta realidade se apresenta de forma diferente, visto que considerável parte da população pode realizar pelo menos uma viagem por ano.

Alguns fatores que contribuíram para o aumento dos fluxos turísticos são: aumento do tempo livre; evolução técnica; aumento da renda; desenvolvimento das empresas prestadoras de serviço; liberação das formalidades aduaneiras; aumento da urbanização e a falta do verde (SAUER *apud* BARRETO, 1997, p. 14).

O turismo é considerado como uma das atividades econômicas mais promissoras da atualidade, por ser fonte de divisas e geradora de empregos e renda. Além disso, quando bem planejado, proporciona o desenvolvimento social, econômico, cultural e ambiental de uma localidade e sua população, sendo também um estímulo para implantação de novos empreendimentos. O fenômeno turístico une culturas de diferentes locais do mundo e cada turista leva consigo uma imagem distinta que inclui num repertório de troca de experiências e conhecimento. “A imagem é uma característica do produto turístico determinante no processo de decisão de compra do consumidor [...] O cliente compra também a imagem e passa a incorporá-la” (BIGNAMI *apud* DIAS; AGUIAR, 2002, p. 132).

A imagem é também a responsável pelo interesse e consumo do espaço, sendo que neste estão presentes a distribuição territorial dos atrativos turísticos. O espaço turístico é composto por: oferta turística, demanda, produto, infraestrutura e superestrutura, que são elementos que se interrelacionam para o desenvolvimento do turismo.

Para Beni (2002, p. 26), pode-se definir oferta como o contingente de serviços existentes no mercado por um determinado preço e em um período de tempo. A demanda consiste no total de turistas que entram em um determinado destino. O produto é o conjunto de bens e serviços que servem diretamente à atividade turística.

Para o autor, por infraestrutura, entende-se que são os elementos essenciais à qualidade de vida das comunidades e dos quais se beneficiam complementarmente os turistas ou os empreendimentos turísticos. São, portanto, elementos que embora não sejam

implantados para beneficiar exclusivamente os turistas, podem contribuir para a qualidade do produto turístico. Fazem parte desta infraestrutura básica: as vias de acesso, o saneamento básico, a rede de energia elétrica, as comunicações, a sinalização turística, a iluminação pública, entre outros.

De modo geral, qualquer produto turístico compõe-se de atividades e serviços ligados aos empreendimentos de hospedagem, de alimentação, aos transportes, aos produtos típicos locais, além de visitas a locais diversos e utilização de equipamentos de lazer tanto naturais e artificiais (ANDRADE, 2002, p. 67). Já por superestrutura compreende-se a política oficial de turismo e sua ordenação jurídico-administrativo que se manifesta no conjunto de medidas de organização e promoção dos órgãos e instituições oficiais e nas estratégias governamentais que interferem no setor (BENI, 2002).

O turismo exige um processo de gestão abrangente e visão holística compartilhada entre órgãos públicos, empresários e comunidade, tudo com base na sustentabilidade. Fazem parte da oferta turística os atrativos turísticos, recursos naturais ou artificiais que atraem o turista para a visita e que requerem cuidados, planejamento e administração para garantia de sua sustentabilidade e, também, atendimento com qualidade. A partir desse entendimento, surge a preocupação em segmentar mercado, tendo em vista atender a demandas específicas, satisfazendo suas necessidades e expectativas.

Beni (2002, p. 153) comenta:

A melhor maneira de estudar o mercado turístico é por meio da sua segmentação que permite decompor a população em grupos homogêneos, e também a política de *marketing* que divide o mercado em partes iguais, cada uma com seus próprios canais de distribuição, motivações diferentes e outros fatores.

As pessoas que compõem o mesmo segmento têm necessidade e expectativas similares, o que facilita o atendimento pelo mercado. Além disso, o comportamento similar favorece a interação entre as pessoas e essa aproximação, por si só, já motiva o turismo. O autor ainda comenta que, com a segmentação do mercado, identificam-se os principais destinos geográficos, tipos de transporte, composição demográfica dos turistas, como faixa etária e ciclo de vida, nível econômico e renda, escolaridade, ocupação, dentre outros. Da mesma forma, o mercado segmentado enfrenta menos concorrência e faz investimentos em serviços mais apropriados, uma vez que passa a conhecer melhor o seu público.

Quanto a este tema, outros autores conceituam de forma similar. Para Kotler (2000, p. 278), “um segmento de mercado consiste em um grande grupo que é identificado a partir de suas preferências, poder de compra, localização geográfica, atitudes de compra e hábitos de compra similares”.

A maior parte dos mercados é grande demais para que uma empresa possa oferecer todos os produtos e serviços necessários a todos os compradores naquele mercado. Precisa-se de alguma limitação de mercado, não só por causa da eficiência, mas também por causa de limitação de recursos (KOTLER, 2000, p. 177).

Ansarah (1999, p. 19) afirma:

É possível verificar que as empresas e os consumidores buscam novos caminhos para o mercado turístico, e, por isso, é visível a segmentação como um dos caminhos escolhidos, tendo assim informações sobre os clientes. Com informações qualificadas, pode-se segmentar o mercado atendendo aos desejos do cliente com produtos personalizados.

Balanzá (2003, p. 95), entretanto, ainda considera a necessidade de trabalhar na microsegmentação e não mais a macrosegmentação. O autor propõe que a segmentação é a consequência dos diferentes gostos, necessidades e estilos de vida das pessoas e que não se pode mais considerar mercados muito abrangentes como o turismo de lazer, porque ele se divide em diversos subsegmentos que buscam diferentes experiências. Trata-se, portanto, de especializar o turismo, possibilitando adequar com maior precisão oferta e demanda.

No que se refere à forma de segmentar o mercado, existem algumas condições que devem ser consideradas:

- a) homogeneidade: os segmentos identificados devem ser homogêneos com relação ao critério utilizado para segmentação, e ao mesmo tempo ser diferentes do resto dos consumidores;
- b) substancialidade: deve ser rentável a ponto de ser atraente e merecer o planejamento de estratégias de marketing necessário para trabalhá-lo;
- c) acessibilidade: os segmentos devem ser acessíveis de forma que se possa trabalhar com eles;
- d) adequação: devem ser compatíveis porque vários segmentos utilizam os mesmos produtos. Não é possível misturar segmentos com interesses muito diferentes;
- e) possibilidade de ser medido: é necessário conhecer aproximadamente quantas pessoas fazem parte de um segmento (LAMBING *apud* BALANZÁ, 2003, p. 97).

Segundo Vaz (1999, p. 57), os segmentos do mercado turístico são classificados através de bases demográficas pessoal, sociocultural, socioeconômica, segmentação psicográfica, comportamental e geográfica. O motivo da viagem, entretanto, é o principal meio disponível para se segmentar o mercado. Esses segmentos podem ser: turismo religioso, que é focado neste estudo; de descanso ou férias; de negócios e compras; desportivo; ecológico; rural; de aventura; científico; gastronômico; estudantil; de família e de amigos; de saúde ou médico-terapêutico; cultural; de eventos; entre outros, e a eles vão se incorporando novos segmentos que surgem com as necessidades do mundo contemporâneo.

Para o Ministério do Turismo (MTUR), o turismo religioso é um subsegmento do turismo cultural que “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos elementos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”. Toda viagem turística consiste em uma experiência cultural, assim relata o Ministério do Turismo (MTUR, 2012, p. 13): “ao sair de seu ambiente, o turista entra em contato com novos sabores da culinária local, com as músicas mais pedidas nas estações de rádio do local, com a forma dos habitantes locais de lidarem com visitantes” e da mesma forma agem aqueles que participam das manifestações culturais. No entanto o que define o turismo cultural é a motivação, o interesse da viagem por temas relacionados à cultura.

Ainda para o MTUR, considera-se turismo religioso como aquele que “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos elementos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (ibid., p. 14). É o fato de preservar hábitos e costumes no decorrer da história que coloca o turismo religioso nesta posição. Entretanto, mantém seu conceito firmemente relacionado à busca espiritual e a prática religiosa aqui caracterizada pelo deslocamento a locais e a participação em eventos para fins de:

- a) peregrinações e romarias;
- b) roteiros de cunho religioso;
- c) retiros espirituais;
- d) festas, comemorações e apresentações artísticas de caráter religioso;
- e) encontros e celebrações relacionados à evangelização de fiéis; visitação e espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros);
- f) realização de itinerários e percurso de cunho religioso e outros” (ibid., p. 19).

Para o Ministério do Turismo, “o turismo religioso configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas, independentemente da origem étnica ou do credo” (ibid., p.19).

O MTUR ainda ressalta que “as viagens realizadas com interesse cultural ou que envolvam apenas a apreciação estética do fenômeno ou do espaço religioso serão consideradas simplesmente como turismo cultural” (ibid., p.19). O mesmo órgão exemplifica as atividades que podem ser realizadas no âmbito do turismo cultural, considerando entre elas as visitas a espaços e eventos religiosos e descreve:

Visitas a espaços e eventos cuja motivação principal seja a busca espiritual e a prática religiosa relacionadas às religiões institucionalizadas, de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica. Ex.: Peregrinações e romarias, retiros espirituais, festas e comemorações religiosas, visitação a espaços e edificações religiosas – igrejas, templos, santuários, terreiros – realização de itinerários de cunho religioso, apresentações artísticas de caráter religioso (MTUR, 2012, p. 33).

Não obstante o conceito do MTUR, Andrade (2000, p. 77) conceitua o turismo religioso como “o conjunto de atividades, com utilização parcial ou total de equipamentos, e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões”. O autor comenta:

Ressalvados o turismo de férias e o turismo de negócios, o tipo de turismo que mais cresce é o religioso, porque – além dos aspectos místicos e dogmáticos – as religiões assumem o papel de agentes culturais importantes, em todas as suas manifestações de proteção a valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de prevenção no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades (ANDRADE, 2000, p. 77).

Quanto à representatividade econômica do turismo religioso, pesquisas realizadas pelo MTUR, em 2007, revelam que “12,7% dos entrevistados têm no turismo cultural a principal motivação de suas viagens, 5,1% a religião e mais 3,1% apontam os eventos culturais, esportivos e sociais” (MTUR, 2012, p. 37).

Considerando o volume global das viagens realizadas no Brasil, estimada em 225 milhões de viagens domésticas em 2007, calcula-se que o segmento de Turismo Cultural mobilize diretamente pelo menos 28 milhões de viagens por ano no Brasil, o turismo religioso em torno de 11 milhões de viagens e os eventos cerca de 7 milhões (ibid. p.37).

Outro aspecto interessante apontado pela pesquisa é que as viagens cuja motivação principal é a cultura são proporcionalmente maiores entre os grupos que apresentam maiores rendimentos (ibid., 2012, p. 37).

Em matéria disponível no website G1, consta o crescimento do turismo religioso no país e destaca a contribuição que tem representado para os pequenos municípios do interior. A matéria relata que a cidade de Aparecida-SP é um dos destinos religiosos mais procurados no país: “Por ano, a cidade, cuja população fixa chega perto de 37 mil habitantes, recebe cerca de 10 milhões de visitantes. Nos últimos três anos, o número de turistas tem aumentado 10%, em média, segundo a Secretaria Municipal de Turismo” (CURY, 2010). Ainda complementa que o turismo religioso representa 80% da renda do município.

Os dados apresentados se fazem necessários para ser melhor compreendido o impacto causado pelo grande número de visitantes nas localidades, a exemplo do que ocorre em Paudalho-PE, para onde, motivados pela visita ao Santuário de São Severino do Ramos, os visitantes, organizados em grupo ou individualmente, deslocam-se e, com isso, movimentam a economia local. Daí, conforme comentado no capítulo 1, o atrativo, que neste caso é o Santuário, desperta o interesse do poder público e contribui para a geração de emprego e renda.

Analisado pelo prisma do turismo, o que ocorre atualmente em Paudalho se insere em um ciclo que precisa de atenção e planejamento porque está fadado ao crescimento. Este talvez seja o maior diferencial do turismo religioso se comparado a outros tipos de turismo que ocorrem em cidades interioranas quanto à perspectiva de crescimento dada à crescente busca pela espiritualidade.

Se comparado ao turismo rural, por exemplo, o turismo religioso difere por gerar grandes demandas de visita por um público devoto e fiel ao seu santo e que, por isso, mantém rotinas definidas para suas viagens, o que demanda uma estrutura de apoio para recebê-los, tanto por parte da Igreja, quanto da localidade. O que ocorre, então, é que a criação de uma infraestrutura e superestrutura sólidas, a exemplo do que ocorreu em Aparecida-SP, fará aumentar a visita devido às condições de permanência oferecidas aos visitantes e, assim, tornará o interesse deles mais amplo, deixando de ser somente religiosidade e passando a ser turismo, envolvendo passeios com amigos, visitas a patrimônio histórico, confraternizações, entre outros, configurando, ratificando e acrescentando à “externalidade no olhar” comentada por Steil (2003, p. 35).

Em suma, trata-se de uma ação espontânea de religiosidade que, somada a outros fatores, como a rotina da vida moderna, a redução do período de férias escolares, a necessidade contemporânea da religiosidade, a necessidade de lazer e a oportunidade de se relacionar com outras pessoas, configuram uma relação de interdependência entre os visitantes (devotos de São Severino do Ramos), a infraestrutura necessária para recebê-los e a oportunidade de movimentação da economia local, o que situa o turismo religioso em Paudalho-PE, no âmbito do planejamento, e a religiosidade popular, naquela localidade, no âmbito da atenção.

Procede neste capítulo que a religiosidade é um sentimento condutor da vida das pessoas, é capaz de mover suas ações e decisões e ajuda a compreender o sentido da vida, além de explicar o que nela acontece entre momentos difíceis, realizações e conquistas. É o sentimento de religiosidade que move pessoas e grupos na busca da maior aproximação possível com o sagrado e é aí que surge neste contexto o catolicismo santoral, pois, conforme já comentado, o santo sempre foi visto como intermediador, como aquele que está próximo de Deus suficientemente para interceder pelas solicitações de seus devotos.

Por esta condição de favorecimento os devotos cumprem rotinas de deslocamento a lugares sagrados tendo em vista demonstrar sua fé e não deixar dúvidas sobre sua gratidão, da mesma forma que fazem suas súplicas. Estes grupos tendem a aumentar na medida em que o santo ganha popularidade, assim como ocorre no Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho-PE, e, assim, surge o turismo religioso caracterizado pelo deslocamento motivado pelo sentimento de religiosidade, pela busca de lugares sagrados e realização de práticas religiosas nas quais ocorrem as trocas simbólicas entre devotos e santos, o que se busca analisar neste estudo.

No próximo capítulo serão apresentados resultados de pesquisa de campo que revelam como ocorrem as trocas simbólicas entre os devotos de São Severino do Ramos em seu santuário em Paudalho-PE.

3 TROCAS SIMBÓLICAS NO SANTUÁRIO DE SÃO SEVERINO DO RAMOS

Tendo em vista a compreensão da temática central do trabalho, retrospectivamente os capítulos anteriores contextualizaram sobre a devoção aos santos numa visão histórico-antropológica, elucidando os conceitos e abordando a temática no Brasil evidenciando, particularmente, o caso de São Severino do Ramos e seu santuário em Paudalho-PE. Em seguida foi dissertado sobre a religiosidade popular e suas interfaces considerando a religião, o catolicismo santoral e o turismo religioso, de forma a possibilitar uma visão paralela entre os vários aspectos que envolvem a questão para, desta forma, situar as trocas simbólicas no contexto da religiosidade popular e, posteriormente analisar a forma como ocorre este fenômeno no Santuário de São Severino do Ramos, o que será tratado neste capítulo.

3.1 As trocas simbólicas de Pierre Bourdieu

Para melhor compreender o conceito de trocas simbólicas torna-se necessário recorrer à obra de Pierre Bourdieu (2007). O pensador trata a religião como uma linguagem e, nela, a comunicação se realiza por meio de um veículo simbólico-estruturante que torna possível um consenso sobre certos signos e seus sentidos criando, assim, um imaginário de mundo, ou seja, numa comunidade religiosa existe uma espécie de “acordo linguístico” que define significados religiosos e norteiam as ações de forma que as pessoas sigam a mesma conduta selecionando o que é certo e o que é errado, o permitido e o proibido (BOURDIEU, 2007, p. 157-179). O autor considera que nesta doutrina há um saber acumulado que chama de “capital de bens simbólicos” que permanece sob os cuidados do corpo sacerdotal e que, por sua vez, é autorizado a revelar os significados dos signos que compõem a linguagem religiosa. Esse grupo de especialistas também é autorizado a dirimir as dúvidas quando ocorrem e, desta forma, legitimam o discurso.

Ainda conforme Bourdieu (2007, p. 157-179), neste campo religioso se formam dois grupos: o primeiro consiste no povo leigo que tem seu domínio vivencial, prático, espontâneo e, até certo ponto, desprovido de conhecimento na relação com os bens simbólicos, e o

segundo, formado pelos especialistas que cuidam do capital simbólico de forma pedagógica para com os leigos. Neste contexto, as doutrinas religiosas definem fronteiras para seus discursos e limites para aquilo que consideram ser as suas verdades.

As concessões a este limite são o que autor considera como trocas simbólicas entre o clero e os leigos que se apropriam das práticas oficiais e as transformam em suas lógicas próprias, dando novo significado ao signo oficial. Trata-se de permutas simbólicas entre o oficial e o popular (BOURDIEU, 2007, p.157-179).

No cenário das trocas simbólicas definidas por Bourdieu (ibid. p. 157-159) encontra-se a relação entre o devoto e o santo, carregada de manifestações espontâneas e, por vezes, assim como alega o autor, desprovida de conhecimento. Nesta relação prevalece um sentimento de confiança no poder do santo invocado onde, em muitos casos, ele se materializa por meio de sua imagem e torna-se sensível às necessidades do devoto. Na troca que consiste em um pedido e uma concessão por parte do santo, existe um momento anterior à graça que se revela como um compromisso assumido por meio de uma promessa, de súplica e um momento posterior marcado por um ato de gratidão.

Este, notadamente, é um momento de testemunho público para o devoto que, desta forma, cumpre suas obrigações para com o santo. Este momento é externado simbolicamente e ocorre em grande parte nos santuários, que são locais onde os especialistas realizam seus discursos dando significado aos signos, ratificando, assim o que alega Bourdieu quando trata as trocas simbólicas como concessões.

Sob este olhar, neste capítulo serão apresentados a metodologia e os resultados da investigação sobre a relação das trocas simbólicas entre os devotos e São Severino do Ramos no Santuário de São Severino do Ramos, em Paudalho-PE, bem como suas análises.

3.2 Metodologia de investigação

A metodologia de desenvolvimento do trabalho se revela como um caminho planejado para a produção do conhecimento e, neste estudo, envolveu a pesquisa bibliográfica para compreender os assuntos relativos ao tema e a exploratória descritiva para conhecer a relação das trocas simbólicas entre os devotos e São Severino do Ramos.

Fachin (1993, p. 102) descreve a pesquisa bibliográfica como “o conjunto de conhecimentos reunidos nas obras, tendo como base fundamental conduzir o leitor a

determinado assunto e à produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa”.

A pesquisa exploratória possibilita maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, tendo em vista que este é pouco explorado. Desta forma, o método passa a consistir num processo de sondagem que leva ao aprimoramento das ideias acerca do assunto. A pesquisa descritiva possibilita descrever as características de uma população ou de um fenômeno e estabelece a relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado.

Gil (1991 *apud* SILVA, MENEZES, 2005) considera a pesquisa exploratória e a descritiva da seguinte forma:

- a) pesquisa exploratória: visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso;
- b) pesquisa descritiva: visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.

O universo da pesquisa de campo foi o Santuário de São Severino do Ramos localizado em Paudalho-PE, tendo em sua amostra dados não probabilísticos, ou seja, uma amostra por acessibilidade que inclui os envolvidos no processo, os sujeitos, entendidos por Vergara (2006, p. 53) como “[...] as pessoas que fornecerão os dados de que você precisa” e, neste caso, foram os devotos de São Severino do Ramos.

A coleta dos dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário semi-estruturado contendo 16 questões (Apêndice), com a presença do pesquisador junto a 100 devotos escolhidos aleatoriamente, tendo em vista investigar a forma como ocorre a relação das trocas simbólicas com o santo. A coleta de dados foi realizada nos meses de novembro e dezembro, aos domingos, no horário compreendido entre 9 e 15 horas, por ser o período de maior concentração de pessoas no Santuário.

O tratamento dos dados foi através da abordagem qualitativa, devido à necessidade de análises indutivas para investigar a relação das trocas simbólicas. Para Silva e Menezes (2005, p. 28), pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de

significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados.

3.3 Trocas simbólicas entre os devotos e São Severino do Ramos

O culto aos santos está entre os elementos centrais do catolicismo; eles são entendidos como moradores do céu que convivem ao lado de Deus e são capazes de se relacionarem com seus devotos. Para Oliveira e Araújo (2011, p. 35) esta comunicação se torna mais fácil pelo fato de que os santos já estiveram na terra, onde foram santificados e, por isso, conhecem as causas das preces a eles dirigidas e intercedem com mais convicção junto a Deus.

As imagens fortalecem a presença dos santos e possibilitam tratá-los com maior intimidade e afeto. São figuras simbólicas que mantêm viva e presente a relação com o santo ao qual se dirigem as preces, solicitações e agradecimentos recebendo, em troca, as bênçãos e proteção.

O lugar do Santo destaca-se porque, nele, a morte foi efetivamente vencida. Não se trata apenas de um sinal, ou promessa, de uma vitória a ser alcançada em outro plano de existência. No realismo fantástico da devoção aos santos, vê-se a ultrapassagem das finitudes naturais (FERNANDES, 1990, p. 116).

Neste ato, Menezes (2004) comenta que, habitualmente o pedido não é feito em público, é um ato reservado que demonstra a confiança no santo, já o agradecimento é um ato de manifestação aberta e pública.

Ele pode dar-se discretamente por meio de uma oração, uma flor ou uma vela acesa junto à imagem, mas é de bom tom fazer uma visita ao santo na igreja, ou, melhor ainda, participar de uma romaria, patrocinar o festejo do santo, ou materializar o agradecimento em forma de ex-votos capazes de dar publicidade aos prodígios operados pelo santo e assim o engrandecerem (MENEZES, 2004, p. 48).

De fato, as trocas simbólicas existentes no culto aos santos, sejam aqueles considerados do povo, ou aqueles canonizados, são sempre carregados de aspectos culturais, tornando, assim, cada caso, em cada região, uma situação particular a ser investigada, o que representa o objetivo deste trabalho. Este item apresenta o resultado da pesquisa realizada no Santuário de São Severino do Ramos, tendo em vista investigar como ocorre a relação das trocas simbólicas entre os devotos e São Severino do Ramos.

Figura 26 – Idade

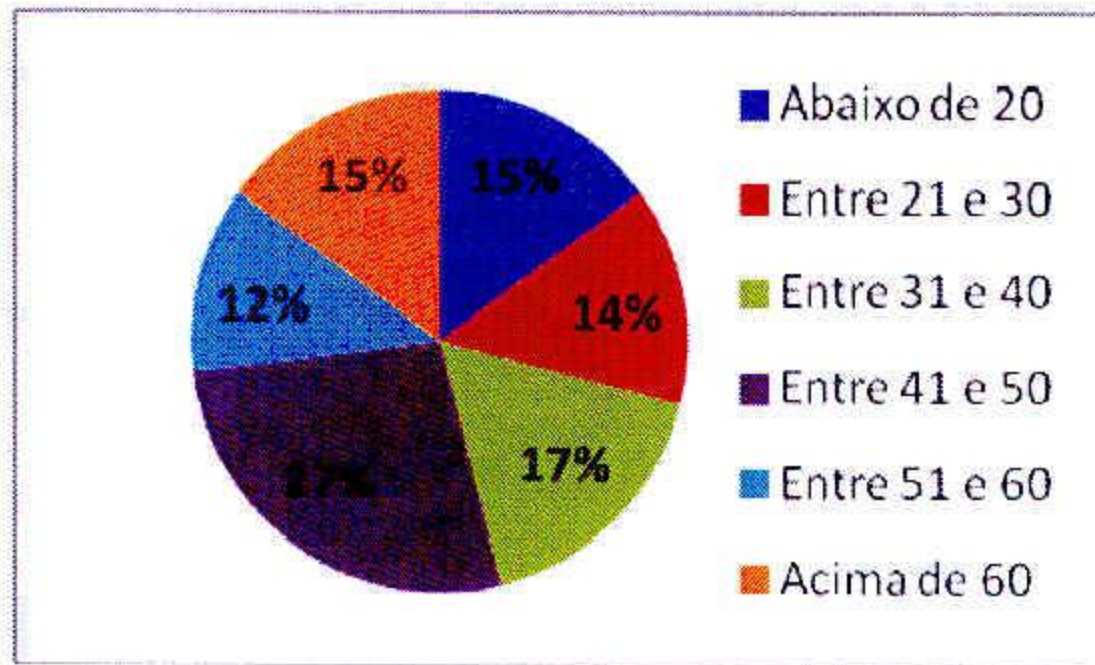


Figura 27 – Gênero

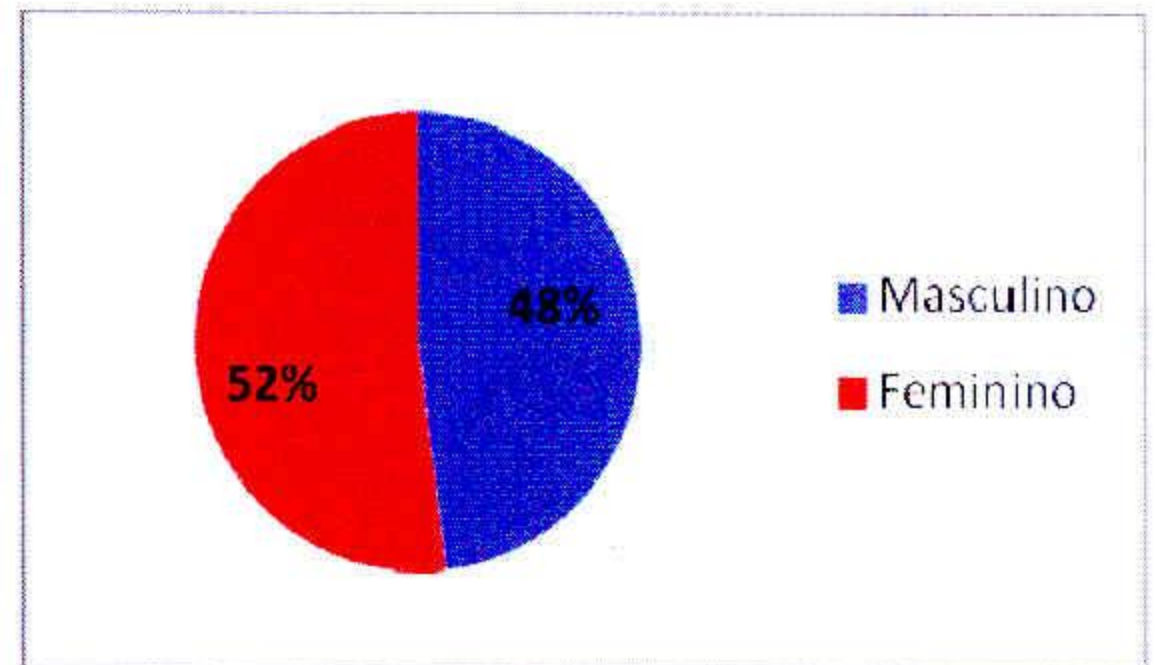


Figura 28 – Local de origem

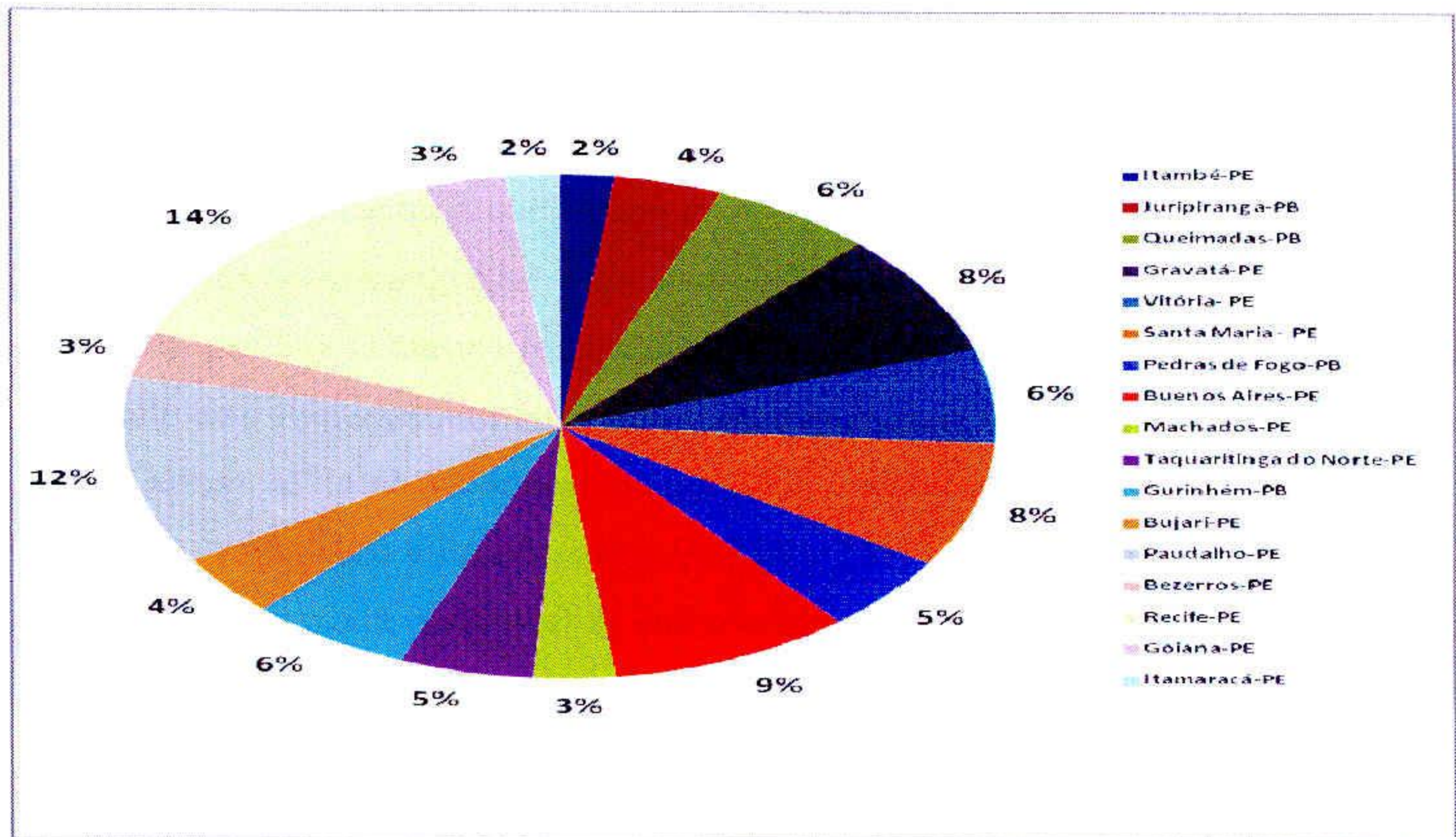


Figura 29 – Como visita o Santuário

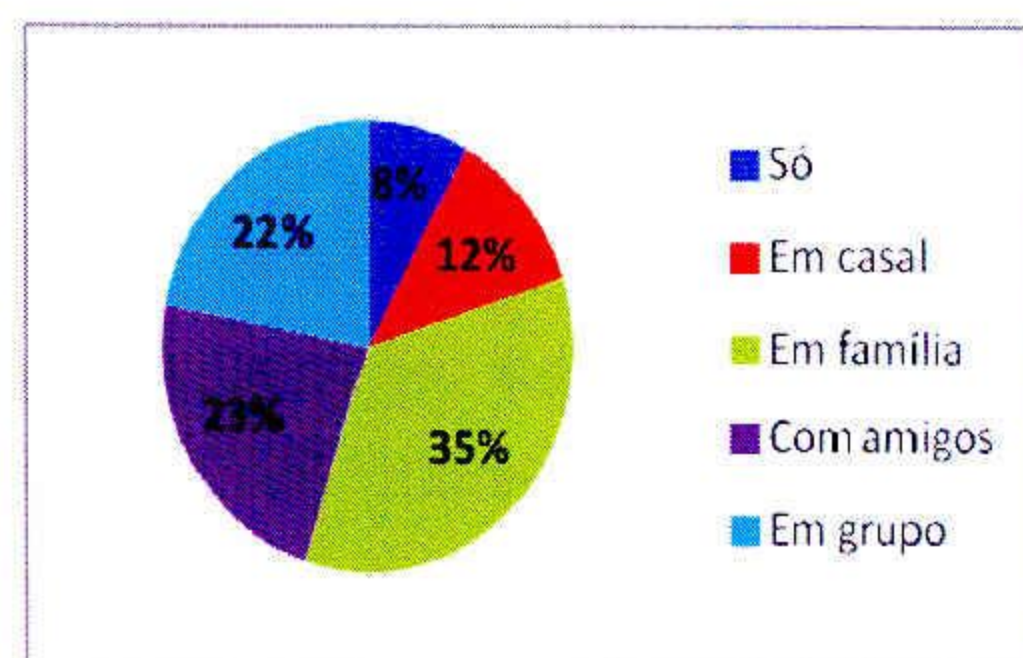


Figura 30 – Escolaridade

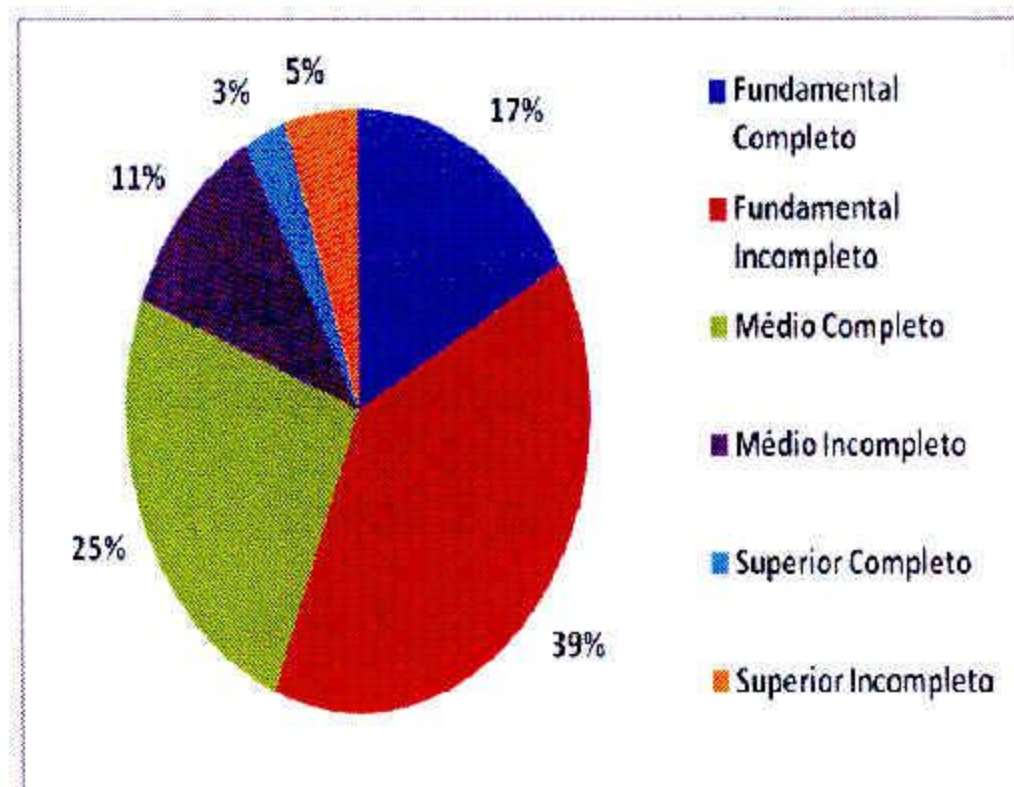
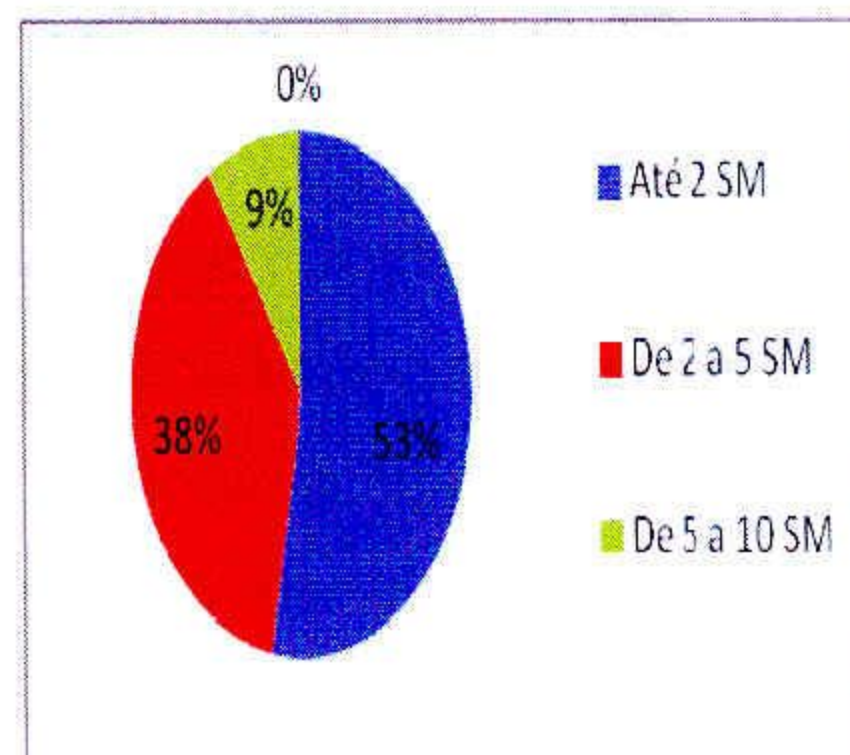


Figura 31 – Renda familiar



No que se refere ao perfil dos visitantes, os resultados revelam que a maioria tem idade entre 41 e 50 anos (27%) e que as demais faixas etárias estão distribuídas de forma equilibrada com percentuais que variam entre 12% e 17% o que mostra que o universo de devotos de São Severino do Ramos que visita o Santuário é composto por pessoas de todas as idades (Figuras 26). O mesmo resultado equilibrado se revela quanto ao gênero (Figura 27), mostrando uma diferença percentual de 4% entre mulheres (52%) e homens (48%).

Quanto ao local de origem (Figura 28), os visitantes são predominantemente dos estados de Pernambuco e Paraíba somando 72% e 28% respectivamente, sendo que a cidade que apresentou o maior percentual de entrevistados foi Recife (14%), o que ocorre por ser a capital do Estado de Pernambuco e também pela proximidade de Paudalho, que dista 42 Km. As demais cidades mencionadas na Figura 28 encontram-se num raio de aproximadamente 100 Km de Paudalho, o que facilita o acesso e o retorno sem necessidade de hospedagem, reduzindo, desta forma, o custo do deslocamento para a visita e favorecendo o turismo religioso. Somado ao fato de que a maioria dos entrevistados viaja em família (35%) ou com amigos (23%) a redução do custo da visita pela possibilidade de retorno no mesmo dia favorece a vinda ao Santuário mais vezes no ano (Figura 32). Além disso, a forma escolhida para viajar ainda possibilita a divisão das despesas, viabilizando o deslocamento. Outro ponto a ser considerado é que, desta forma, viajando em grupos de amigos ou familiares, os visitantes somam um número maior de pessoas que se tornam multiplicadores da devoção a São Severino do Ramos fazendo ampliar o número de devotos e, conseqüentemente, de visitantes. Este aspecto pode ter contribuído sobremaneira para que o Santuário chegasse a

dimensão atual no contexto da religiosidade popular em Pernambuco e para tornar a infraestrutura do local uma necessidade premente.

O nível de escolaridade dos entrevistados (Figura 30) mostra que o maior percentual é de pessoas que possuem o primeiro grau incompleto (39%) seguido daqueles que possuem o segundo grau completo (25%), destacando-se, ainda, o fato de que o menor percentual é de pessoas que possuem terceiro grau completo (3%). A renda familiar de 53% dos visitantes entrevistados é de até 2 salários mínimos e de 38% entre 2 e 5 salários mínimos o que soma 91%. Destaca-se o fato de nenhum dos entrevistados, num universo de 100 pessoas, ter renda familiar acima de 10 salários mínimos o que mostra que o público que visita o Santuário é predominantemente de pessoas das classes menos favorecidas (Figura 31).

Vários autores e estudiosos apontam uma interface entre a religiosidade popular e a situação econômica dos indivíduos considerando esta religiosidade como uma forma espontânea de expressar os caminhos que escolhem para enfrentar suas dificuldades no cotidiano. Pereira (2003, p. 47) considera que, historicamente, “a devoção propriamente dita pertence à esfera das camadas populares economicamente mais pobres e com baixo grau de escolaridade que, de alguma forma, sofrem algum tipo de violência física, moral, social ou psicológica”. Valla (2001, p. 52), afirma que a religião popular é uma das características mais importantes da cultura das classes populares latinoamericanas, no século XX.

De acordo com o autor, o crescimento exacerbado de desemprego bem como a combinação de miséria e abundância, que pode ser visualizada através do paradoxo urbano com prédios de luxo cinturados de favelas, são fatores que contribuíram para a construção de um mundo que não permite mudanças às classes populares. Na concepção de sujeitos submetidos a esta realidade, existem poucas opções, de saída desse estado de pobreza. Nesse contexto, a religiosidade popular preconiza a crença de que há um Deus pai criador que não se esquece dos seus filhos e surge a esperança leva a uma motivação em busca de uma vida mais digna (MARTINS; LEITE, 2005, p. 5).

Conforme já comentado, Oliveira (1985, p. 28) quando se refere aos romeiros, considera que além do fator cultural, sobressai o fator econômico, pois afirma que a “[...] maioria dos romeiros são pessoas pobres, humildes, doentes e desempregadas que, no desfavorecimento social que lhe foi imposto pelo sistema, lançam mão dos recursos da fé, à procura de milagres em suas jornadas”. No entanto Rolim (s/d) afirma que “entender a religiosidade como coisa das camadas baixas da população, é esquecer que a devoção aos santos é praticada tanto pela camada sem recursos como pela camada rica da população”.

Apesar de a questão ser abordada de diferentes formas, percebe-se que, no caso particular do Santuário de São Severino do Ramos, os visitantes são predominantemente de classes menos favorecidas e isso pode estar relacionado ao fato das características da região onde se encontra o Santuário. Das 17 cidades de origem reveladas na Figura 28, apenas a capital, Recife, é uma cidade de grande porte; as demais se caracterizam como cidades de pequeno porte, interioranas, muitas delas marcadas historicamente por longos períodos de estiagens o que traz prejuízos à economia e às oportunidades de trabalho.

Figura 32 – Fora o Domingo de Ramos, quantas vezes ao ano visita o Santuário

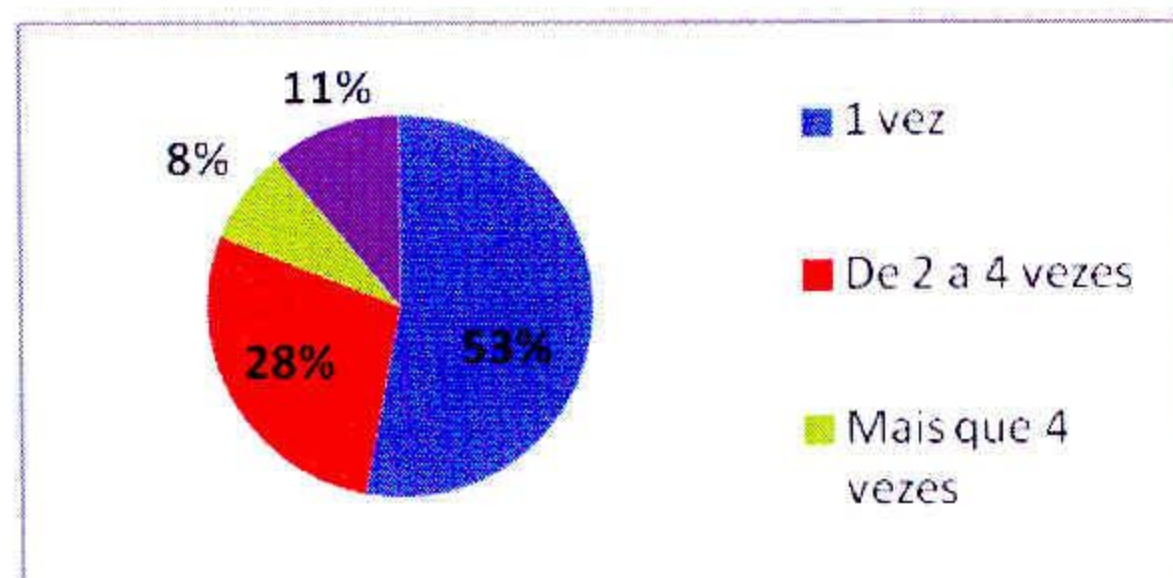
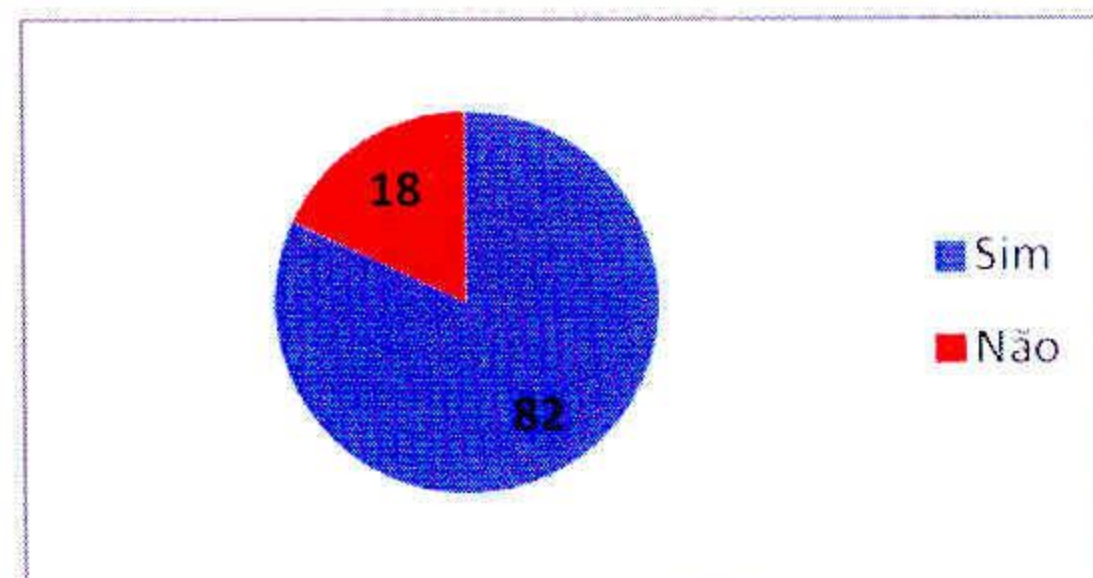


Figura 33 – Costuma voltar ao Santuário no Domingo de Ramos



A Figura 32 revela que a maioria dos entrevistados (53%) visita o Santuário somente uma vez ao ano, seguidos por 28% que visitam entre 2 a 4 vezes. Acredita-se que este resultado esteja relacionado às limitações financeiras reveladas na Figura 31, uma vez que 53% dos visitantes entrevistados tem renda familiar de até 2 salários mínimos. Entretanto, independente do número de visitas anuais, o que se percebe é que há uma rotina clara estabelecida na relação com o santo, o que permite ter um momento de aproximação do devoto, representado pela visita para as súplicas e os agradecimentos. A existência desta rotina confirma a necessidade do contato com a imagem do santo que, no caso de São Severino do Ramos, se torna ainda mais forte devido a sua história nascer a partir da chegada de sua imagem ao Engenho Ramos, em Paudalho, conforme comentado no item 1.1.3.2.

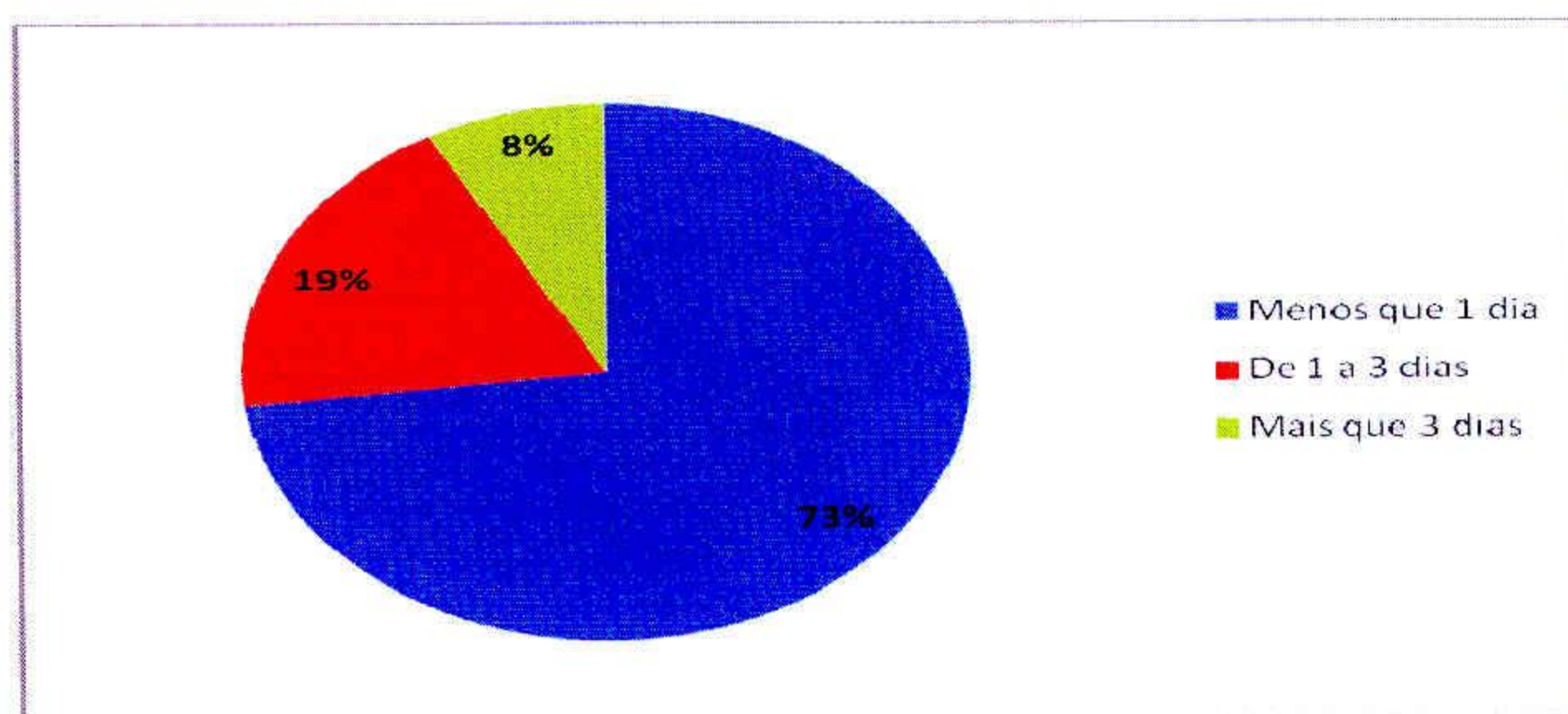
A rotina de visitação confirma a importância do santuário para a religiosidade popular, pois, o resultado evidencia a necessidade da visita ao local sagrado e a fidelidade com que ela se realiza e faz parte da vida dos devotos, tratando-se de uma herança cultural. Assim como afirma Beckhäuser (2007, p. 48-49) no item 1.1.2 sobre os santuários:

O santuário guarda a experiência da fé de um povo que não perde a identidade pessoal nem comunitária, construindo em cada momento festivo e

cotidiano uma arca que guarda a memória de um povo que se reconhece na expressão de sua fé e que volta ao santuário e ao templo do padroeiro de sua região, consciente de sua memória histórica. Assim o templo é ícone de uma identidade de um povo crente como memória viva de sua fé [...].

Da mesma forma a Figura 33 revela que 82% dos visitantes retornam ao Santuário no Domingo de Ramos, resultado que está relacionado ao vínculo fictício com o nome do Santo, já comentado no item 1.1.3.2.

Figura 34 – Quanto tempo permanece em Paudalho para a visita



O resultado ilustrado na Figura 34 mostra que 73% dos visitantes permanecem em Paudalho menos que 1 dia o que torna desnecessária a hospedagem, entretanto, a visita, mesmo sem pernoite, caracteriza a existência do turismo religioso uma vez que os visitantes se deslocam para fora de sua residência habitual, por tempo determinado, e usam os serviços e a estrutura local conforme os conceitos da OMT e MTUR:

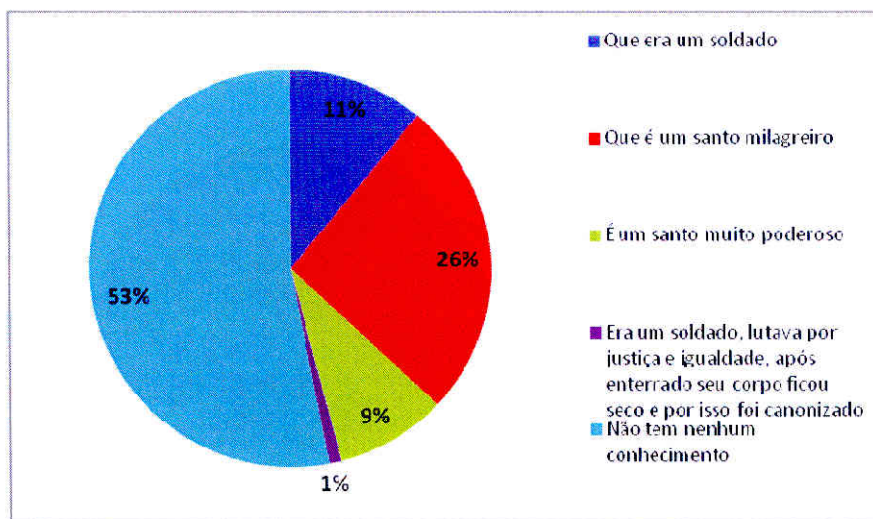
O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outros (OMT, 2001.p. 38).

O turismo religioso configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas, independentemente da origem étnica ou do credo” (MTUR, p.19).

Este curto período de permanência deve-se ao vínculo com o trabalho, à renda familiar reduzida apresentada na Figura 31 e à curta distância das cidades de origem; no entanto,

dinamiza o comércio local nos finais de semana e datas específicas movimentando a economia do município.

Figura 35 – O que conhece sobre a história de São Severino do Ramos

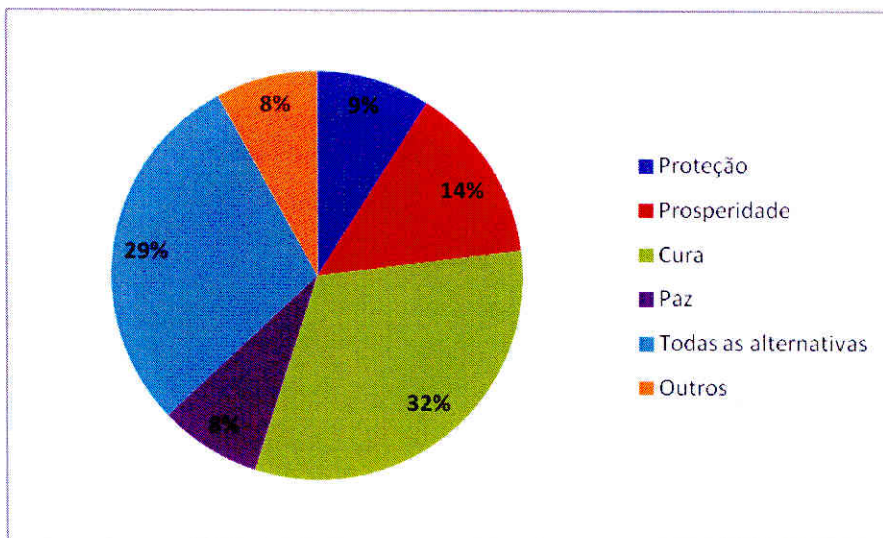


Sobre a história de São Severino do Ramos, os resultados revelam que 53% dos visitantes não têm nenhum conhecimento sobre a vida do santo e apenas 1% revela conhecer alguns detalhes. Acredita-se que este resultado está relacionado ao fato de não haver fontes seguras de informação sobre a vida e a origem de São Severino do Ramos (RAMOS, 2009, p.21), o que difere de outros santos locais ou familiares, ou mesmo santos canonizados, a exemplo de Santa Paulina e São Frei Galvão. Nesses casos, a vida do santo é de conhecimento público, o que fortalece o sentimento de devoção, uma vez que essas histórias de vida, em muitos casos, são alvo de admiração. Ao mesmo tempo que esse modelo de santidade nasce no contexto da religiosidade popular, baseado em histórias de cura ou de dedicação contínua aos mais necessitados, conforme Oliveira (1975, p. 33), segue os preceitos do catolicismo ortodoxo tornando-se um modelo de fé incondicional e de uma vida religiosa constante, o que favoreceu o processo de canonização que, por sua vez, consiste em um registro de toda a vida do santo e uma confirmação de suas virtudes, o que amplia a confiança dos devotos.

No caso de São Severino, não se conhece nem mesmo a sua origem e sua popularidade iniciou a partir da chegada de sua imagem ao Engenho Ramos, em Paudalho-PE. A falta de

informações impossibilita, de certa forma, a divulgação e a admiração por sua vida e, desta forma, a adoração se fixa nas possíveis graças recebidas pelos devotos que têm suas histórias disseminadas na comunidade e na sua imagem, pois, conforme comenta Aquino (2009, p. 361) “[...] é por meio das imagens que os santos se fazem presentes na terra e é a imagem que estabelece o contato entre o santo e o devoto permitindo ver e tocar.

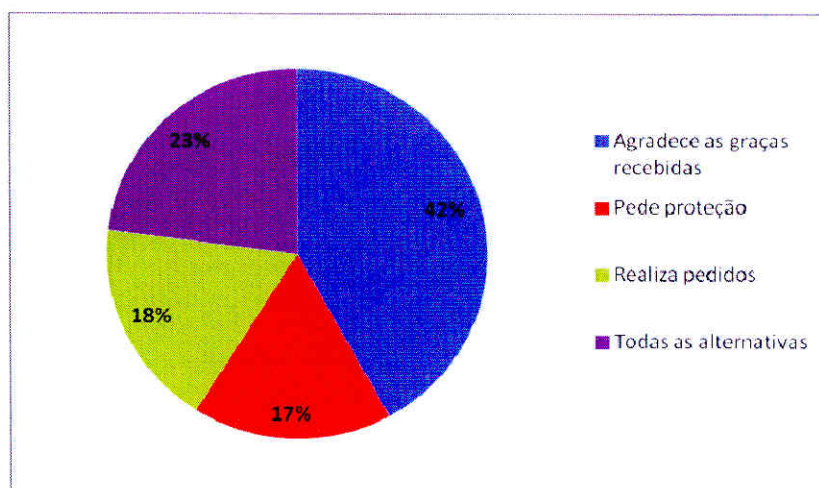
Figura 36 – O que busca quando visita o Santuário



A pesquisa mostra que, no momento da visita, o maior percentual de entrevistados (32%) busca a cura para alguma enfermidade, seguidos por 29% que responderam buscar proteção, prosperidade, cura e paz. Os 8% que responderam outros, citaram a procura por empregos e conquistas escolares. O resultado mostra que não existe um vínculo com a natureza das graças alcançadas. Novamente, numa análise comparativa, utilizando como exemplo Santa Paulina, sabe-se que sua vida e seus milagres estão relacionados a fatos comprovados de cura criando, desta forma um vínculo de devoção com esta identidade, o que não é possível no caso de São Severino do Ramos. Assim os pedidos e súplicas se distribuem entre as diversas naturezas e um alto percentual de entrevistados se dirige ao santo para solicitar auxílio para todas as suas dificuldades o que é um hábito comum entre os romeiros em diversos santuários. Martins e Leite (2005, p. 7), comentam:

Os romeiros estão submetidos ao sistema desestabilizado socialmente, em que a vida se assemelha a um longo peregrinar imposto pelas condições sociais injustas de desemprego e fome, sem mapa nem objetivos definidos, ocorrendo, assim, uma identificação na constituição do grupo, em que se escuta e se fala sobre histórias repletas de angústias e desejos conhecidos, nada estranhos ao contexto existente.

Figura 37 – Intenção no momento da visita



No momento da visita a intenção de 42% dos devotos é agradecer as graças recebidas, o que revela que muitos dos pedidos feitos ao santo são atendidos. Outro percentual que merece destaque é o de devotos que agradecem e, ao mesmo tempo, solicitam proteção e realizam outros pedidos (23%).

Se comparado ao resultado da Figura 32 que mostra que 52% dos entrevistados visitam o santuário somente 1 vez ao ano, percebe-se que um percentual expressivo de devotos aproveita o momento da única visita realizada no ano para fazer todas as suas solicitações ao santo, bem como agradecer aos pedidos feitos no ano anterior, e atendidos.

Observa-se claramente que esse momento é tido como um compromisso religioso assumido ano a ano e ao qual não se pode faltar.

Afirma Pereira (2003, p. 69) que a devoção tem como característica a fidelidade, configurando-se num pacto entre o devoto e o santo onde nenhuma das partes pode falhar para

que se mantenha o vínculo de credibilidade e para que o santo continue a ser o protetor do devoto em todos os momentos de sua vida.

Figura 38 – Sente necessidade da aproximação com a imagem do santo

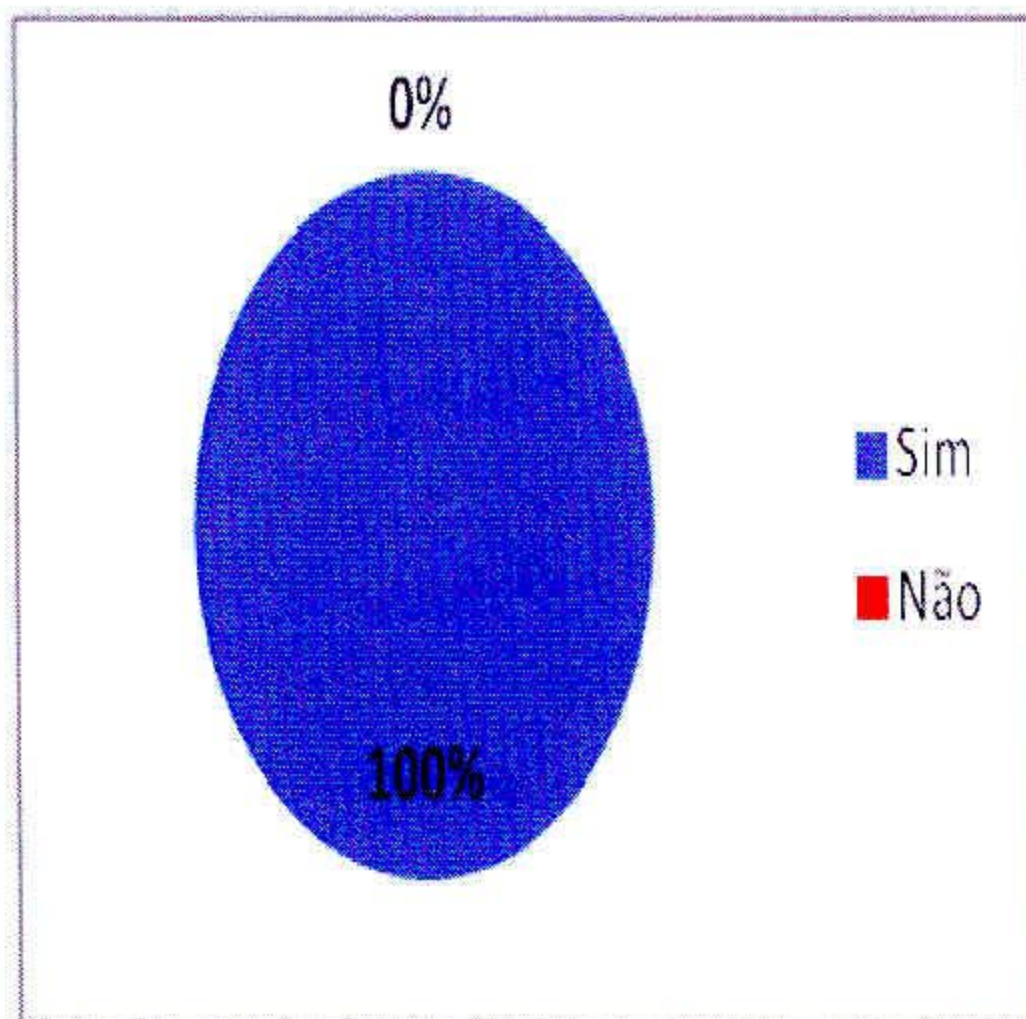
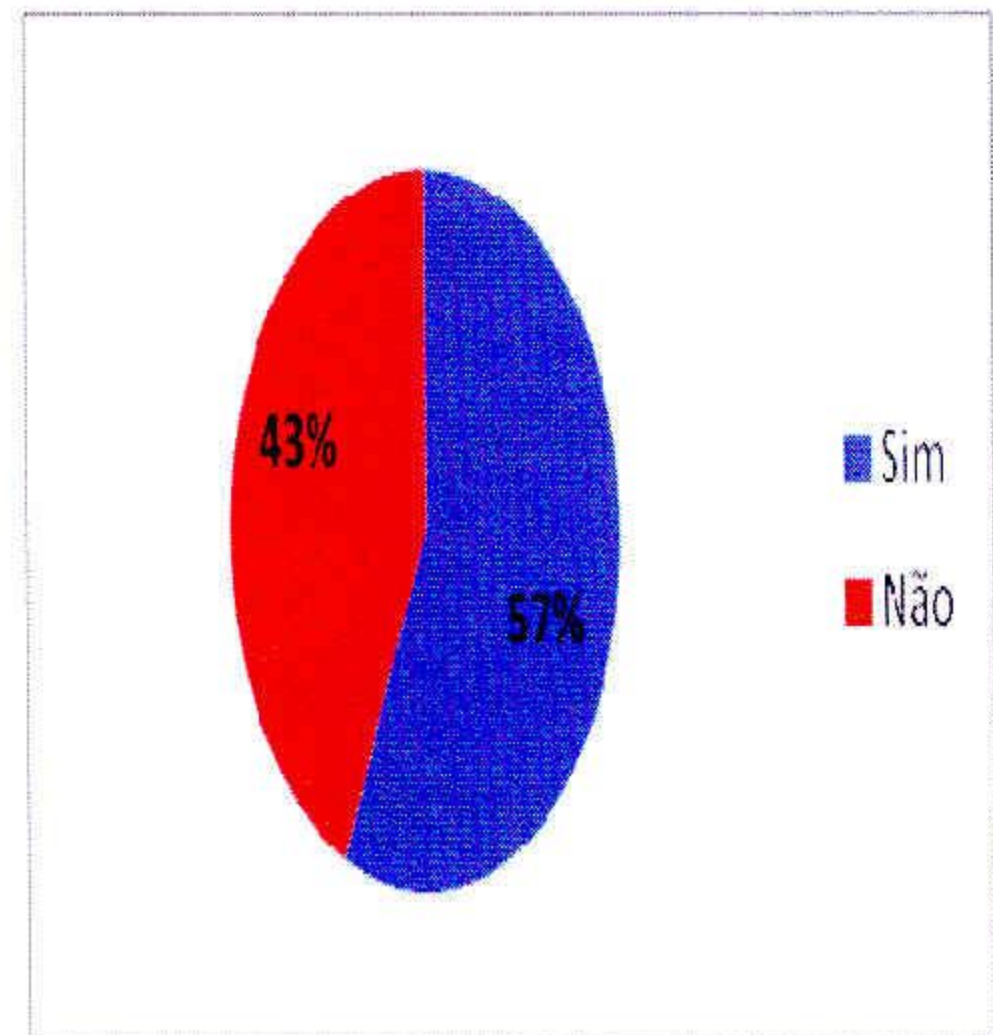


Figura 39 – Possui uma imagem de São Severino do Ramos em sua casa

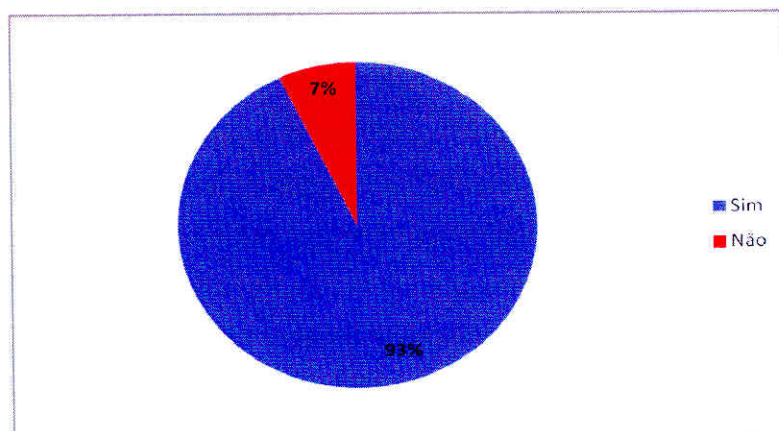


As Figuras 38 e 39 mostram a relação dos devotos com a imagem de São Severino do Ramos, sendo que a totalidade dos entrevistados sente necessidade de ver e se aproximar da imagem no momento da visita e, 57% deles possuem uma imagem do santo em sua casa, o que confirma a ideia dos autores como Jorge (1994, p. 66) quando comenta que, para os devotos, os santos se fazem presentes na terra por meio de suas imagens; como Aquino (2009, p. 361) ao considerar que, na relação com o sagrado, as imagens estabelecem um contato que possibilita ver, tocar e deixar tocar; e Teixeira (2005, p. 17) que comenta:

Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida.

Este resultado também está relacionado à força histórica da imagem de São Severino do Ramos, conforme já comentado anteriormente.

Figura 40 – Mantém o hábito de fazer orações diariamente para o santo



O resultado apresentado na Figura 40 revela que 93% dos visitantes mantêm o hábito de fazer orações diárias para o santo, mostrando, desta forma, que a veneração a São Severino do Ramos é contínua e não se limita apenas aos momentos de visita ao Santuário. Conforme comenta Rolim (*apud* TEIXEIRA; MENEZES, 2009, p. 20), “os santos penetram na vida dos que os veneram, misturando-se com seus problemas, suas necessidades mais urgentes, nos negócios, na vida familiar [...]”. O hábito de fazer orações diárias mantém vivo o vínculo com o santo e é uma forma de lembrá-lo das solicitações feitas para as quais se espera resultado. Este resultado revela, ainda, a consistência da religiosidade popular no Brasil e no Nordeste, uma vez que as orações diárias não são feitas somente para Deus, são também realizadas para o santo predileto do qual se espera a intercessão para o alcance das graças.

Figura 41 – Acredita ter recebido alguma graça de São Severino do Ramos

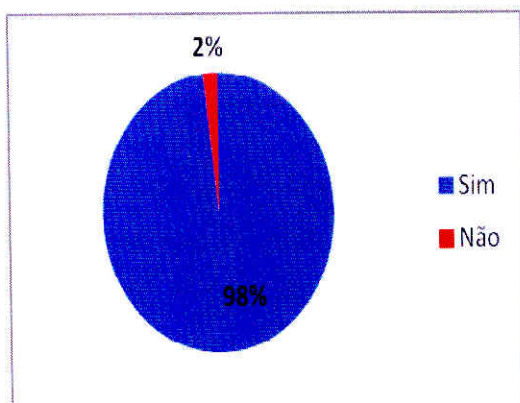
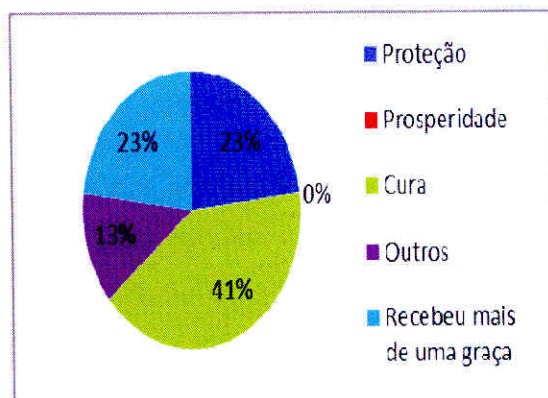
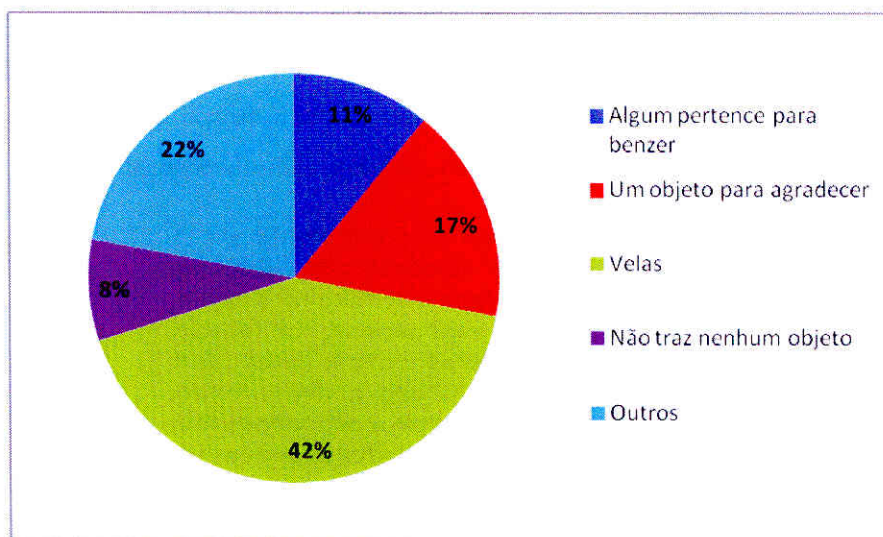


Figura 42 – Em caso afirmativo, qual seria a graça



É incontestável a fé em São Severino do Ramos conforme se ve na Figura 41. A maioria quase absoluta dos entrevistados (98%) acredita ter recebido alguma graça e é dessa crença que se difunde a popularidade do santo. Trata-se, sem dúvida, da manifestação mais evidente de Catolicismo Popular. Neste sentido, Oliveira (1985, p. 58) trata o Catolicismo Popular como “[...] um conjunto de representações e práticas religiosas ligando o ser humano ao sobrenatural pela mediação dos santos e santas independentemente da intercessão dos religiosos institucionais”. A devoção aos santos torna-se, na cultura popular, um veículo que apresenta respostas e significado aos problemas cotidianos e às origens dos devotos. Teixeira (2009, p. 19) afirma que o culto aos santos “[...] marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários”.

Figura 43 – O que costuma trazer quando vem ao Santuário



Conforme já comentado, as visitas aos Santuários são consideradas pelos devotos como momentos especiais de encontro com o santo e, por isso, em muitos casos é comum trazer, assim como levar para casa, objetos que o lembrem. A Figura 43 mostra que 42% dos entrevistados traz velas, seguidos por 22% que trazem algum objeto para benzer, incluem-se aqui os ex-votos. A queima de velas é um hábito comum nos Santuários e um costume

católico. Acender a vela está associado à luz em oposição às trevas, além de ser um símbolo de fé.

A vela acesa seria um símbolo de nossa fé em Jesus. Além disso, existem outros significados piedosos, como se a vela que eu acendo, de modo especial num Santuário, significasse o meu desejo de estar ali para sempre, brilhando diante de Deus, como uma verdadeira consagração, uma promessa, um voto de fidelidade (UNIVERSO CATOLICO, 2012).

Da mesma forma, é igualmente comum para os católicos trazer um objeto para benzer ou mesmo para agradecer uma graça recebida, notadamente nos casos em que esta solicitação envolve a cura de alguma enfermidade, para o que é comum o depósito de ex-votos.

O termo "ex-voto" que quer dizer "por um voto alcançado". A prática de depositar ex-votos em santuários é tão antiga quanto a história da humanidade e é observada em diferentes culturas. Os ex-votos mais comuns são as esculturas de parafina e madeira da parte do corpo curada (UNIVERSO CATOLICO, 2012).

Também é comum trazer algo que pertença a alguém que não pode estar no Santuário no momento da visita; neste caso, o visitante torna-se um procurador que leva um objeto daquele que necessita de proteção, auxílio e faz as orações em nome dele. De fato, para o devoto, o momento da bênção é um momento em que o santo se faz presente a abençoa as pessoas e as coisas estendendo-lhes proteção. Para Menezes (*apud* TAMBIAH, 1985):

[...] a bênção tem uma dimensão verbal, expressa através das palavras proferidas pelo celebrante e pela audiência, ambas padronizadas. Esse conjunto de palavras é enunciado no intuito de obter algo do santo: “sua bênção”, sua proteção. Disse um frade, ao benzer: “a bênção dá proteção na vida, saúde, alegria”. Nesse sentido, ela nos lembra muito a prece. Para Mauss (1968), a prece é uma combinação de crença e rito, ou seja, é simultaneamente a expressão de coisas em que se acredita – mesmo em formas fragmentárias – e de coisas que se quer realizar.

Figura 44 – Costuma levar alguma recordação do Santuário

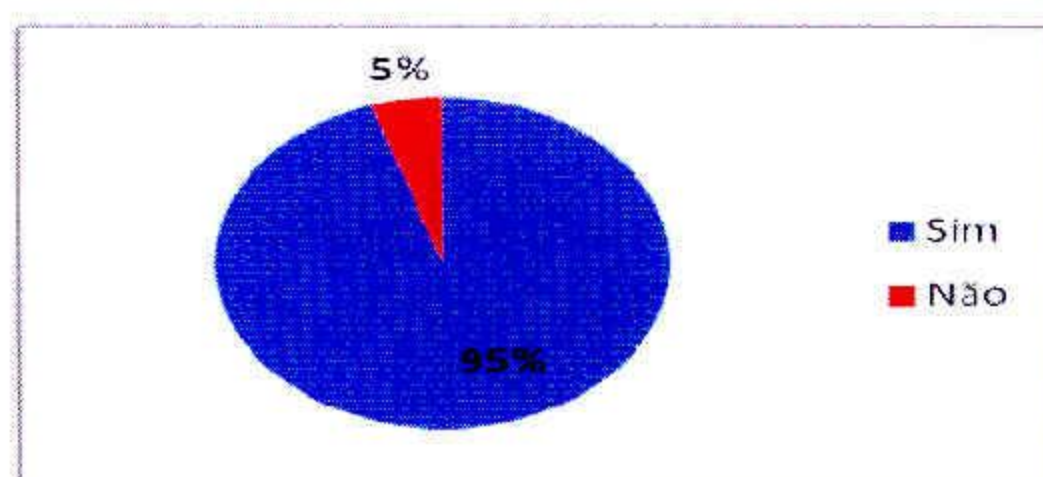
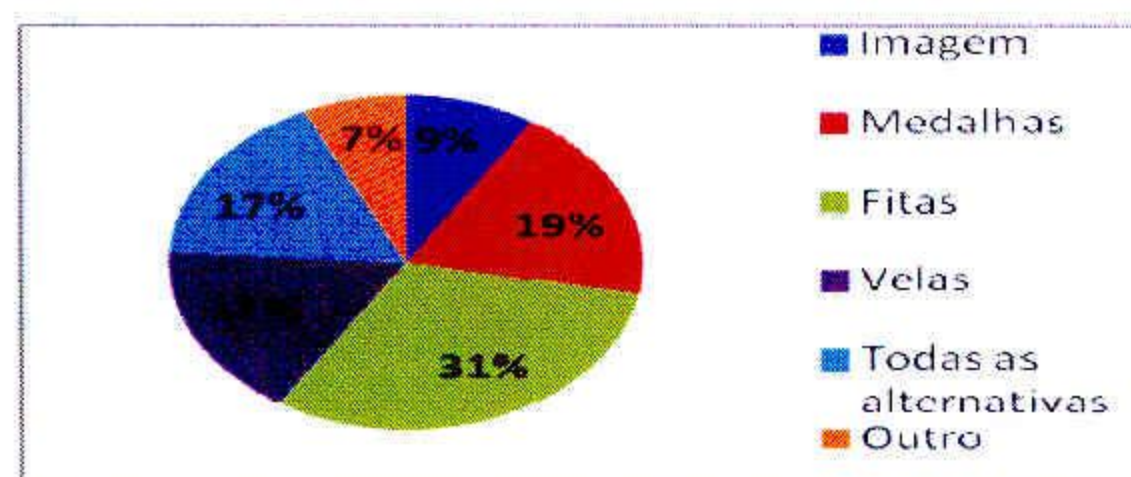


Figura 45 – Em caso afirmativo, o que costuma levar



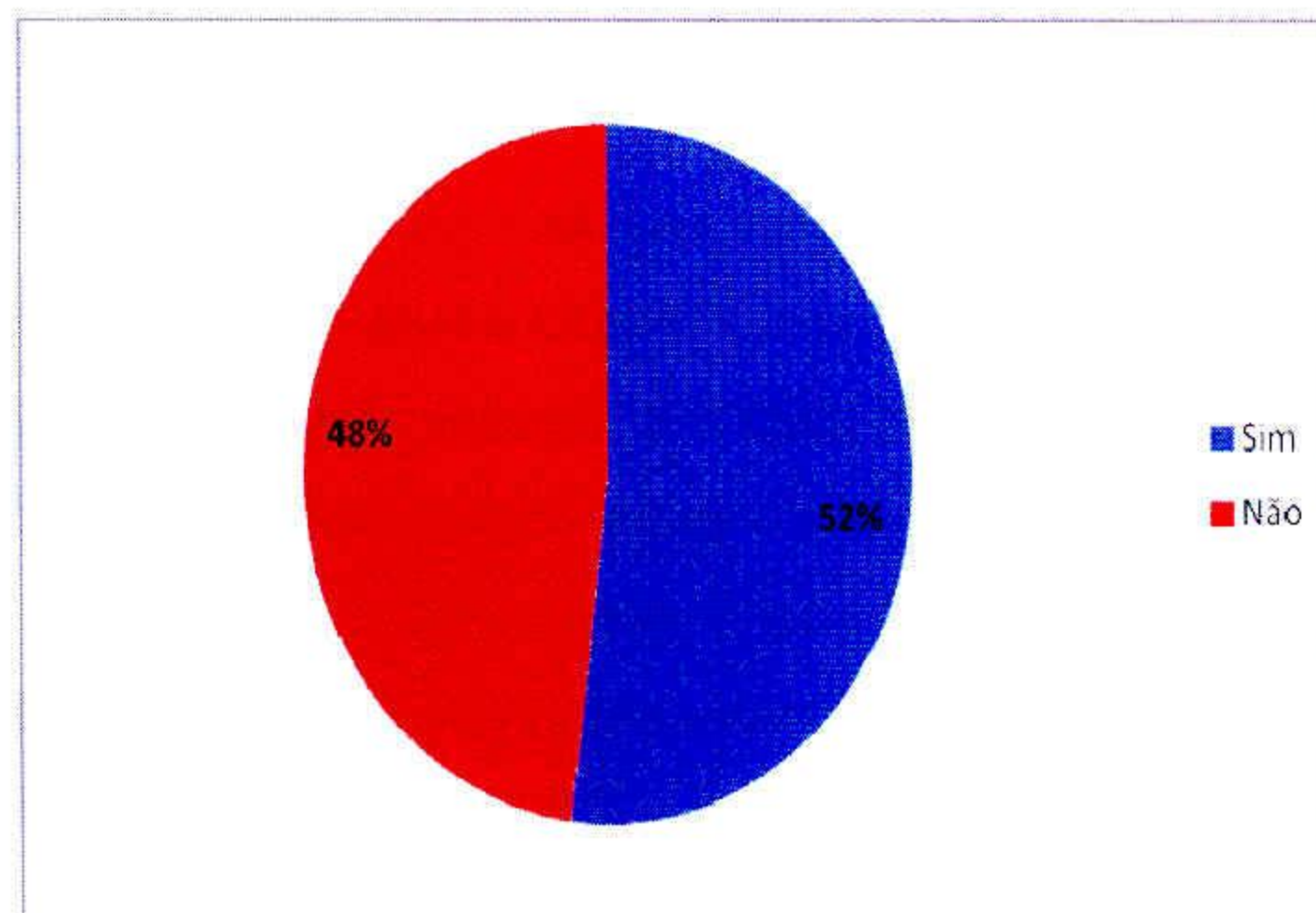
Os resultados apresentados nas Figuras 44 e 45 mostram que da mesma forma que os devotos costumam trazer objetos quando visitam o Santuário, eles também levam, o que aparece nas respostas de 95% dos entrevistados. Entre os objetos levados, as fitas aparecem no maior percentual de respostas (31%), seguidas das medalhas (19%) e velas (17%). Outro percentual que merece destaque se refere àqueles que responderam todas as alternativas, ou seja, levam imagens, medalhas, fitas, velas e outros (17%).

No caso dos objetos levados pelos devotos, trata-se de levar para casa um objeto protegido de qualquer mal e capaz de proteger a casa ou mesmo o corpo do devoto, a exemplo das imagens do santo, rosários, fitas, camisetas, escapulários, medalhas, entre outros, que são tratados como amuletos sagrados, ou mesmo água para beber nos momentos de dificuldade e auxiliar na solução dos problemas.

Percebe-se no resultado apresentado, uma necessidade de levar uma lembrança do santo, seja para o próprio visitante ou para outra pessoa, evidenciando a crença na proteção estendida pelo santo. Vale ressaltar que, igualmente, os objetos trazidos pelos devotos e os levados, em muitos casos, são benzidos e tratados como amuletos sagrados.

Revela-se, ainda, no resultado apresentado, o impacto social provocado pela dinâmica de visitação e pela venda dos artigos religiosos e *souvenirs* no comércio local conforme já comentado no item 1.1.4.1, destaca-se a estimativa apresentada no mesmo ítem - no dia primeiro de março de 2012, data da realização da festa de São Severino do Ramos, a demanda de visitantes foi de aproximadamente 60.000 pessoas (COMUNICAPAUDALHO, 2012).

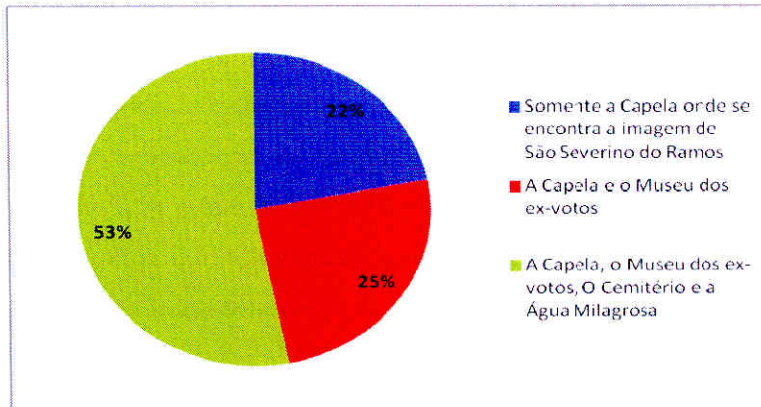
Figura 46 – Costuma fazer doações para o Santuário



De forma razoavelmente equilibrada os visitantes se dividem quanto á realização de doações para o Santuário, sendo que 52% responderam que fazem doações e 48% revelam que não o fazem. Se comparado ao resultado da Figura 31, referente à renda familiar, pode-se concluir que o percentual daqueles que não fazem doações está relacionado aos 47% cuja renda familiar é de até 2 salários mínimos. Entretanto, aqueles que fazem doações estão entre o universo que têm renda familiar entre 2 e 10 salários mínimos, revelando assim, uma preocupação dos devotos com a manutenção do Santuário e sua estrutura.

Torna-se necessário ressaltar o fato de que o Santuário está localizado em propriedade particular, conforme comentado no ítem 1.1.4.1, não havendo, portanto, nenhum controle financeiro por parte da Igreja ou do poder público.

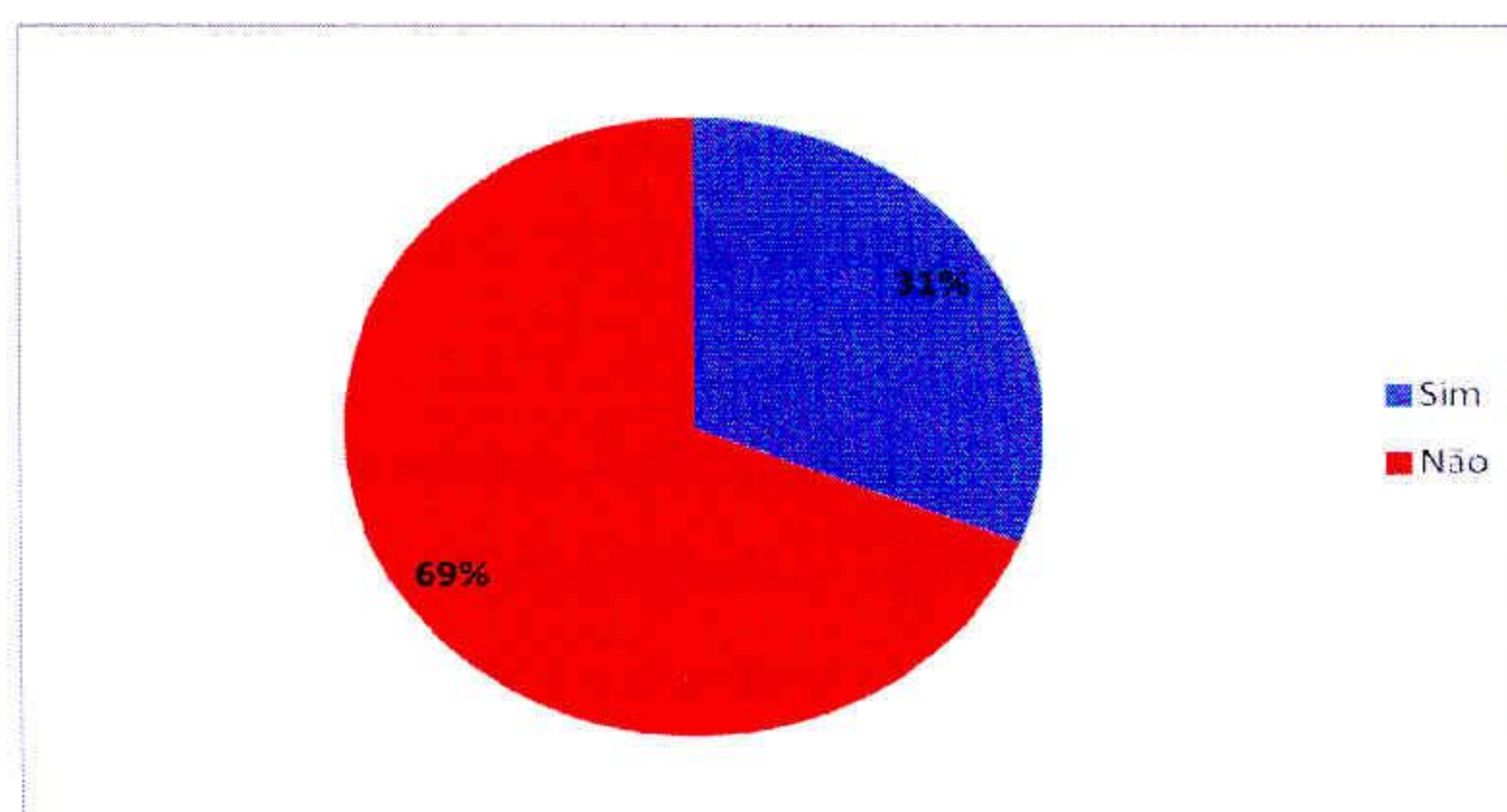
Figura 47 – Quais espaços visita quando vem ao Santuário



Sobre quais espaços costumam visitar no Santuário, a maioria dos entrevistados (53%) revela que visita todos os locais entre a Capela, o Museu dos ex-votos, o Cemitério e a Água Milagrosa e apenas 22% visitam somente a Capela, onde se encontra a imagem de São Severino do Ramos. Este resultado mostra que as demais áreas do Santuário estão, igualmente à Capela, impregnadas de religiosidade e simbolismo e há uma necessidade de ver, tocar e até mesmo sentir e participar de cada local onde possa haver a presença do santo. A Figura 38 revela que a totalidade dos entrevistados sente necessidade da aproximação com a imagem de São Severino do Ramos e, ao que parece, independente do que procuram no momento da

visita entre agradecer, pedir proteção, realizar pedidos, existe uma necessidade de visitar os locais considerados parte da estrutura religiosa, tendo em vista cumprir um ritual que, na maioria dos casos, ocorre somente uma vez ao ano e/ou no Domingo de Ramos, conforme revelado nas Figuras 32 e 33.

Figura 48 – Considera a estrutura existente no Santuário satisfatória



A insatisfação com a estrutura existente no Santuário entre: estacionamento, sanitários, alojamento, ambientes para refeições, entre outros, aparece em 69% das respostas. Embora 73% dos entrevistados permaneçam no Santuário para a visita menos que 1 dia (Figura 34), torna-se necessário destacar o fato de que esta estrutura é utilizada por todos no momento da visita por se tratar de uma infraestrutura de apoio. É um resultado que merece atenção por parte dos proprietários do local, bem como da Igreja e do poder público, tendo em vista a alta demanda de visitação. Ainda que o objetivo principal da visita sejam as atividades religiosas, para que o turismo se desenvolva de forma sustentável é necessário voltar uma atenção especial à infraestrutura local e, neste caso, não se refere somente ao local do Santuário, mas, sim todo o seu entorno, às questões relativas ao transporte e acessibilidade, à alimentação e higiene, entre outros. Há que se lembrar que as exigências e necessidade básicas dos visitantes são igualmente importantes, independente da natureza do destino turístico e infraestrutura para atender estas necessidade é o que garante a permanência e o crescimento da demanda de forma a contribuir economicamente com o município e garantir a sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, as expressões de religiosidade se revelam, ora como momentos particulares ora fazem parte das práticas devocionais e comportamentais de um grupo. Não se revelam como algo estático, ao contrário envolvem uma dinâmica da qual fazem parte ingredientes como força, coragem, fidelidade, dedicação e que se fortalecem com o sentimento e a fé.

Neste sentido, a reflexão acerca desta temática faz surgir uma gama de expressões, das quais fazem parte os aspectos institucionalizados, racionais e os espontâneos, subjetivos, que se legitimam sem qualquer formalidade e são identificados como religiosidade popular.

Esse processo descortina uma série de comportamentos e manifestações dos quais faz parte a devoção aos santos. A busca de um intermediador junto a Deus parece ser o ingrediente principal que leva ao aparecimento de um expressivo número de santos sejam eles institucionais ou não. A procura e a expectativa por um milagre move pessoas aos santuários, locais sagrados onde ocorrem as bênção, a proteção, o agradecimento e onde se propagam as virtudes do santo alongando a fila de devotos. “Contar a proteção recebida em tal circunstância fica sendo a maneira de pregar e de propagar a vida dos santos” (ANDRADE, 2010, p. 76). Numa comunicação com o sagrado por meio de um ritual onde ora se presta homenagem, louva e exalta, ora suplica e ora agradece num ato de homenagem que materializa a fé. É ao mesmo tempo interação social e satisfação pessoal que parece oferecer energia e confiança para seguir com os problemas da vida. Esta é a forma como se promove o culto aos santos pela intercessão dos quais os devotos são sustentados. São ritos, gestos e palavras que traduzem representações coletivas e integradas que mantêm o devoto conectado a um determinado grupo.

De fato, o que ensina o Código de Direito Canônico (Cân. 1187) que “só é lícito venerar, mediante culto público, aos servos de Deus que foram inscritos pela autoridade da Igreja no catálogo dos Santos ou dos Beatos”. No entanto a crença nos santos não inscritos se apresenta em diversas situações, singulares em seus aspectos e progressiva em sua dimensão social.

São Severino do Ramos faz parte deste universo de santos populares e, devido às incertezas acerca de sua origem e de história não há como ratificar se trata-se de um santo canonizado ou não. Sua história parte da chegada de sua imagem ao Engenho Ramos, em Paudalho-PE, e depositada na Capela de Nossa Senhora da Luz. A partir daí, partindo da notícia de que a imagem de um santo se encontrava no local, a devoção ao santo cresceu de forma a suplantar a devoção à santa local e, atualmente, apesar da gama de fatos imprecisos acerca de sua história, de sua identidade e da chegada de sua imagem, o Santuário de São Severino do Ramos tornou-se um dos maiores centros de romaria do Nordeste. Apesar de localizar-se em propriedade particular, o que não possibilita o domínio da situação por parte da Igreja e tampouco do poder público, o movimento de pessoas em busca das virtudes do santo, atualmente produz um fluxo de turismo religioso crescente que dinamiza a economia da comunidade o que mostra uma preocupação com a infraestrutura local.

Dada a singularidade de cada situação onde ocorre a religiosidade popular, esse conjunto de indicadores que mostram a situação atual do santuário levou ao presente estudo, que buscou entender a forma como ocorrem as trocas simbólicas entre os devotos de São Severino do Ramos e o santo em seu santuário.

Os resultados revelaram que os devotos são, em sua maioria, pessoas com idade acima de quarenta e um anos (58%) que residem nas cidades distantes cerca de 100 Km de Paudalho-PE, nos estados de Pernambuco e Paraíba e que viajam em família (35%). Em sua maioria possuem o primeiro grau incompleto (39%) e renda familiar de até dois salários mínimos mostrando que, entre os visitantes, prevalece a classe menos favorecida.

Quanto à rotina de visita ao santuário em datas fora o Domingo de Ramos, prevalece o percentual daqueles que fazem a visita uma vez ao ano (53%), sendo que 82% retornam no Domingo de Ramos, data que faz menção (mesmo que de forma fictícia) ao nome do santo, o que revela a existência de um ritual espontâneo característico da devoção popular.

O maior percentual de visitantes permanece em Paudalho para a visita por menos que um dia devido a proximidade dos locais de origem, o que dinamiza a visitação com pouca disponibilidade de tempo, favorecendo a dinâmica comercial local.

Numa análise paralela ao vínculo cultural presente na religiosidade popular, destaca-se o resultado que revela que 53% dos visitantes não conhecem a história do santo, o que está relacionado aos fatos imprecisos de sua história; no entanto, este fato em nada interfere na rotina de visitação e a demanda continua crescente.

No momento da visita, 32% buscam benefícios ou milagres para a cura de alguma enfermidade, seguidos por 29% que buscam proteção contra os males da vida cotidiana. Quanto à intenção no momento da visita, o maior percentual de visitantes vão ao santuário para agradecer graças recebidas o que fortalece a devoção ao santo e mostra que, apesar de desconhecerem a sua história, os devotos acreditam em suas virtudes e em sua proteção.

A totalidade dos entrevistados sente necessidade da aproximação com a imagem e 57% deles possuem uma imagem de São Severino do Ramos em suas casas, mantendo o hábito das orações diárias em 93% dos casos, revelando que os santos familiares se fazem presentes na vida dos fiéis tanto no universo da vida privada, como na vida em sociedade de forma coletiva.

A fidelidade a São Severino do Ramos se fortalece com os resultados de suas graças como revelam 98% dos visitantes que acreditam ter recebido alguma graça do santo, em sua maioria relacionada à cura de enfermidades (41%). Este resultado mostra a coerência entre o pedido, a súplica e o milagre, uma vez que 61% dos visitantes pedem pela cura de enfermidades. Da mesma forma 38% pedem proteção enquanto 24% acreditam ter sido agraciados com a mesma.

No momento da visita as velas são os objetos mais comuns trazidos pelos visitantes (42%) e 95% deles levam alguma lembrança sendo que as fitas são a mais comum (31%). Os objetos que aparecem nos resultados mais expressivos têm baixo custo o que favorece a sua aquisição tanto no momento da vinda ao santuário como da volta para casa, podendo as fitas serem levadas para familiares e amigos. Quanto às velas, além do sentido religioso a elas atribuído, conforme já comentado, sua queima acompanha o ritual, tendo, inclusive, local apropriado para a sua realização.

Os demais resultados revelam que 52% dos entrevistados fazem doações ao santuário e 53% deles visitam todos os espaços que o compõem o que mostra que os visitantes conhecem a estrutura disponível e a utilizam para a realização das trocas simbólicas. No entanto não há como desconsiderar o fato de que essas trocas ocorrem e necessitam de um infraestrutura para a sua prática e, quanto a este aspecto, 69% se mostram insatisfeitos.

Pode-se concluir, portanto, a partir da pesquisa realizada, que a devoção a São Severino do Ramos, a exemplo de outros santos, parte de uma pré-disposição dos devotos em procurar um ícone sagrado que possua virtudes suficientes para interceder junto a Deus em

favor de suas súplicas, bem como os proteger dos malefícios que possam envolver a rotina de suas vidas.

As trocas simbólicas que ocorrem no santuário possuem aspectos similares e antagônicos se comparados a outros santuários no Brasil. Entre os similares estão o fato da existência de uma rotina de visitação envolvendo tanto o deslocamento como a passagem pelos setores do santuário e a participação nos ritos. Entre os antagônicos destaca-se a inexistência de fatos precisos e consequente divulgação da vida do santo, e o controle da situação por parte da Igreja, o que favorece a expansão das práticas devocionais populares e amplia o risco da existência de abusos e fanatismos.

A história mostra que outros santuários no Brasil surgiram da mesma forma, a partir de um “marco zero” que deu início a um fenômeno religioso. Um exemplo deste processo que merece destaque é o Santuário de Aparecida, localizado na cidade de Aparecida-SP, onde o encontro de uma imagem por pescadores locais deu início à devoção à santa e, atualmente, o santuário é considerado, não só o maior do Brasil, como também o segundo maior templo católico do mundo. Da mesma forma, nota-se que a devoção a São Severino do Ramos inicia com a chegada de sua imagem e, por isso, ela recebe uma valoração no âmbito das manifestações religiosas e das trocas simbólicas no santuário.

Desta forma, diante dos resultados, apresenta-se alguns desdobramentos a futuros estudos que podem ser realizados, bem como desafios apresentados à Igreja e ao Poder Público.

- a) Que a Igreja volte suas atenções ao santuário e ao fenômeno que nele ocorre atualmente de forma a direcionar o processo e evitar fanatismos e condutas distorcidas daquilo que se considera religiosidade. A presença de um número expressivo de visitantes torna o momento oportuno para transmitir valores essenciais à sociedade contemporânea e presentes nos trabalhos da Igreja, bem como dirimir dúvidas acerca dos signos e simbolismos e fortalecer os sentimentos de religiosidade importantes para a formação dos indivíduos.
- b) Que a Igreja interceda a fim de buscar a identidade de São Severino tendo em vista abarcar o processo de mais verdades e menos ficção para que a religiosidade não se volte apenas para a sua imagem, mas, sim, para a sua vida como modelo de conduta e dedicação a sua fé.

c) Que o poder público interceda de forma a ter autoridade para planejar e realizar ações relativas às questões referentes à comunidade, como o uso do espaço e sua infraestrutura, de maneira a proporcionar condições mínimas de segurança e bem estar aos visitantes. Em grande parte, as manifestações religiosas ocorrem utilizando uma estrutura física que consiste no santuário, incluindo todo o seu conjunto, e que dá suporte, não só as atividades religiosas propriamente ditas para a realização dos ritos, como também às necessidades básicas dos visitantes. O fluxo de turismo religioso torna necessária uma avaliação e um acompanhamento constante para que essa infraestrutura comporte aumento da demanda de visitantes.

Não se tem a pretensão de que este estudo seja um trabalho acabado, mas, sim, que ofereça subsídios capazes de incentivar novos estudos acerca da religiosidade popular e de São Severino do Ramos, bem como de seu santuário, tendo em vista contribuir para a compreensão dos fenômenos religiosos e à cultura religiosa no nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. rev. atual. São Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- ANDRADE, José V. **Turismo**: Fundamentos e Dimensões. 8 ed. São Paulo: Ática. 2002.
- ANDRADE, Solange Ramos de. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (org.). **Turismo**: segmentação de mercado. São Paulo: Futura, 1999.
- AQUINO, M. Santo de romaria: cultura e religiosidade popular em morte e vida Severina. **Revista brasileira de história das religiões**. Ano II, Nº 4, 2009. Disponível em: <<http://WWW.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf3/texto15.pdf>>. Acesso em: 22 dez 2012.
- AQUINO, Felipe. **A Intercessão Culto dos Santos**: imagens e relíquias. São Paulo: Cléofas, 2010.
- ARAÚJO, Severino Soares de. **Paudalho**: terra dos engenhos. Recife: Avellar gráfica e editora, 1990.
- ASSIS, Adriano Faria; PEREIRA, Mabel Salgado. **Religiões e Religiosidades**: entre a tradição e a modernidade. São Paulo: Paulinas, 2010.
- AZZI, Riolando. **O Catolicismo popular no Brasil**: aspectos históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BAKKER, N. Romarias: questionamento a partir de uma pesquisa. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 34, fasc. 135, set. 1974.
- BALANZÁ, Isabel Milio, NADAL, Mónica Cabo. **Marketing e comercialização de produtos turísticos**. São Paulo: Thomson, 2003.
- BARRETO, M. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas: Papirus, 1997.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Religiosidade e piedade popular, santuários e romarias**: desafios litúrgicos e pastorais. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENI, M. C. L. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre . Sergio Micelli (org.). **A economia das trocas simbólicas** .7 ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo:** um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Sylvana. “São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil.” In: **História das Religiões no Brasil.** Sylvana Brandão (Org.). Recife: UFPE, 2001. Vol. III

CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. **Diálogos sobre religiosidade popular.** [s.d.] Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogosreligiosidade-N2-2002.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2012.

CARVALHO, Adriany Rosa de Matos. Perfil dos Romeiros de São Severino dos Ramos: um estudo exploratório. **Anais do V Congresso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación –ALAIC,** Chile, 2000. Disponível em: <www.eca.usp.br/alaic/chile2000/.../AdrianyCarvalho.doc> Acesso em: 05 jul. 2012.

CARVALHO, Adriany; NASCIMENTO, Alexandro; ROAZZI, Antonio. **Religiosidades populares e a experiência do lazer:** um estudo com romeiros de São Severino dos Ramos a partir da Teoria das Facetas. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, Rio de Janeiro, 2005.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 3. ed. Brasília: INL/MEC, 1992.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes, 1998.

CIDADES. Disponível em: www.cidades.com.br/cidade/paudalho/002606.html. Acesso em: 14 ago. 2012.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

COMUNICAPAUDALHO. Disponível em: <http://comunicapaudalho.blogspot.com.br/2012/04/milhares-de-romeiros-realizam-maior.html>. Acesso em: 01 set. de 2012.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Como normatizar trabalhos acadêmicos:** projetos, monografias e artigos. Recife: FASA, 2011.

CURY, Anay. Turismo religioso estimula economia de mais de 300 cidades do país. **G1.** São Paulo, 01 de out. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/09/turismo-religioso-estimula-economia-de-mais-de-300-cidades-do-pais.html>. Acesso em: 03 ago. de 2012.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do turismo:** conceitos, normas e definições. São Paulo: Alínea, 2002.

DIOCESE DE ALGOINHAS. Disponível em: <http://diocesedealagoinhas.blogspot.com.br/2011/04/piedade-popular-pode-ser-instrumento-da.html>. Acesso em: DIOCESE DE ALGOINHAS, 2012.

DURKHEIM, E. **A Sociologia de Durkheim.** In: Durkheim Sociologia. Org.: José Albertino Rodrigues. Coordenador: Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1984.

EICHER, Peter. **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

ENCICLOPÉDIA CATÓLICA. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/05001a.htm>. Acesso em: 03 ago. 2012.

ESCOLA BASILIO BATISTA. Disponível em: <http://escolabasilobatista.blogspot.com.br/2011/12/sao-severino-amado-por-muitos-conhecido.html>. Acesso em: 23 ago. 2012.

ESTEIO, José Nunes, **O que é religião**. São Paulo: Do autor, 2012

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Atlas, 1993

FERNANDES, Rubem César. O peso da cruz, manhas, mazelas e triunfos de um sacerdote particular. **Religião e Sociedade**, n. 2-3, Rio de Janeiro, 1990, p. 94-121.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Santos e quase santos S. SEVERINO DO RAMO**, Reproduzido de Autores & Livros suplemento literário de A Manhã, Rio de Janeiro v. III, nº 10, 4 out.1942, p. 20

FUCESP. Disponível em : http://www.fucesp.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=65:conceito-de-religiosidade&catid=39:sacerdotes&Itemid=67>. Acesso em: 12 set. 2012

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOIS, João de Deus. **Religiosidade popular**. São Paulo: Loyola, 2004.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

JC ON LINE. Disponível em: http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1411/cp1411_5.htm. Acesso em 27 set. 2012.

JORGE, J. S. **Cultura religiosa**. São Paulo: Loyola, 1994.

KOTLER, Philip.. **Administração de Marketing**: a edição do novo milênio. 10.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LEMOS, Carolina Teles. **Religião e sentido da vida**. Disponível em: <http://professor.ucg.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/3689/material/8.RELIGI%C3%>. Acesso em: 25 set. de 2012.

LICKORISH, Lionard J; JENKINS, Carson L. **Introdução ao turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MARINHO, Alba Lúcia da Silva. Mito e Expressões de Rito: São Severino Mártir do Engenho Ramos. *In: III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador, 2007.

Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/AlbaLuciadaSilvaMarinho.pdf>. Acesso em: 16 set. 2012.

_____. **O sagrado na teia das redes geográficas do turismo em Pernambuco**: Um estudo sobre o Santuário de São Severino Paudalho-Pernambuco. 2008. 175 f, Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MARTINS, José Clerton de Oliveira Martins; LEITE, Liliana. **Pagando promessa, buscando esperança - percepções sobre a romaria e religiosidade popular**. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Pagando_promessa_buscando_esperanca_e_percepcoes_sobre_a_romaria_e_religiosidade_popular. Acesso em 18 nov. 2012.

MELEVAVOVO. Disponível em: <http://melevavovo.blogspot.com.br/2011/02/sao-severino-dos-ramos.html>. Acesso em 12 set. 2012.

MELHY, Jose Carlos S. B. **Conceito de religiosidade popular**. São Paulo: Paulinas, 1978.

MENDES, N. M. **Sistema Político do Império Romano do Ocidente**: Um Modelo de Colapso. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2002.

MENEZES, Renata de Castro. Devoção e diversão, a festa da Penha (RJ) como uma romaria. **Revista Eclesiástica Brasileira: REB**, n. 238, Petrópolis, jun. 2000, p. 312-340

MTUR. Turismo Cultural: orientações básicas. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 17 set. de 2012.

OARCANJO. Disponível em: <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/testemunhos/sao-severino/#.USkQwKLFXj8>. Acesso em: 23 set. 2012.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e desenvolvimento**: planejamento e organização. 4.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Catolicismo popular e mudança social. CEI Suplemento. **Religiosidade Popular**. N. 12, p 3-11, set. 1975.

_____. **Religião e dominação de classes**. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **“Pequenos Santos”**: uma devoção familiar. Disponível em: http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/33/pdf_5. Acesso em: 03 dez. 2012.

OMT, **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PADEM, Willian E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceber a religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

PEREIRA, José Carlos. A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo. **Revista de**

- Estudos da Religião.** São Paulo, n. 3, p.67-98, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf> Acesso em: 28 jul. 2012.
- RAMOS, Aline C. P A, ; NUNES, E. A. ; MAGALHAES, R. V. B. M. . São Severino do Ramos e devoção. *In: III Colóquio de História Brasil 120 anos de República*, 2009, Recife. **Anais Eletrônicos**. Recife : FASA, 2009. v. I. p. 210-219.
- RAMOS, Aline C. P A, . A procura do milagre: a romaria ao Santuário de São Severino dos Ramos na cidade de Paudalho PE. *In: I Seminário Nacional Poderes e Sociabilidades na História*, 2009, Recife. **Anais Eletrônicos do I Seminário Nacional Poderes e Sociabilidades na História**, 2009. p. 01-12.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Religiosidade popular. s.d.** Disponível em: <http://pensocris.vilabol.uol.com.br/religiosidade.htm>. Acesso em: 29 de ago. de 2012.
- SEMERARO, Cosimo. **Leitura e interpretação da Piedade Popular:** forma e desenvolvimento da piedade popular. Prospectiva histórica. Tradução: Pe. João Mendonça. 2008. Disponível em: <http://www.isma.org.br/artigos/piedade.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2012.
- SIMMEL, G. **Questões Fundamentais da Sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SILVA, E.L.DA; MENEZES. E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação, UFSC**, 4. ed. Ver. Atual, Florianópolis: 2005.
- SOUZA, Ney de. **Concílio Vaticano II.** Disponível em: http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/contexto_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 22 jul. 2012.
- STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias:** um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.
- STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etmológicas e interpretações antropológicas. *In: ABUMANSSUR, Edin S. Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo.* São Paulo: Papirus, 2003.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Catolicismo Plural -** dinâmicas contemporâneas. São Paulo: Vozes, 2009.
- TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **O pentecostalismo em contextos de violência:** reflexões sobre religiosidade popular. 2006. 58 f. Monografia de conclusão de curso (graduação) – Curso de Ciências Sociais, UERJ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d38-cteixeira.pdf>. Acesso em: 15 ago. de 2012.
- THEOBALD, William F. (Org). **Turismo global.** São Paulo: Senac, 2001.
- UNIVERSO CATOLICO. Disponível em: <http://www.universocatolico.com.br/index.php?o-catolicismo-popular-no-brasil.html>. Acesso em: 18 dez. de 2012.
- VALLA, Victor Vicent (org). **Religião e cultura popular.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VATICAN. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/index_po.htm. Acesso em: 13 de ago. 2012.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing Turístico: Receptivo e Emissivo**: Um Roteiro Estratégico para Projetos Mercadológicos Públicos e Privados. São Paulo: Pioneira, 1999.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil colonial**. Rio do Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

WOODWARD, Kenneth L. **A fábrica de santos**. São Paulo: Siciliano, 1992.

XAVIER, Marlon. O conceito de religiosidade em C. G. Jung. **Psico**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 183-189, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1433/1126>. Acesso em: 30 ago. de 2012.

APÊNDICE A

Questionário

UNICAP - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

Dissertação para a conclusão do Curso de Ciências da Religião

Idade: _____ Sexo: () M () F Local de origem: _____

Visita o Santuário de São Severino do Ramos:

- () Só () Em Família () Em grupo
 () Em Casal () Com Amigos

Escolaridade: () Fundamental Completo () Médio Completo () Superior Completo.
 () Fundamental Incompleto () Médio Incompleto () Superior Incompleto.

Renda familiar:

- () Até 2 SM () De 5 a 10 SM
 () De 2 a 5 SM () Mais que 10 SM

01-Fora o Domingo de Ramos, quantas vezes por ano visita o Santuário de São Severino do Ramos?

- () 1 vez
 () De 2 a 4 vezes
 () Mais que 4 vezes

02-Habitualmente retorna no Domingo de Ramos

- () Sim () Não

03-Quanto tempo costuma permanecer na cidade de Paudalho para a visita?

- () Menos que 1 dia () De 1 a 3 dias () Mais que 3 dias

04-O que você conhece sobre a história de São Severino do Ramos?

05-O que você busca quando visita o Santuário?

- () Proteção () Cura () Todas as alternativas
 () Prosperidade () Paz () Outros Qual? _____

06-No momento da visita você:

- () Agradece as graças recebidas
 () Pede proteção
 () Realiza pedidos
 () Todas as alternativas

07-Quando vem ao Santuário você sente necessidade de ver e se aproximar da imagem de São Severino do Ramos?

- () Sim () Não

08-Você possui uma imagem de São Severino do Ramos em sua casa?

- () Sim () Não

09-Mantém o hábito de fazer orações diariamente para o santo?

- () Sim () Não

10-Você acredita ter recebido alguma graça de São Severino do Ramos?

- () Sim () Não

11-Em caso afirmativo, qual seria esta graça?

- () Proteção () Cura () Recebeu mais de uma graça
 () Prosperidade () Outros Qual? _____

12-Quando vem ao Santuário costuma trazer:

- Algum pertence para benzer Um objeto para agradecer
 Velas Não traz nenhum objeto
 Outros Qual: _____

13-Costuma levar alguma recordação do Santuário?

- Sim Não
 Imagem Fitas Medalha Velas
 Todas as alternativas Outro Qual: _____

14-Costuma fazer doações para o Santuário?

- Sim Não

15-Quando vem ao Santuário, costuma visitar:

- Somente a Capela onde se encontra a imagem de São Severino do Ramos
 A Capela e o Museu dos ex-votos
 A Capela, o Museu dos ex-votos, O Cemitério e a Água Milagrosa

16-Considera que a estrutura existente no Santuário (estacionamento, sanitários, alojamento, ambientes para refeições, entre outros) é satisfatória ?

- Sim Não

APÊNDICE B

Questionário utilizado na pesquisa

UNICAP - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Dissertação para a conclusão do Curso de Ciências da Religião

Idade: 48 Sexo: () M (x) F Local de origem: Elitânia - PE

Escolaridade: () Fundamental Completo () Médio Completo () Superior Completo
() Fundamental Incompleto (x) Médio Incompleto () Superior Incompleto

Renda familiar:
(x) Até 2 SM () De 5 a 10 SM
() De 2 a 5 SM () Mais que 10 SM

Visita o Santuário de São Severino do Ramos:
() Só (x) Em Família () Em grupo
() Em Casal () Com Amigos

01-Fora o Domingo de Ramos, quantas vezes por ano visita o Santuário de São Severino do Ramos?

(x) 1 vez
() De 2 a 4 vezes
() Mais que 4 vezes

02-Habitualmente retorna no Domingo de Ramos

(x) Sim () Não

03-Quanto tempo costuma permanecer na cidade de Paudalho para a visita?

(x) Menos que 1 dia () De 1 a 3 dias () Mais que 3 dias

04-O que você conhece sobre a história de São Severino do Ramos?

que é um santo milagroso

05-O que você busca quando visita o Santuário?

() Proteção (x) Cura () Todas as alternativas
() Prosperidade () Paz () Outros Qual? _____

06-No momento da visita você:

(x) Agradece as graças recebidas
() Pede proteção
() Realiza pedidos
() Todas as alternativas

07-Quando vem ao Santuário você sente necessidade de ver e se aproximar da imagem de São Severino do Ramos?

(x) Sim () Não

08-Você possui uma imagem de São Severino do Ramos em sua casa?

(x) Sim () Não

09-Mantém o hábito de fazer orações diariamente para o santo?

(x) Sim () Não

10-Você acredita ter recebido alguma graça de São Severino do Ramos?

(x) Sim () Não

11-Em caso afirmativo, qual seria esta graça?

() Proteção (x) Cura () Recebeu mais de uma graça
() Prosperidade () Outros Qual? _____

12-Quando vem ao Santuário costuma trazer:

() Algum perfume para benzer () Um objeto para agradecer
(x) Velas () Não traz nenhum objeto
() Outros Qual? _____

13-Costuma levar alguma recordação do Santuário?

Sim () Não

() Imagem Fitas () Medalha () Velas
() Todas as alternativas () Outro Qual: _____

14-Costuma fazer doações para o Santuário?

Sim () Não

15-Quando vem ao Santuário, costuma visitar:

() Somente a Capela onde se encontra a Imagem de São Severino do Ramos
() A Capela e o Museu dos ex-votos
 A Capela, o Museu dos ex-votos, O Cemitério e a Água Milagrosa

16-Considera que a estrutura existente no Santuário (estacionamento, sanitários, alojamento, ambientes para refeições, entre outros) é satisfatória?

() Sim Não

APÊNDICE C

Quadro demonstrativo dos resultados

Quadro demonstrativo dos resultados

Ref	Questão	Nº	
Perfil	Idade em anos	Abaixo de 20	15
		Entre 21 e 30	14
		Entre 31 e 40	17
		Entre 41 e 50	27
		Entre 51 e 60	12
		Acima de 60	15
	Gênero	Masculino	48
		Feminino	52
	Local de origem	Itambé-PE	5
		Juripiranga-PB	8
		Queimados-PB	5
		Gravatá-PE	9
		Vitória-PE	9
		Santa Maria-PE	5
		P. de Fogo-PB	8
		Buenos Aires-PE	3
		Machados-PE	4
		Taquaritinga do Norte-PE	6
		Gurinhem-PB	4
		Bujari-PE	3
		Paudalho-PE	8
		Bezerros-PE	3
		Recife-	14
		Goiana-PE	2
	Itamaracá-PE	4	
	Escolaridade	Fundamental Completo	17
		Fundamental Incompleto	39
		Médio Completo	25
		Médio Incompleto	11
		Superior Completo	5
		Superior Incompleto	3
	Renda familiar	Até 2 SM	53
		De 2 a 5 SM	38
De 5 a 10 SM		9	
Mais que 10 SM		0	

Quadro demonstrativo dos resultados (cont.)

Perfil	Como visita o Santuário	Só	8
		Em casal	12
		Em família	35
		Com amigos	23
		Em grupo	22
Questões	1 – Fora o Domingo de Ramos, quantas vezes ao ano visita o Santuário	1 vez	53
		De 2 a 4 vezes	28
		Mais que 4 vezes	8
		No Domingo de Ramos	11
	2- Habitualmente retorna no Domingo de Ramos	Sim	82
		Não	18
	3 – Quanto tempo permanece em Paudalho para a visita	Menos que 1 dia	73
		De 1 a 3 dias	19
		Mais que 3 dias	8
	4 – O que você conhece sobre a história de São Severino do Ramos	Que era um soldado	11
		Que é um santo milagreiro	26
		É um santo muito poderoso	9
		Era um soldado que batalhava para haver justiça, igualdade entre os homens. Foi enterrado e o corpo ficou seco e por isso foi canonizado	1
	5 – O que você busca quando visita ao Santuário	Proteção	9
		Prosperidade	14
		Cura	32
		Paz	8
		Todas as alternativas	29
		Outros	8
	6 – No momento da visita você:	Agradece as graças recebidas	42
		Pede proteção	17
		Realiza pedidos	18
		Todas as alternativas	23
	7 - Quando da visita, sente necessidade de ver e se aproximar da imagem de São Severino do Ramos	Sim	100
		Não	0
	8 – Você possui uma imagem de São Severino do Ramos em sua casa	Sim	57
		Não	43

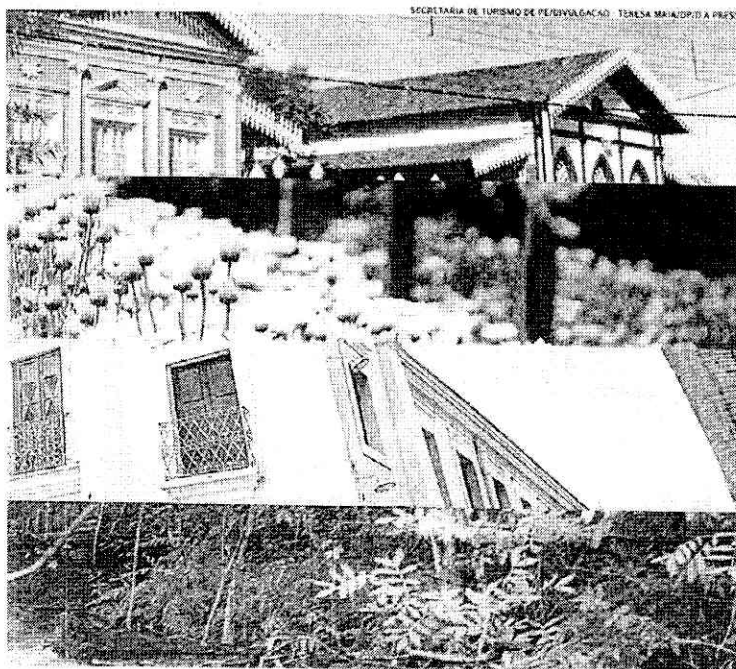
Quadro demonstrativo dos resultados (cont.)

	9 – Mantém o hábito de fazer orações diariamente para o santo	Sim	93
		Não	7
	10 – Você acredita ter recebido alguma graça de São Severino do Ramos	Sim	98
		Não	2
	11 – Em caso afirmativo, qual seria essa graça	Proteção	23
		Prosperidade	0
		Cura	41
		Outros	27
		Recebeu mais de uma graça	23
	12 – Quando vem ao Santuário costuma trazer:	Algum pertence para benzer	11
		Um objeto para agradecer	17
		Velas	42
		Não traz nenhum objeto	8
	13 – Costuma levar alguma recordação do Santuário	Outros	22
		Sim	95
		Não	5
		Imagem	9
		Medalha	19
		Fitas	31
		Velas	17
		Todas as alternativas	17
Outro	7		
	14 – Costuma fazer doações para o Santuário	Sim	52
		Não	48
	15 - Quando vem ao Santuário o que costuma visitar	Somente a Capela onde se encontra a imagem de São Severino do Ramos	22
		A Capela e o Museu dos ex-votos	25
		A Capela, o Museu dos ex-votos, O Cemitério e a Água Milagrosa	53
	16 - Considera que a estrutura existente no Santuário	Sim	31

	(estacionamento, sanitários, alojamento, ambientes para refeições, entre outros) é satisfatória	Não	69
--	---	-----	----

ANEXO A

Roteiros turísticos na Zona da Mata



SECRETARIA DE TURISMO DE PERNAMBUCO. TERESA MAIA/DP/1 A PRESS

ZONA DA MATA

Paudalho

O município de Paudalho, a 42 km do Recife, faz parte de um roteiro religioso. O santuário de São Severino dos Ramos atrai milhares de fiéis à cidade todos os anos.

Santuário de São Severino dos Ramos

O Santuário de São Severino dos Ramos faz de Paudalho a terceira maior cidade de romaria do Brasil. Fica localizado na Capela de Nossa Senhora da Luz, no Engenho dos Ramos, a 5km da entrada da cidade.

Principais datas no santuário: Domingo de Ramos (um domingo antes da Páscoa) e o dia em homenagem ao santo, 8 de janeiro.

Endereço: Na BR-408, após a entrada de Paudalho, entrar à direita na Estrada dos Ramos. São 3km até o Santuário.

Horário: todos os dias, das 7h às 16h

Ruínas do Mosteiro de São Francisco

Outro atrativo turístico da cidade são as ruínas do Mosteiro de São Francisco, local que serviu de refúgio a vários religiosos na época da ocupação holandesa no estado, no século 17. É o único patrimônio histórico da cidade tombado pelo Iphan.

Endereço: Na BR-408, após a entrada de Paudalho, entrar à direita, como se estivesse indo para São Severino dos Ramos. As ruínas ficam a cerca de 2 km da rodovia.

Secretaria de Cultura e Turismo de Paudalho
F. (81) 3636.1247

Festa de São Sebastião

Em 2013 aconteceu a 144ª festa em homenagem à São Sebastião, celebrado no dia 20 de janeiro. A maior festa popular religiosa da cidade dura uma semana, sempre no primeiro mês do ano.

Chã Grande

A 72 km do Recife, é a cidade que se encontra no ponto mais alto da Serra das Russas. A localização proporciona belas vistas, com paisagens repletas de montes.

Paisagens naturais

Em Chã Grande, três pontos são conhecidos pela beleza natural. O Vale dos Caldeirões fica a cinco minutos do centro da cidade. São várias rochas imensas margeadas pelo Rio Ipojuca. Outro ponto famoso da cidade é a Pedra da Onça, com 20 metros de altura, ideal para a prática de esportes radicais. A prefeitura está revitalizando a área para montar uma tirolesa e a estrutura de rapel. A 20 minutos do centro, fica a Serra do Lampião, de onde se tem uma vista ampla de toda a Mata Sul do estado. A cidade também recebe turistas na Cachoeira de Vertentes, cortada pelo Rio Verte, ótima para tomar banho. Não há guias turísticos no município, mas pode-se agendar um tour com funcionários da prefeitura.

F. Secretaria de Turismo: (81) 3537.1140 / 9254.3208

Hotel Highlander

O hotel fica localizado numa área rural, com estrutura bem familiar. Originalmente, era uma fazenda de criação de gado, construída em 1898. Quem quiser, pode ir para passar o dia, das 8h às 17h, usufruindo das dependências do hotel. Tem piscina, restaurante, biblioteca, além de passeio a cavalo e trilha pelo terreno.

Preços: Estadia por um dia, com uma suíte de apoio, R\$ 90 por casal

Passeio a cavalo: R\$ 35 por pessoa, por 1h

Endereço: BR-232, km 70, Fazenda Água Fria
F. (81) 3515-1517 / 9972-0401

para chegar lá

CARUARUENSE | Bezerres e Chã Grande
Bezerres: a partir das 4h50, com partidas a cada hora, até as 19h. **Chã Grande:** a partir das 5h50, com partidas a cada hora, até as 20h. Saída todos os dias.
Valores: R\$ 9,30 (Chã Grande) e R\$ 14,50 (Bezerres)
F. 3452-2500

PROGRESSO | Belo Jardim
Horários: 6h, 7h30, 8h, 10h10, 11h30, 13h50, 15h10, 16h40, 17h10, 18h40, 20h15 e 20h40. Saída todos os dias. **Valores:** R\$ 28,30 ônibus convencional (realizando paradas) e R\$ 32,40 ônibus expresso.
F. 3255-0748

EXPRESSO 1002 | Paudalho
Horários: a partir das 4h40, com saídas a cada 10 minutos, até as 21h. Todos os dias.
Valor: R\$ 5,90 (ônibus convencional, realizando paradas)
F. 3424.3196 / 2137.2500

BORBOREMA | Bonito e Chã Grande
Horários: a partir das 6h20, com saídas a cada uma hora, até as 18h20. Todos os dias. **Valor:** Bonito - R\$ 20,70 e Chã Grande - R\$ 8,50. Os ônibus vão realizando paradas.
F. 3452.2859

* O TIP fica na BR 232, KM 15, bairro do Curado, Recife. F. 3207.0088 / 3452-0314

LOCALIZA | A reserva do carro pode ser feita por telefone ou online. Valores: o aluguel do carro simples (econômicos, com duas portas) fica a partir de R\$ 99,90, a diária, mas pode chegar até R\$ 487 com os mais sofisticados. **Endereços:** Aeroporto dos Guararapes - Hall do aeroporto (Atendimento 24 horas), F. 3471-7329 e agência Centro - Avenida Visconde de Jequitinhonha, 1145 (de segunda a sábado das 8h às 20h, Domingos e feriados das 8h às 14h). F. 3061-1777

HERTZ | As reservas são feitas online e por telefone. Valores: a partir de R\$ 110, a diária de veículos econômicos, com quilometragem livre, podendo chegar a R\$ 235 no caso de carros completos - com ar condicionado e motor 1.8. **Endereços:** Av. Mai Mascarenhas de Moraes - 4800
Horário: todos os dias, das 7h às 19h.
F. 3338-2102